

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO – UENF  
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM – CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA – PPGSP  
LABORATÓRIO DE ESTUDOS DA SOCIEDADE CIVIL E DO ESTADO – LESCE

JHENIFFER VIEIRA DE ALMEIDA

SERVIR E OBEDECER: POLÍTICA E RELIGIÃO POR MEIO DE CABOS ELEITORAIS  
NEOPENTECOSTAIS

CAMPOS DOS GOYTACAZES

2017

JHENIFFER VIEIRA DE ALMEIDA

**SERVIR E OBEDECER: POLÍTICA E RELIGIÃO POR MEIO DE CABOS  
ELEITORAIS NEOPENTECOSTAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Prof. Dr. Vitor de Moraes Peixoto

Campos dos Goytacazes, RJ

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca do **CCH / UENF**

017/2017

A447 Almeida, Jheniffer Vieira de.

Servir e obedecer : política e religião por meio de cabos eleitorais neopentecostais / Jheniffer Vieira de Almeida – Campos dos Goytacazes, RJ, 2017.

114 f. : il.

Orientador: Vitor de Moraes Peixoto.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias, 2017.

Bibliografia: f. 107 – 110.

1. Cabos Eleitorais. 3. Religião e Política. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

II. Título.

CDD – 322.1

JHENIFFER VIEIRA DE ALMEIDA

**SERVIR E OBEDECER: Política e religião por meio de cabos eleitorais  
neopentecostais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

BANCA EXAMINADORA



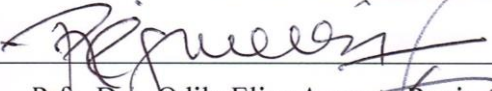
---

Prof. Dr. Vitor de Moraes Peixoto – UENF – Orientador



---

Prof. Dr. Roberto Dutra Torres Júnior – UENF



---

Prfa. Dra. Odile Elise Augusta Reginensi (Catherine Reginensi) - UENF



---

Prof. Dr. Renato Barreto de Souza – IFF

Campos dos Goytacazes

2017

À Simone, minha mãe que me dedicou toda sua juventude,  
Ao Enis Francisco, meu pai por todos seus sacrifícios,  
À Stefany, minha irmã que tanto me ensinou,  
Ao Stivy que estaria orgulhoso se estivesse aqui,  
Ao Jhenison, meu irmão, super-herói-marinheiro,  
Ao Erick, meu melhor presente, meu melhor sorriso e coração,  
E à Jocélia, minha eterna vó Jô que de cima, muito se alegra e ainda cuida de mim.

## AGRADECIMENTOS

Ao dono do universo e de toda a natureza existente, por sua imensidão e cuidado, pela proteção e amor incondicional que nessa cultura conhecemos pelo nome de Deus.

Ao professor Vitor Peixoto, por ter aceitado orientar esse trabalho e me inserir em seu grupo de pesquisa sempre afirmando a importância de um trabalho com cabos eleitorais.

Ao NERD e toda a equipe – Gabriel Tisse, Ana Beatriz Xavier, João Gabriel Leal e Diego Belo - pela estrutura técnica e pessoal, pelas manhãs, tarde e até mesmo noites de intensos e também prazerosos trabalhos. Sem essa equipe, é bem provável que este trabalho não existisse.

Ao Nelson Goulart, amigo e companheiro de trabalho, que se dedicou e confiou em mim mesmo quando eu já estava desistindo. Por ser técnico de informática, professor, revisor e excelente coautor. Muito obrigada por me forçar a trabalhar e me animar todas as vezes que eu estava desesperada e por também ver qualidade neste empreendimento.

Aos professores Roberto Dutra e Renato Barreto por terem se predisposto a participar da avaliação mesmo recebendo o trabalho em curto espaço de tempo e terem contribuído com seus importantes comentários a fim de melhorar este trabalho.

A professora Catherine Reginensi pelas contribuições metodológicas e por estar presente na banca examinadora com seus importantes comentários.

A CAPES pela bolsa de pesquisa que sustentou todo o trabalho permitindo a construção do mesmo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF, colegas, professores e funcionários pelos 24 meses de convivência.

Ao grupo social pela recepção e contribuição, porque sem campo não se faz trabalho etnográfico. E em muitos momentos eles foram e são mais do que sujeitos de pesquisa, mostrando-se verdadeiros companheiros nessa minha jornada, dando valor a este trabalho e contribuindo de diversos modos para ele. Em especial, ao líder e Maria por terem me inserido ao grupo e a sua família e contribuído com a pesquisa.

Aos professores: Carlos Eugênio (UFF), Andréa Paiva (UFF) e Geovana Tabachi (UFF) por incentivarem e contribuírem para a minha continuidade na academia.

Aos amigos Luiza Pessanha, Alessandra Bernardo, Bruna Rodrigues, Laís Rodrigues, Jenifer Salvador, Rafael França, Théssila Stellet e Reginaldo Jr. por apoio e doses de ânimo.

Às amigas Thaysa Souza e Maiara Abreu por se preocuparem com este trabalho e serem minhas revisoras.

A toda minha família, pela rede de apoio que foram e são. Em especial a minha avó Jô que até seu último momento de vida orgulhava-se de sua neta não consanguínea.

A todos os amigos que durante essa jornada de 24 meses tiveram contribuições em doses de ânimo, analgésicos ou outros estimulantes sempre à mão para remediação das dores acadêmicas, físicas e psicológicas.

A minha mãe Simone por ser a pessoa mais maravilhosa que conheço que sempre confiou e acreditou na realização desse trabalho, tendo preocupação e cuidado para que eu o realizasse com saúde e vitalidade. Por sempre me obrigar a comer e parar as leituras ou escritas, para tal. Por sorrir de alegria e sempre dizer: “você se preocupa à toa!” Ou ainda, “para Jheni! Você vai conseguir!” Como não amar essa mãe?

Apenas no campo temos a oportunidade de conhecer uma pessoa ou um livro.

Cyril Connolly



## RESUMO

Este trabalho é um estudo de caso de um grupo de cabos eleitorais voluntários vinculados ao Partido Republicano Brasileiro (PRB) e pertencentes a uma mesma denominação religiosa, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) durante a campanha eleitoral em Campos dos Goytacazes no ano de 2016. Apresenta os resultados das relações entre os cabos eleitorais, o grupo religioso e político a qual pertenciam. Tem como pressuposto que não somente a relação mercantil e/ou clientelista pode explicar a interação entre cabos eleitorais e políticos. O objetivo central da pesquisa foi de verificar a existência, a força e o significado dos vínculos celebrados entre os atores das duas frentes, a esfera religiosa e a esfera política, compreendê-las e assim propor uma terceira via de argumentação sobre o tema. Para tal, as técnicas e os procedimentos utilizados foram os da metodologia qualitativa e estruturam uma análise de dois momentos. No primeiro momento, utilizo do método etnográfico combinado a teoria fundamentada para o acompanhamento do caso selecionado desde janeiro de 2016, até outubro de mesmo ano. No segundo momento de análise, empreguei entrevistas estruturadas com os atores que ocuparam papéis nos três cenários resultantes do processo de conformação da campanha: o palco religioso, político, e no subproduto da interseção entre estes. O principal achado é o de que os cabos eleitorais interseccionam os fortes vínculos entre o grupo religioso e político. Vínculos estes, que são institucionais e ideológicos. Laços e relações de confiança encontrados no partido, derivam das relações de amizade e parentesco encontradas no grupo religioso e também em seus cultos. Ademais, os cabos eleitorais voluntários afirmam em unanimidade que “fazer o bem”, “fazer uma política limpa” e “diferente” da presente situação, seriam motivos e estímulos para a pertença. E mantém a esperança em possíveis benefícios – emprego – e caso não se consiga este benefício terreno, permanecem pela espera e crença em bênçãos extramundanas. Implicitamente, creem que “Deus” seria o orientador de suas práticas.

**PALAVRAS CHAVE:** Cabos eleitorais; Política; Religião.

## ABSTRAT

This work is a case study of a group of voluntary electoral cables linked to the Brazilian Republican Party (PRB) and belonging to the same denominational religion, the Universal Church of the Kingdom of God (IURD) during the electoral campaign in Campos Of Goytacazes in the year 2016. It presents the results of the relations between the electoral cables, the religious and political group to which they belonged. It presupposes that not only the mercantile and / or clientelist relationship can explain the interaction between electoral and political cables. The central objective of the research was to verify the existence, the strength and the meaning of the bonds celebrated between the actors of the two fronts, the religious sphere and the political sphere, to understand them and thus to propose a third way of argumentation on the subject. For that, the techniques and procedures used were those of the qualitative methodology and structure a two-point analysis. In the first moment, I use the ethnographic method combined with the grounded theory to follow the case selected from January 2016 until October of the same year. In the second moment of analysis, I employed structured interviews with the actors who played roles in the three scenarios resulting from the process of conformation of the campaign: the religious and political scene and the by-product of the intersection between them. The main finding is that the electoral cables intersect the strong links between the religious and political group. These are institutional and ideological links. Ties and relationships of trust found in the party derive from the relations of friendship and kinship found in the religious group and also in their worship services. In addition, the voluntary electoral cables affirm in an unanimity that "doing good", "making a clean policy" and "different" from the present situation, would be reasons and incentives for belonging. And it holds hope for possible benefits - employment - and if this land benefit is not achieved, they remain by waiting and believing in extramundane blessings Implicitly, they believe that "God" would be the guiding force of their practices.

**KEYWORDS:** Electoral cables; Policy; Religion.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABC	Associação Beneficente Cristã
AL	Alagoas
AM	Amazonas
Art.	Artigo
CDC	Código de Defesa do Consumidor
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
Conamad	Convenção Nacional das Assembleias de Deus
CPF	Cadastro de Pessoas Físicas
DEM	Democratas
EBI	Escola Bíblica Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FJU	Força Jovem Universal
Funai	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBURD	Instituto Bíblico Universal do Reino de Deus
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
MG	Minas Gerais
MPE	Ministério Público Eleitoral
MPT	Ministério Público do Trabalho
NUAP	Núcleo de Antropologia da Política
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PC do B	Partido Comunista Do Brasil
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PE	Pernambuco
PL	Partido Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMN	Partido Da Mobilização Nacional
PMR	Partido Municipalista Renovador
PP	Partido Progressista
PPB	Partido Progressista Brasileiro
PPL	Partido Pátria Livre
PR	Partido Da República
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PROS	Partido Republicano Da Ordem Social
PRP	Partido Republicano Progressista
PSC	Partido Social Cristão
PSD	Partido Social Democrático

PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSTU	Partido Socialista Dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido Dos Trabalhadores
PT do B	Partido Trabalhista Do Brasil
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTC	Partido Trabalhista Cristão
PTN	Partido Trabalhista Nacional
PV	Partido Verde
RJ	Rio de Janeiro
RO	Roraima
RR Soares	Romildo Ribeiro Soares
SD	Solidariedade
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
TFTeen	Turminha da Fé Teen
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
TV	Televisão

## LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

Figura 1 – Localização dos 48 templos da IURD em Campos dos Goytacazes, com destaque para as 5 IURD visitadas.	17
Figura 2 – Estrutura Hierárquica da IURD por Cargos no Brasil	33
Figura 3 - O senhor lê a bíblia durante a viagem	67
Figura 4 – Parada no Oasis de Casemiro.	68
Figura 5 – Candidatos da lista partidária de 2016	76
Figura 6 – Comício: Bandeiras erguidas	79
Figura 7 – Multidão presente no comício	79
Figura 8 – Reunião política com a presença do senador do Rio de Janeiro no PRB	80
Figura 9 – Detalhe da mesa de café.	80
Figura 10– O vereador Elias recebido pelo público iurdiano	82
Figura 11– Corte de cabelo	83
Figura 12– Crianças na fila do pula-pula	84
Figura 13 – Momento da brincadeira com as crianças: “dança das cadeiras”	84
Figura 14 – “Oração aos pés da cruz”	85
Figura 15 – Figura 15 – Sorteios	85
Figura 16 – Distribuição das canjicas	85
Figura 17 – Chegada à comunidade	88
Figura 18 – Momento do sorteio	90
Figura 19 – Molho sendo feito no fogão a lenha	93
Figura 20 – Caminhão com as doações	93
Figura 21 – Pessoas da comunidade	94
Figura 22 – Momento do sorteio	94
Figura 23 – Entrega da cesta básica sorteada	95
Figura 24 – Corte de cabelo	95
Figura 25 – Material usado na educação de saúde bucal	96
Figura 26 – Momento da oração	97
Figura 27 – Perfil dos Cabos eleitorais entrevistados	114

## SUMÁRIO

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	22
INTRODUÇÃO .....	12
1. MÉTODO.....	15
1.1. Etnografia: A observação Participante.....	17
1.2. Entrevistas e aplicação de questionários .....	19
2. A ANTROPOLOGIA DA POLÍTICA.....	20
<b>2.1. Introdução.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2. A antropologia da política e a aplicação do método etnográfico .....</b>	<b>22</b>
<b>2.3. Considerações Finais.....</b>	<b>24</b>
3. POLÍTICA E RELIGIÃO .....	24
3.1. Neopentecostalismo .....	26
<b>3.1.1. Introdução.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1.2. IURD: uma igreja Neopentecostal.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1.3. Considerações Finais.....</b>	<b>33</b>
3.2. Seleção de Candidatos .....	34
<b>3.2.1. Introdução.....</b>	<b>34</b>
<b>3.2.2. A Seleção .....</b>	<b>34</b>
<b>3.2.3. O caso do PRB .....</b>	<b>40</b>
<b>3.2.4. Considerações finais .....</b>	<b>42</b>
4. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE OS CABOS ELEITORAIS.....	43
4.1. Introdução .....	43
4.2. Debate no senado .....	44
<b>4.2.1. Notícias .....</b>	<b>46</b>
4.3. Discussão em etnografias políticas .....	50
4.4. Considerações finais.....	57

5.	ANÁLISES .....	57
5.1.	Introdução .....	57
5.2.	Cabos eleitorais: definição a partir da observação do campo .....	58
5.3.	Eventos religiosos .....	61
5.3.1.	<b>Cultos</b> .....	61
5.3.2.	<b>Caravana Templo de Salomão</b> .....	65
5.4.	Eventos Políticos .....	69
5.4.1.	<b>A entrevista com o líder João</b> .....	69
5.4.2.	<b>Reuniões Políticas</b> .....	71
	<b>Figura 6 – Comício: Bandeiras erguidas</b> .....	77
5.4.3.	<b>A Eleição (02/10/2016)</b> .....	79
5.5.	Festas .....	80
5.5.1.	<b>A Páscoa na comunidade de Vivendas (27/03/2016)</b> .....	81
5.5.2.	<b>Festa Julina na comunidade de Mimosa (02/07/2016)</b> .....	85
5.5.3.	<b>Churrasco da Independência (07/07/2016)</b> .....	90
5.5.4.	<b>Natal na comunidade Mimosa (22/01/2017)</b> .....	91
5.6.	Cabos eleitorais: Autoanálise .....	96
5.7.	Considerações finais .....	100
	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	103
5.8.	O uso da teoria fundamentada .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
5.9.	<b>Sobre a teoria fundamentada</b> .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
	REFERÊNCIAS .....	107
	Legislação .....	108
	Notícias .....	109
	Sites .....	109
	ANEXOS .....	111

ANEXO A. MODELO DE QUESTIONÁRIO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS COM OS CABOS ELEITORAIS .....	111
<i>Política/ Religião</i> .....	111
<i>Sobre o PRB</i> .....	111
<i>Dados gerais/ Perfil</i> .....	112
ANEXO B. PERFIL DOS CABOS ELEITORAIS ENTREVISTADOS .....	114



## INTRODUÇÃO

Segundo os dados do IBGE, os evangélicos no Brasil saltam de 2,6% em 1940, para 6,6% em 1980 e, em 2010, já somavam 22,2%. Católicos eram 95,2% em 1940; declinando para 89,2% em 1980 e, em 2010, compunham 64,6%.(MARIANO, 2015, p. 345) Percebe-se desse modo, a expansão de evangélicos e declínio dos católicos no Brasil.

Entre as décadas de 1990 e 2010, Mariano (2015) afirma um aumento de evangélicos em Câmaras Federais do Brasil. Tendo declínio em 1990 e 2006, devido a escândalos com corrupção. (MARIANO, 2015) A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), além de lançar seus líderes<sup>1</sup> como candidatos (MACHADO, 2006; MARIANO, 2015) também mobilizam seus fiéis para trabalhar em campanhas eleitorais. E ao lado da Assembleia de Deus) tem “maior visibilidade pública e sucesso na política partidária”.(MARIANO, 2004, p. 122)

Deste modo, é relevante acompanhar o trabalho que os membros da IURD têm desempenhado na política. Pensar a interseção das esferas religiosa e política por meio do trabalho dos cabos eleitorais, observar a sua dinâmica, motivação, coesão, benefícios e coerção para manutenção do grupo. Ainda não encontrei trabalhos acadêmicos que foquem na atuação de cabos eleitorais. Muito menos que pensassem a possibilidade de os mesmos estarem vinculados a alguma igreja evangélica.

A importância do trabalho de cabos eleitorais gerou recente discussão, trazendo mudanças na legislação eleitoral do Brasil. Conhecido como minirreforma eleitoral, o projeto de lei número 441/2012 tinha como justificativa, reduzir os altos custos das campanhas eleitorais brasileiras. Dentre as alterações, têm-se a diminuição do tempo de campanha eleitoral, de três meses para dois meses.

A partir desse pressuposto, o trabalho dos cabos eleitorais voluntários vinculados a IURD foi analisado, onde foram observados o trabalho dos mesmos e seus cotidianos, na atuação política do Partido Republicano Brasileiro (PRB) em Campos dos Goytacazes nas eleições municipais de 2016. Tendo como método a etnografia da política, no acompanhamento das reuniões do PRB, cultos da IURD e festas organizadas pelo grupo social da IURD, que compreendia os cabos eleitorais. Foram realizadas dezessete entrevistas: uma com o líder do grupo no início do campo – em fevereiro – e dezesseis com os cabos eleitorais ao fim da pesquisa em outubro de 2016.

---

<sup>1</sup> Líderes são aqueles que possuem algum cargo de liderança dentro da igreja.

O objetivo consiste na análise do trabalho dos cabos eleitorais voluntários, membros da IURD e a sua motivação para a realização de suas atividades. Observar se existe esperança em alguma recompensa pós eleição do candidato. Onde se parte do pressuposto de que a recompensa esperada seria extramundana, advinda de Deus.

Especificamente, analisar o trabalho desempenhado pelos membros da IURD na captação de votos; para verificar a coesão grupal e seus meios de permanência, benefícios e coerções; a relação do PRB para com a IURD e do partido para como membros da IURD; a comparação entre as estruturas de organização da IURD e do PRB, para observar proximidades, se existem e por fim, observar a intersecção entre a esfera religiosa e política: os membros da IURD como cabos eleitorais do PRB.

A relevância social consiste no fato de o trabalho dos cabos nas campanhas eleitorais, apesar de mal visto pelo eleitor comum, é substantivamente necessário à realização das mesmas e ao sucesso das candidaturas. Campanhas eleitorais dão trabalho. Durante meses, grupos de indivíduos se organizam e executam tarefas árduas, dia e noite, em prol de um candidato, de um partido. Dar visibilidade e trazer à tona a discussão do trabalho dos cabos eleitorais é uma parte essencial dos estudos dedicados às campanhas.

Com já dito, em recente discussão, duas linhas de pensamento surgiram no senado: os que defendiam o pagamento de salários aos cabos eleitorais e os que viam necessidade de o mesmo ser voluntário. A discussão trouxe mudanças na legislação que atualmente limita a contratação paga e deixa livre a voluntária; cabe deste modo, conhecer esses indivíduos que voluntariamente se dispõem ao trabalho durante a campanha, conhecer sua dinâmica.

Academicamente, dois motivos sustentam a importância da realização desta pesquisa: a carência de trabalhos estritamente dedicados aos cabos eleitorais, onde não foi encontrado nenhum texto com cabos eleitorais evangélicos. E a urgência de pesquisas que tratem dos novos fatores intervenientes na realização das campanhas eleitorais, uma vez que as regras do financiamento de campanhas mudaram.

Até o momento, salvo melhor juízo, não existem grandes empreendimentos de pesquisa que analisaram o emprego dos cabos eleitorais nas campanhas, e nenhum trabalho analisou cabos eleitorais religiosos evangélicos estritamente. Portanto, estudar a presença de cabos religiosos evangélicos é uma tarefa a ser feita. Em cenário de controle dos gastos de campanha e de redução do aporte financeiro aos candidatos e partidos políticos, ter gente disposta a

trabalhar pode ser uma vantagem, e ter gente disposta a trabalhar de graça, pode ser uma grande vantagem.

Desse modo, a dissertação encontra-se dividida entre método, metodologia, teoria e análise de dados e considerações finais. O capítulo 1, compreende o método utilizado no desenvolvimento da pesquisa. Com base no método etnográfico – especificamente, a etnografia da política combinada à teoria fundamentada – foram compreendidos dois momentos: no primeiro momento, acompanhei o campo político e religioso pela observação participante e no segundo momento, entrevistei os atores que intersectam os dois campos: os cabos eleitorais.

O capítulo 2, traz a discussão metodológica da etnografia da política e da teoria fundamentada, a fim de ambientar o leitor na discussão. Nesse capítulo, dialogo com Karina Kuschnir, José Guilherme Magnani, Mariza Peirano e com o Núcleo de Antropologia da Política (NUAP), para apresentar a criação dessa linha dentro da antropologia e o porquê de seu uso neste trabalho. Bem como suas principais características e usos no Brasil.

O capítulo 3, sob o tema de política e religião, busca apresentar por meio de Ricardo Mariano e Maria das Dores Machado, a inserção de religiosos – evangélicos – na política. Discutindo o conceito de Neopentecostalismo para pensar o caso da IURD. Assim, o foco é olhar a IURD como uma denominação evangélica brasileira neopentecostal e o quanto isso importa aos cabos eleitorais, visto que para um neopentecostal, a vida será sempre permeada numa luta entre céu e inferno.

No capítulo 4, busco observar o discurso sobre os cabos eleitorais em três distintos campos, a saber: o campo legal, jornalístico e acadêmico. Primeiro, no campo legal, traz a discussão ocorrida na construção da minirreforma eleitoral e as mudanças que a mesma realizou. O segundo tópico, apresenta as notícias que divulgadas sobre os cabos eleitorais antes, durante e após a construção da minirreforma eleitoral. E por último, o terceiro tópico apresenta trabalhos acadêmicos (alguns da etnografia política) que abordavam de algum modo, os cabos eleitorais.

O capítulo 5, é analítico, onde todo o campo é posto em questão. A primeira parte traz a noção de cabo eleitoral a partir do que observei em campo; a segunda parte apresenta o campo subdividido em três partes: o político com PRB em período de pré-campanha e campanha eleitoral, a IURD em seus cultos e as festas, que ocorrem externamente aos campos e mostram os cabos em seu entretenimento. A última parte – Autoanálise – é o momento em que o próprio

campo – os cabos eleitorais – descreve a si e as suas atividades. Momento em que os cabos têm voz e os questiono sobre o que são, por que são, como são e o que esperam.

Ao fim, nas considerações finais, exponho os apontamentos dessa pesquisa, que buscou compreender o trabalho de cabos eleitorais do PRB vinculados a IURD. Tendo como resultados a alta coesão grupal dos cabos eleitorais determinada por laços de amizade e parentesco, somados a uma ideia de atuação terrena para glória extramundana – glória de Deus. O grupo tem forte admiração ao seu líder, que os trata como família e consegue manter aqueles que assumidamente, não gostam de política, mas trabalham por gostarem de estar em grupo. O trabalho árduo dos cabos cumpriu seu papel, elegendo um candidato a vereador nas primeiras colocações, em sua primeira disputa.

## 1. MÉTODO

Com o método etnográfico, acompanhei os cultos da igreja (IURD) e reuniões do partido (PRB), de fevereiro de 2016 a outubro de mesmo ano. Com objetivo de conhecer a dinâmica e a intersecção entre os espaços da igreja e do partido. E para conhecer os cabos eleitorais e seus interesses, realizei entrevistas com o líder e com os cabos eleitorais, compostas por perguntas abertas e fechadas.

A etnografia da política tem como foco a leitura e a interpretação das relações entre os atores – sendo neste trabalho, os cabos eleitorais – no modo como os mesmos compreendem a sua função. E a interpretação que eles têm da política no contexto em que vivem. Dessa maneira, analisei os dois campos: político e religioso: O partido e a igreja a partir do trabalho dos cabos eleitorais. No primeiro momento com a observação participante, onde foi acompanhado os dois cenários vividos pelos cabos eleitorais – a igreja e o partido; no segundo momento, com entrevistas com os cabos e uma com o líder dos mesmos, totalizando dezessete entrevistas.

Participei<sup>2</sup> dos cultos de domingo manhã (7h, 8h ou 9:30) ou a noite (18h) e também em outros eventos diversos da igreja; como consagrações de um pastor, caravana ao Templo de Salomão, ações sociais e reuniões religiosas ou políticas do grupo de ação social – devido à proximidade o grupo com a atividade política. No total assisti a vinte e nove cultos e uma

---

<sup>2</sup> Mesmo sem ser membro da denominação, eu participava minimamente: batia palmas, levantava ou me sentava conforme o andamento do culto.

caravana para o Templo de Salomão, duas festas em comunidades e um churrasco, totalizando trinta e três eventos.

Acompanhei as reuniões<sup>3</sup>, comícios, festas, rotina do partido e outros eventos organizados pelo PRB, ou a convite da direção do mesmo. Foram dezesseis reuniões assistidas e doze visitas ao partido, totalizando trinta e oito eventos presenciados. Na figura 1, o mapa apresenta a distribuição dos quarenta e oito templos da IURD em Campos dos Goytacazes. Onde cada ponto vermelho significa a presença de templos e o círculo mais escuro corresponde a IURD acompanhada na pesquisa.

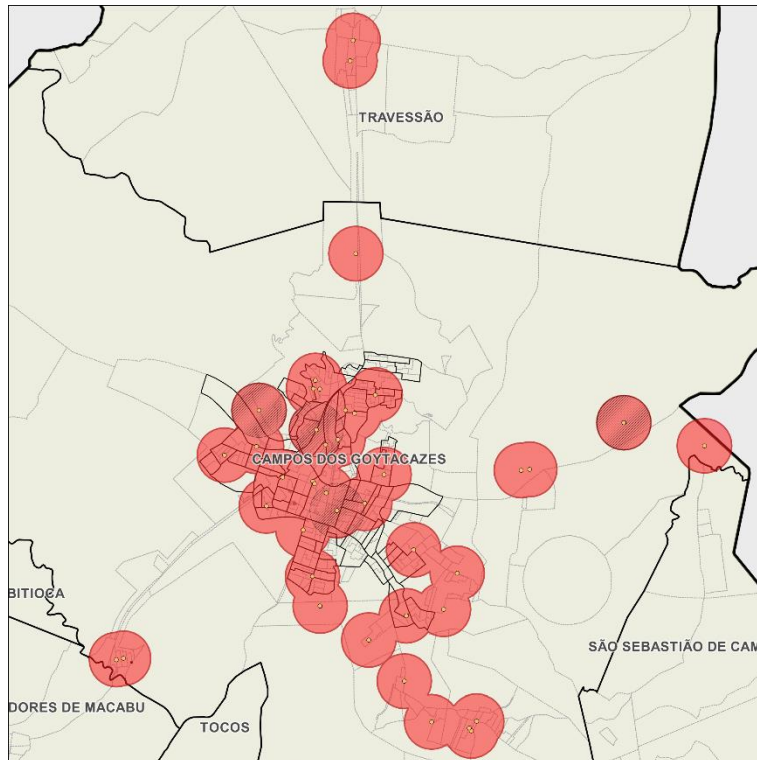
As entrevistas tinham por tema a política e religião, onde na última seção buscava entender a inserção dos atores no partido político. Com o líder ocorreu no começo do campo – em fevereiro – já com os cabos ocorreram no fim do campo, em finais de agosto e início de setembro. O objetivo era saber a motivação e a compreensão que os atores atribuem aos seus trabalhos. Além de perceber unidade no discurso proferido no grupo – captar a ideologia<sup>4</sup> e o modo de seleção dos mesmos.

**Figura 1. Localização dos 48 templos da IURD em Campos dos Goytacazes, com destaque para as 5 IURD visitadas.**

---

<sup>3</sup> Assim como nos cultos, havia uma mínima participação nas reuniões, fiz a lista de presença dos convidados e ajudei a organizar as mesas de cafés.

<sup>4</sup> Ideologia como o segundo significado apresentado por Terry Eagleton (1997), para o autor, a ideologia poderia aproximar-se de uma “visão de mundo”, sendo “ideias, crenças (verdadeiras ou falsas), que simbolizam condições e experiências da vida de um grupo ou classe específico, socialmente significativo.” (EAGLETON, 1997, p. 39)



### 1.1. Etnografia: A observação Participante

Durante o período de fevereiro a outubro acompanhei o grupo em reuniões, festas, atividades de rua, cultos e eventos políticos. A entrada no campo não foi fácil. Iniciei o processo com coleta de informações nas redes sociais para entrar em contato com a liderança estadual e apresentar a pesquisa. Foi necessário ir à igreja três vezes. Na terceira, em conversa com o pastor secretário do bispo, ele me informou que o pastor João poderia me ajudar e eu o encontraria na igreja aos domingos.

No domingo fui ao culto (que durou das 9h30 às 11h30<sup>5</sup>), ao fim, dirigi-me ao altar e me aproximei de um pastor. Perguntei pelo pastor João<sup>6</sup> e fui informada que ele se encontrava no estacionamento do templo. Perguntei como era o pastor, disseram-me “moreno” e que estaria de chapéu assando frangos. Com essa descrição, desci para o estacionamento. Onde estava acontecendo uma cantina, com venda de doces, torta, salgado churrasco e frango assado. O

<sup>5</sup> Neste domingo estava ocorrendo também a finalização do jejum de Daniel, um jejum de 21 dias. Quando os membros se afastavam de qualquer mídia ou fonte de notícia secular para se dedicarem a afazeres religiosos. Esse jejum é uma analogia ao jejum feito por Daniel de 21 dias. Além da consagração do grupo Calebe (grupo de pessoas acima de 45 anos). A IURD colocou ônibus para levar os membros.

<sup>6</sup> Todos os nomes deste trabalho são fictícios.

pastor estava na venda de frango assado. O estacionamento estava repleto de barracas e havia também um pula-pula.

Ao chegar ao estacionamento, não tive problema em reconhecer o pastor João. Este, realmente estava de chapéu; um homem preto, forte, de baixa estatura e aparência séria. Estava assando os frangos, mas ainda assim, deu-me atenção e começamos a conversar. Ele me contou da sua vida pessoal e de como surgiu o convite para trabalhar na política; contou também que se formou recentemente em Ciência Política pela Faculdade São Fidélis e me apresentou a sua esposa, filha e secretária, esta anotou meu telefone e me disponibilizou o dela.

Contou o trabalho que desenvolve, que segundo ele, não é clientelismo e continuou: “a gente oferece ajuda a quem precisa”. Apontou-me sua equipe – que estava trabalhando no estacionamento, cerca de dez pessoas. Disse-me que o grupo surge com o fim da Associação Beneficente Cristã (ABC) e além do trabalho social em comunidades, fazem um trabalho com presidiários (auxílio jurídico, higiênico e reinserção ao mundo do trabalho), o projeto “Raabe” mulheres agredidas e o Calebe de auxílio a idosos (ajudando em documentações e cursos).

O Pastor João contou-me que odiava política, pois havia trabalhado para um candidato que quando eleito não o ajudou. Ele teria ido ao encontro deste candidato pedir um passe gratuito para o transporte público para que sua esposa pudesse levar a filha deficiente ao médico. Segundo ele o amigo pediu que esperasse 10 minutos, mas não o atendeu. A filha veio a óbito e não obteve o recurso. Ele citou o outro conhecido que não lhe concedeu o passe, mas deu R\$ 100,00 para ajudar na passagem.

Para ele estar na política é simplesmente a “vontade de Deus”, não tinha interesse, porém afirma que hoje batalha pelos carentes de Campos, atendendo-as na sede do Partido Republicano Brasileiro (PRB). Percebi que ele trabalhava como uma espécie de mediador entre a população os recursos públicos e privados.

Perguntou também sobre a minha vida demonstrou interesse sobre a pesquisa, como a produção conjunta um artigo. Percebi que eles se preocupam em afirmar que fazem uma política “limpa”, “não clientelista”. A partir deste primeiro contato, deixei meu telefone com a secretária, na esperança de uma entrevista, pastor João aceitou falar, mas com a identidade do trabalho político e não de pastor<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Não é permitido pela IURD que pastores respondam a entrevistas.

Afim de observar a dinâmica da política dentro dos templos religiosos, vi a necessidade de acompanhar os cultos. Desse modo, durante o período de janeiro a outubro, estive aos domingos em templos da IURD a saber: Central, Regional de Santinho, Regional do Diadema, Igreja comum da Casinha e a igreja comum de Quatro Ondas<sup>8</sup>. Todas localizadas no subdistrito de Guarus, com exceção da Central<sup>9</sup>. Foram vinte e nove cultos de domingo assistidos, uma consagração de pastor e um culto na comunidade assistida pelo grupo.

Além dos cultos, eu acompanhava atividades relacionadas ao grupo de ação social. Acompanhei reuniões políticas partidária gerais, comícios, reuniões de bloco e reuniões internas, num total de quinze, contando com a convenção partidária e acompanhamento dos resultados das eleições. Fiz doze visitas para acompanhar a rotina do partido. Além destes, participei de quatro eventos externos, a saber: A Páscoa na comunidade (27/03/2016), Caravana ao Templo de Salomão em São Paulo (22-24/04/2016), Festa Julina na comunidade (02/07/2016), churrasco da independência (07/09/2016) e Natal na comunidade (22/01/2017)<sup>10</sup>. Estive sessenta e duas vezes em contato direto com a dinâmica do grupo no período de janeiro (17/01/2016) a outubro (02/10/2016)<sup>11</sup>.

## 1.2. Entrevistas e aplicação de questionários

A entrevista com o líder<sup>12</sup> ocorreu no início do campo, sendo uma conversa para conhecer melhor o trabalho que o mesmo desenvolve. Já havíamos conversado no fim daquele culto, uma conversa constantemente interrompida devido as atividades que ocorriam ao entorno. Na entrevista, conversamos por cerca de duas horas. Não houve gravação, pois, o mesmo pediu que não fosse gravado. Ocorreu na sede do partido, onde a princípio só havia a secretária.

---

<sup>8</sup> O nome dos bairros onde as igrejas estão localizadas também foi modificado, assim como os bairros e comunidades em que ocorrem as festas. Os nomes aqui expostos são fictícios.

<sup>9</sup> A Central é uma igreja estadual responsável por regionais de vários municípios. As regionais são responsáveis por um grupo de igrejas comuns e estas últimas possuem limitação das suas ações, devendo obedecer às ordens das regionais que, por conseguinte, seguem a direção da central.

<sup>10</sup> A festa de Natal ocorreu quando o campo já havia encerrado. Mesmo assim achei necessário acompanhar por ser um evento quando o vereador eleito já se encontrava em exercício.

<sup>11</sup> Todos os eventos foram gratuitos, alguns abertos ao público como cultos, festas comícios e outros com participantes seletos como as reuniões políticas e o churrasco. Na festa Julina da comunidade foi-me pedido a doação de um kit beleza composto por produtos de estética e higiene que foi doado a uma moradora da comunidade. Assim como eu, todas as mulheres do grupo fizeram doações.

<sup>12</sup> O Líder é o pastor João. O título de "líder" que utilizo corresponde a sua dupla função: religiosa e política.



Assim, ele falava e eu ia anotando ao máximo todas as suas expressões. Um roteiro construído com perguntas abertas em sua maioria e algumas perguntas fechadas, correlacionava política e religião e embora o mesmo afirmasse que não falaria como “pastor”, a questão religiosa aparecia em diversos momentos em sua fala. Nossa conversa não foi mais longa, porque ele tinha atendimentos a fazer, ao fim, já haviam duas pessoas aguardando-o.

Antes de fazer as entrevistas como os cabos eleitorais, fui até o líder pedir autorização (já havia dito diversas vezes que faria entrevistas para conhecer o trabalho em um dado momento). Expliquei novamente o fundamento da pesquisa e das entrevistas e o mesmo permitiu, dizendo que diria aos cabos para me responderem. Eu teria apenas a condição de não perguntar sobre a “igreja”, ali o trabalho era político e não religioso. No entanto, quando se vive a religião no cotidiano, a questão religiosa aparece também nas conversas políticas. De modo que as falas traduziam quem eles eram: cabos eleitorais religiosos.

As entrevistas com os cabos eleitorais ocorreram ao final do campo entre os meses de agosto e setembro. Nesse período, além de já me encontrar inserida ao campo, foi também o momento de maior fluxo de pessoas no partido. Entrevistei por meio de conversas, aqueles que estavam diariamente trabalhando dentro do partido ou em serviço de rua<sup>13</sup>. As entrevistas ocorreram dentro do partido, quando estavam mais livres de suas atividades, chamava-os e tentava fazer perguntas em um tom baixo para que outro não atrapalhasse a resposta<sup>14</sup>. O principal foco era conhecer a imagem que possuíam de si mesmos – se auto consideravam cabos eleitorais – saber como que eram inseridos no mundo do trabalho político, o que os motivava e quais as suas esperanças<sup>15</sup>.

## **2. A ANTROPOLOGIA DA POLÍTICA**

### **2.1. Introdução**

A antropologia da política objetiva entender como atores sociais compreendem e experimentam a política, isto é, como interagem e atribuem significado aos objetos e às práticas

---

<sup>13</sup> O grupo completo é maior com cerca de 25 pessoas, alguns tem outros trabalhos e estavam presentes somente em eventos externos e nos finais de semana.

<sup>14</sup> Alguns de prontidão pediam para ir a um canto mais reservado e assim poder falar sem que outro escutasse.

<sup>15</sup> As conversas não eram gravadas, preferi fazer assim para os estimular, toda as entrevistas foram anônimas.

relacionadas ao universo da política. Uma proposta complexa e que implica pelo menos dois pressupostos: O primeiro é de que a sociedade é heterogênea, formada por redes sociais com múltiplas percepções da realidade. O segundo é de que a “política” ou o “mundo da política” não é um dado a priori, mas necessário à investigação e definido a partir das formulações e comportamentos de pessoas e contextos particulares. (KUSCHNIR, 2007, P.09)

Até a década de 1970 no Brasil, a antropologia buscava compreender e estudar populações indígenas. As questões nacionais como o desenvolvimento econômico e modelo político brasileiro não eram foco da antropologia, discutidas na sociologia e ciência política. A partir do golpe militar de 1964 e suas medidas contra sindicatos, organização estudantis e partidos surge um novo ator que busca melhorias e reivindica direito: os moradores urbanos. Segundo Magnani, os perfis e temas estudados pela antropologia mudam:

Com o surgimento desses novos atores políticos, os temas tradicionalmente estudados pela antropologia começam a adquirir visibilidade porque agora reconhecidos em seu papel político: assim, o interesse se volta não apenas para as relações raciais, mas para o movimento negro; não só para a família, mas para o papel da mulher e a emergência do feminismo; não para o favelado enquanto portador de uma “cultura da pobreza”, mas como membro de associações reivindicativas, e assim por diante. (MAGNANI, 2009, P.130-131)

A antropologia seria capaz de dar respostas às questões que se faziam, mostraria os atores, seus hábitos e modos de vida. Assuntos já abordados por ela em comunidades indígenas, grupos étnicos e entre outros.

A antropologia da política surge como um ramo da antropologia nas décadas de 40 a 60. Passado o período clássico, a antropologia buscou se aprofundar em “sistemas”: sistemas de parentescos, sistemas políticos, sistemas religiosos e sistemas econômicos, buscava compreender a diferença entre eles. Algumas vezes, os sistemas estavam situados geograficamente, tendo em vista o olhar do nativo. Após esse período, a antropologia política passou a ser disciplina ofertada nos cursos de formação dos anos 70 em diante, sequenciada a outras como antropologia econômica e antropologia jurídica. (PEIRANO, 1997, P.20-21)

A partir destes autores, essa seção busca compreender a análise política por meio da antropologia e a aplicação do método antropológico na análise da política. Nesse trabalho, a etnografia foi utilizada como método, onde observei todo o processo eleitoral e a fiz entrevistas. Assim, é importante uma discussão breve acerca da antropologia da política por meio do diálogo com Kuschir, Magnani e Peirano. Ao final, tem-se um breve comentário sobre a teoria fundamentada e nas considerações finais serão resgatados os pontos principais do método, que orientaram a escolha.

## 2.2. A antropologia da política e a aplicação do método etnográfico

A presença da política e religião dentro da análise das ciências sociais não é algo novo. Segundo Peirano (1997) constituía um desafio aos clássicos, a política para as ciências sociais equivaleria ao que era a religião para os antropólogos:

O exame da literatura sociológica clássica indica que a 'política' parece ter representado, para os cientistas sociais em geral, desafio equivalente (como dimensão, esfera ou categoria social) ao que, em particular, a 'religião' desempenhou para os antropólogos ao longo desse século. Para os primeiros (os sociólogos em geral), a política forneceria a chave para se desvendar a natureza *sui-generis* do mundo moderno; para os segundos (os antropólogos), a ambição de uma teoria social de caráter universal, que servisse tanto a sociedades simples quanto complexas, seria alcançada pela compreensão do fenômeno religioso. (PEIRANO, 1997, P.02)

A partir dos Sistemas Políticos Africanos em 1940 inicia-se a antropologia da política. Evans-Pritchard e Meyer Fortes buscaram novos sistemas de classificação para compreender as sociedades “complexas”. A antropologia sempre buscou generalizações, a partir da década de 1960 ela buscou perceber as diferenças. Lévi-Strauss percebeu que seria nas diferenças o caminho para a universalidade. (PEIRANO, 1997, p.03) Até então buscava-se um modelo geral para as sociedades, partindo as análises do sistema político europeu. A antropologia política como uma subdivisão da antropologia, focava sua análise nos sistemas políticos de outras sociedades.

Nas décadas de 30 e 40, a antropologia política descentrava e realocava a política na análise dos sistemas políticos e não na ausência de um Estado formal. Ficando conhecida como teoria “sistêmica. Ao longo dos anos 60, surge a segunda grande teoria da antropologia política: a teoria processualista. Um outro deslocamento, não mais nos sistemas político e sim no processo, nas relações sociais concretas.(NUAP, 1998)

As duas grandes teorias da “antropologia política”, a sistêmica e a processualista, operaram de forma dualista opondo indivíduos (ou interações individuais) e sociedades (ou grupos) e substancializaram a política (e o “poder”), localizando-a em um subsistema social específico ou fazendo da política uma dimensão sempre presente em qualquer relação social. Nos dois casos, mesmo que por razões distintas — ausência da instituição ou desinteresse generalizado nas instituições —, a “antropologia política” se fez fora do Estado.(NUAP, 1998, p.07)

A antropologia da política sofre uma crise e perde prestígio, legitimidade e universalidade com relação a noção de poder e passa então a:

a) reconhecer que a política está imbricada no tecido social, fundando-se em princípios que atravessam toda a sociedade, o que problematiza as fronteiras entre domínios sociais; b) questionar a pertinência da hierarquia entre macro e micropolítica; c) sugerir que a autoridade (dominação) tradicional do esquema weberiano e a autoridade religiosa mantêm mais vínculos do que se imaginava; d) pensar o Estado e a política nos termos em que são pensados e vividos pelas populações nativas; e) reconhecer que os rituais constituem o cerne mesmo da política em muitos contextos sociais.(NUAP, 1998, p.07)

A análise antropológica deve hoje ser resgatada para que se pense a política, analise o mundo político moderno com as ferramentas da antropologia. Buscando a interseção entre o que é o político e o ponto de vista que os atores – nativos – tem do que seria a política. (NUAP, 1998)

Para Peirano, a antropologia da política supõe que a política é sempre etnográfica, tanto para o pesquisador, quanto para o pesquisado de modo que se pensa os sistemas de valores e procedimento da política investigada e da política legitimada pelos padrões ocidentais modernos.

Em outras palavras: se à antropologia cabe, como vocação, reunir o que a ideologia moderna separou — de forma a possibilitar uma perspectiva universalista a partir da comparação entre universais concretos — tal procedimento permitirá que se elucide a ideia-valor predominante em cada sociedade ou cultura e suas relações hierárquicas. Assim é que, separar a priori os níveis da 'economia', 'direito', 'religião' ou, no caso em questão, 'política', é sucumbir às pressões ideológicas da própria ideologia moderna. (PEIRANO, 1997, p.22-23)

Kushnir (2007) afirma que a etnografia como método para a observação da política, percebe a política viva, ativa, sendo uma “ação coletiva, interação de pessoas”. Foca o simbólico que permeia as relações, o que a torna um método para se pensar a política pelos seus atores. Para a autora, a proximidade da antropologia com a política não é algo novo. Os evolucionistas já faziam referência ao Estado moderno, observavam a organização política para classificá-los. A ausência do Estado aos moldes modernos era um dos requisitos para serem primitivos ou bárbaros.

Kuschnir (2007) aponta os estudos do estrutural-funcionalismo britânico sobre Anglo-africanos como importantes por compreender que um grupo ou etnia poderia ser organizado mesmo sem a presença de um Estado moderno ocidental. No Brasil, a etnografia da política surge ao fim do regime militar na década de 1990 com trabalhos antropológicos sobre práticas políticas. Os trabalhos foram institucionalizados com o Núcleo de Antropologia da Política (NuAP)<sup>16</sup> (KUSCHNIR, 2007, p. 31)

Esse dado é também afirmado por Magnani (2009), para ele, o interesse da antropologia pós 1970-1980 não é mais por comunidades nativas e a definição de seus sistemas. O olhar da antropologia volta-se às cidades e suas periferias, interessada pelo ator que dela demanda

---

<sup>16</sup> Núcleo de Antropologia da Política (NuAP), fundado em 1997, tem sua sede no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, e reúne pesquisadores de várias instituições. Seu objetivo é examinar a política vivida, dando ênfase à etnografia e, portanto, aos aspectos do tecido social em sua totalidade. Esta perspectiva resultou de uma implosão etnográfica das categorias do senso comum, inclusive acadêmico, que distingue domínios estanques como parentesco, família, política, religião, território, justiça, burocracia. Fonte: <http://nuap.etc.br/>

direitos. Para Magnani (2009) não é a Antropologia enquanto ciência que interessa e sim o seu método – etnográfico – que comumente a marca. O que traz como problemática a banalização do método que se dissocia do esquema conceitual. (MAGNANI, 2009, p.132)

O autor alerta que é preciso olhar de perto e de dentro, ter em vista os atores e o cenário em pano de fundo. A antropologia urbana tem como necessidade enxergar a partir dos atores, observar seus próprios arranjos. O foco para o cenário que não seria mera paisagem”, mas constituinte de análise. (MAGNANI, 2009, p.132) O estranhamento se dá porque o contato com o campo de estudo traz novos olhares do pesquisador para a sua própria cultura:

O pesquisador não apenas se depara com o significado do arranjo do nativo, mas, ao perceber esse significado e se conseguir descrevê-lo nos seus próprios termos, é capaz de apreender essa lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores e percepção. (MAGNANI, 2009, P.134)

Magnani percebe a etnografia como um modo de pensar do pesquisador. Uma verdadeira orientação do pensamento que não é acúmulo de detalhes, mas o arranjo que esses detalhes podem compreender e trazer entendimento ou pista para o entendimento. Diferente da prática etnográfica (programada e contínua) e da experiência etnográfica (descontínua e imprevisível). Como método em seu sentido amplo compreende estratégias de inserção, contato, prática e experiência no campo, bem como técnicas que não podem ser dissociadas da discussão conceitual. (MAGNANI, 2009, p. 135–136)

### **2.3. Considerações Finais**

A antropologia da política propõe um olhar para a política a partir dos nativos. Partindo do mundo estudado para compreender o objeto de estudo. Desse modo, são os “nativos” atores importantes nas análises e sujeitos da construção do conhecimento. Exigindo que se observe a dinâmica do campo, atento ao pano de fundo – o contexto – onde as relações vão acontecendo. Atentar em apreender a interpretação e compreensão que os atores dão aos elementos políticos.

Neste trabalho, proponho o uso do método para compreender a política pelo olhar dos cabos eleitorais. Compreender o trabalho dos cabos na prática dos mesmos, pensando a significação que os atores atribuem as suas funções, bem como a relação desse trabalho com a religião ao qual pertencem.

## **3. POLÍTICA E RELIGIÃO**

A partir da década de 1990 aumenta o número de religiosos na esfera política. Interessante é que o Estado se torna laico, a moralidade e a religião tornam-se da esfera privada. Machado (2006) afirma que entre 1991-2000 o número de católicos no Brasil cai, com aumento do número de evangélicos e dos “sem religião” e dentre o mundo evangélico, grande difusão do pentecostalismo. (MACHADO, 2006) Smiderle (2011) apontou que a configuração religiosa de Campos dos Goytacazes se assemelhava bastante à característica geral do estado do Rio de Janeiro: Campos dos Goytacazes possuía 61% de católicos e 20,3% de evangélicos e o estado do Rio de Janeiro possuía 57,2% de católicos e 21% de evangélicos. Os evangélicos pentecostais seriam os que mais utilizavam a igreja como fonte de informação sobre políticos. (SMIDERLE, 2011)

As igrejas poderiam ser elas mesmo (enquanto instituição e enquanto organização) cabos eleitorais, pois como mostra Paiva, Braga e Pimentel (2007), a lealdade ideológica que se dá entre partidos e eleitores não é mais suficiente para a explicação da dinâmica política. A própria estrutura de competição em si já dificulta à lealdade. Os partidos não constituem a principal fonte de informação acerca dos políticos. (PAIVA; BRAGA; PIMENTEL JR., 2007) A influência da igreja em questões políticas é um fator indicativo para o aumento de participação de evangélicos na arena política, associado a crença que o político religioso seja menos corrupto do que o “mundano”.

Machado analisou competições eleitorais nos pleitos de 2000 (município do Rio de Janeiro) e 2002 (estado do Rio de Janeiro). Em entrevista com vereadores e deputados eleitos, a autora aponta uma forte influência das igrejas na candidatura do político, assim como os mesmos afirmavam um grande apoio da igreja; tanto financeiro como na captação de votos. O pastor e vereador Paulo Mello PMDB (2000-2004)<sup>17</sup> afirmou em entrevista, que a escolha do perfil e a rede de apoio da candidatura política partem de dirigentes da IURD. Deputados evangélicos afirmavam a eleição devido a fiéis das igrejas às quais pertenciam. Esses políticos se eleitos exerciam cargos religiosos e políticos, não havia perda do cargo clerical pós eleição.

A Igreja Universal do Reino de Deus – IURD – surgiu em 1975; a princípio, Edir Macedo pregava em praça pública no Rio de Janeiro, após se desvincular da Igreja Nova vida. Segundo ele, a igreja Nova Vida não dava abertura para que pudesse seguir carreira no pastorado. A partir dos cultos públicos no coreto do Meyer, Macedo ganhou adeptos e deu início a igreja que

---

<sup>17</sup> O vereador era pastor da Igreja Universal do Reino de Deus na época.

hoje está presente em 129 países<sup>18</sup>. No Brasil são 6.011 templos, onde 769 estão localizados no Estado do Rio de Janeiro e 52 em Campos dos Goytacazes<sup>19</sup>. Considerado o maior do fenômeno neopentecostal do Brasil.

Essa seção dedica-se a compreender o neopentecostalismo, observando atentamente o caso da IURD. Para tal, é feito um diálogo com Mariano (2014) que vai conceituar o neopentecostalismo e apresentar as suas características enquanto onda do pentecostalismo brasileiro. Ao fim, busca-se compreender o caso da seleção de candidatos no PRB de Campos dos Goytacazes, dialogando com Carneiro (2009). O PRB é o partido político onde os clérigos da IURD tem disputado e alcançado pleitos desde a sua criação.

### **3.1. Neopentecostalismo**

#### **3.1.1. Introdução**

O conceito de neopentecostalismo é de Mariano (2014). Refere-se à terceira corrente do pentecostalismo brasileiro. O pentecostalismo brasileiro está dividido em três ondas: o pentecostalismo clássico; deuterpentecostalismo e o neopentecostalismo. Mariano (2014) divide as três ondas do Pentecostalismo a partir das suas ideologias e localização histórica. Embora alguns autores citados por ele, tenderam a fazer apenas duas divisões, mantendo as duas primeiras ondas juntas; para Mariano existe a necessidade de uma separação devido a

---

<sup>18</sup> Países com templos da IURD: Albania, Andorra, Angola, Argentina, Aruba, Australia, Austria, Barbados, Belgium, Belize, Benin, Bolívia, Bonaire, Botswana, Brasil, Bulgária, Burkina Faso, Burundi, Cameroon, Canada, Cape Verde, Cayman Islands, Central African Republic, Chad, Channel Islands, Chile, China, Colombia, Costa Rica, Croatia, Curaçao, Cyprus, Democratic Republic Of Congo, Dominican Republic, East Timor, Ecuador, Ecuatorial Guinea, El Salvador, Estonia, Ethiopia, Fiji, Finland, France, French Guyana, Gabon, Germany, Ghana, Greece, Grenada, Guadeloupe Island, Guatemala, Guinea-Bissau, Guyana, Haiti, Honduras, Hungary, India, Indonesia, Ireland, Israel, Italy, Ivory Coast, Jamaica, Japan, Kazakhstan, Kenya, Latvia, Lebanon, Lesotho, Luxembourg, Madagascar, Malawi, Malaysia, Malta, Martinique, Mauritius Islands, Mexico, Moldova, Mozambique, Namibia, Netherlands, New Zealand, Nicaragua, Nigeria, Northern Ireland, Norway, Panama, Paraguay, Peru, Philippines, Poland, Portugal, Puerto Rico, Republic Of Congo, Reunion Island, Romania, Russia, Rwanda, Saint Lucia, São Tomé And Príncipe, Scotland, Senegal, Sierra Leone, Singapore, Sint Maarten, South Africa, South Korea, South Sudan, Spain, Suriname, Swaziland, Sweden, Switzerland, Taiwan, Tanzania, The Gambia, Togo, Trinidad And Tobago, Turkey, Uganda, Ukraine, United Arab Emirates, United Kingdom, United States, Uruguay, Venezuela, Wales, Zambia e Zimbabwe. Fonte: <https://iurdenderecos.wordpress.com/paises/> e <http://www.universal.org/enderecos/>

<sup>19</sup> Os números podem ser ainda maiores, o site da IURD não contabiliza os Núcleos. Núcleos são espaços menores onde são realizadas ao menos uma reunião semanal. São dirigidos por pastores ou obreiros. Criados para atender a populações distantes dos templos iurdianos. Em tempos de política, o núcleo é um importante espaço de divulgação. Fonte: Extraído do campo e do site - <http://www.universal.org/enderecos/>

diferenças entre elas com relação ao modo de evangelização, bem como a distância temporal. A terceira onda já se diferencia em relação a teologia e práticas religiosas.

Nessa seção pretendo discutir o surgimento do neopentecostalismo, especificamente o caso da IURD, assim pretendo abordar todas as igrejas neopentecostais. Um dos cenários da pesquisa é a IURD onde a maioria dos cabos congregam e são vinculados a grupos. Vi a necessidade de compreender as características e origens da IURD para compreender o comportamento dos cabos eleitorais.

### **3.1.2. IURD: uma igreja Neopentecostal**

O pentecostalismo clássico surge em 1910 com a fundação da Congregação Cristã no Brasil em São Paulo, seguida da Assembleia de Deus fundada em 1911, em Belém. Estas eram atrativas às camadas populares – pobres e de baixa escolaridade – rejeitadas por protestantes históricos e perseguidas por católicos. Têm por característica o anticatolicismo, dom das línguas, crença no paraíso divino dado pela salvação em Cristo e total ascetismo mundano. A primeira onda implantada por missionários estrangeiros<sup>20</sup>, reina absoluta até 1950. Atualmente o perfil dos religiosos pertencentes a estas denominações mudou, assim como a maneira de se distanciar do mundo mundano, tornando-se mais flexíveis.

O deuteropentecostalismo – segunda onda – inicia-se em 1950, em São Paulo, com o trabalho dos americanos Harold Williams e Raymond Boatright vinculados à International Church of The Foursquare Gospel, com a Cruzada Nacional de Evangelização, um braço da Igreja do Evangelho Quadrangular. O movimento é inovador na massificação do trabalho evangelístico, com mensagens de cura divina e difusão do discurso por meio da rádio – uso considerado mundano pela primeira onda<sup>21</sup>. A segunda onda é responsável pela primeira fragmentação denominacional, por seu discurso sedutor e inovações em seus métodos, que atraíam fiéis e pastores de outras denominações. Com a Cruzada da cura divina, surgiram as igrejas Brasil Para Cristo (fundada em São Paulo, em 1950), Deus é Amor (fundada em São Paulo, em 1962), Casa da Bênção (fundada em Belo Horizonte, em 1964) e outras igrejas menores.

---

<sup>20</sup> Fundadas por Americanos.

<sup>21</sup> Ainda hoje a Congregação Cristã no Brasil não usa veiculação por meio de rádio. (MARIANO, 2014)



A terceira onda inicia-se nos anos 70 e cresce nas décadas de 80 e 90. A Nova Vida fundada em 1960 por um missionário canadense deu origem aos líderes da IURD (fundada no Rio de Janeiro, em 1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (Fundada no Rio de Janeiro, em 1980) e a Igreja Cristo Vive (fundada no Rio de Janeiro, em 1986). Além dessas, surgem também a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (fundada em Goiás, em 1976), Comunidade da Graça (fundada em São Paulo, em 1979), Renascer em Cristo (fundada em São Paulo, em 1986) e a Igreja Nacional do Senhor Jesus (fundada em São Paulo, em 1994). Todas compõem o grupo das principais denominações neopentecostais da época.

As duas primeiras ondas do pentecostalismo por vezes são colocadas como um só movimento, visto que não existem mudanças radicais entre as mesmas. Segundo Mariano (2014), a principal diferença entre elas, consiste em como o Espírito Santo é visto. Para o pentecostalismo clássico, o Espírito Santo é responsável pelo dom das “línguas”<sup>22</sup>, já para os deuteropentecostais, o Espírito Santo é responsável para cura<sup>23</sup>. Separadas por quatro décadas, são próximas em teologia e diferentes no trabalho evangelístico: as clássicas a princípio excluindo-se de meios de comunicação mundanos – rádios – focavam em seus folhetos e

---

<sup>22</sup> Referência à passagem bíblica:

Atos 2 - <sup>1</sup> Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; <sup>2</sup> de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. <sup>3</sup> E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. <sup>4</sup> Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.

<sup>23</sup> Referência à passagem bíblica:

1 Coríntios 12- <sup>1</sup> A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. <sup>2</sup> Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados. <sup>3</sup> Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema, Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus! Senão pelo Espírito Santo. <sup>4</sup> Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. <sup>5</sup> E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. <sup>6</sup> E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. <sup>7</sup> A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso. <sup>8</sup> Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; <sup>9</sup> a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; <sup>10</sup> a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. <sup>11</sup> Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente.

evangelização itinerante, já as deuteropentecostais focavam na massificação da evangelização e adentraram redes de rádio.

A terceira onda – o neopentecostalismo – distancia-se das demais por estar numa constante luta contra o mal e busca pela prosperidade terrena. O neopentecostalismo luta cotidianamente contra o diabo e seus demônios. Tudo que ocorre de ruim seria produto de intervenção maligna, estariam sempre lutando contra o mal. A segunda característica reside na ênfase da prosperidade ainda no mundo terreno. Somada a essas duas, Mariano (2014) coloca como característica, a liberalização de estereótipos de santidade e a organização de modo empresarial. A IURD age de modo franqueado, onde toda a direção é centralizada e o discurso é o mesmo em todas as igrejas. Mariano (2014) ressalta que nem todas as igrejas que surgem pós década de 70 podem ser consideradas neopentecostais, somente aquelas que apresentem as características.

É nos cultos de libertação que se trava uma verdadeira “luta” com o diabo e seus demônios. Estes cultos, muito utilizados pela IURD, não são criação dela. Já havia cultos de libertação antes de surgir o Neopentecostalismo. Mariano cita o texto de Júlio Rosa, que afirmava a presença de correntes de libertação de sete ou nove sextas-feiras na Igreja Quadrangular em Minas Gerais no ano de 1973. Nestas correntes, orava-se pela cura das enfermidades e expulsão dos demônios. Não se sabe qual igreja deu início a cultos de libertação, mas a probabilidade é de que a Igreja Quadrangular tenha sido a iniciante.

Embora a IURD utilize a prática de libertação e cura dos corpos da onda deuteropentecostal, ela não pode ser assim classificada, devido às distâncias em teologia e prática evangelística. A IURD exacerba ao associar os demônios causadores de todos os males, aos deuses de religiões afro-brasileiras. Os trabalhos feitos nestas seriam considerados do mal naquelas e a IURD considera-se a escolhida para desfazer esses trabalhos e combater o mal. A rivalidade é marcada por conflitos e problemas processuais na IURD.

A “mundianização” é um fenômeno intrínseco das igrejas neopentecostais. Diferente das clássicas e do deuteropentecostalismo, as igrejas neopentecostais mostram-se mais abertas a cultura popular e elementos do “mundo”. Abrem mão de costumes e doutrinas fortemente encontradas nas igrejas das ondas anteriores. Dentre eles, pode-se destacar a liberalização da estética. As neopentecostais não proíbem a vaidade dos corpos, ao contrário, incentiva que

homens e mulheres que se arrumem, falando abertamente sobre o assunto em cultos e palestras específicas<sup>24</sup>.

Outro ponto neopentecostal explorado pela IURD é a evangelização além dos territórios brasileiros. Em pouco tempo a IURD expandiu e fixou templos em todos os continentes, aonde não existem templos, as redes de rádio, TV e agora internet chegam. A inserção nas mídias radiofônicas e televisivas foram o carro chefe do crescimento da IURD. Aonde não existiam templos, a rádio chegava. Assim, em sua casa, o ouvinte tinha e tem acesso a cultos<sup>25</sup>, orientações e orações de pastores ao vivo (ou não) e outras informações da igreja. O crescimento da IURD ocorre principalmente na década de 80 com as primeiras rádios<sup>26</sup>. Segundo Mariano: “O número de templos chega a três mil, o de países atingidos supera cinco dezenas, o de fiéis ultrapassa um milhão”. A partir daí a IURD não parou de crescer, alcança hoje mais de 100 países.

A história da IURD é marcada por três cisões. A primeira delas é de Macedo, que após 12 anos como membro da Igreja Nova Vida em 1975 e sem apoio para pregar, decide abrir sua própria igreja. Com Romildo Ribeiro Soares (RR Soares), Roberto Augusto Lopes, os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, fundou a Cruzada do Caminho Eterno. A segunda cisão ocorreu dois anos depois, ao se desentender dos irmãos Coutinho, RR Soares e Macedo saem da Cruzada e criam a IURD em 9 de julho de 1977. Entre esse período, Macedo pregava em ruas e praças públicas e ficou conhecido pelas pregações no coreto do Meier<sup>27</sup>. Ao final da década

---

<sup>24</sup> A IURD possui os projetos Godllywood e Intellimen, destinados a mulheres e homens respectivamente, com reuniões mensais e tarefas a serem cumpridas. Os projetos visam educar mulheres e homens sobre como se portar diante de Deus, na família, trabalho, igreja e também na intimidade dos lares. Dentre os temas, fala-se de higiene e cuidado dos corpos. Fonte: <http://sites.universal.org/intellimen/> e <http://www.godllywood.com/br/>.

<sup>25</sup> O “Santo culto em seu lar” ainda é transmitido nas rádios nas manhãs domingo. A saber, às 9h30min. Hoje tem também a IURD TV (<http://sites.universal.org/tvuniversal/>), uma TV online que transmite cultos e demais programações para o mundo inteiro.

<sup>26</sup> Atualmente a IURD possui a Rede Aleluia, criada em 6 de junho de 1998 com 17 emissoras. Hoje a rádio possui “mais de 64 emissoras, presentes em todas as regiões do País, localizadas estrategicamente em 22 estados, capitais e interior, que transmitem informações e entretenimento de primeira qualidade a todos que a sintonizam, com uma área de abrangência que cobre 75% do território nacional.” Fonte: <http://www.redealeluia.com.br/sobre-a-rede-3/>

<sup>27</sup> Ver o tópico “Luz na funerária” (LEMOS, CHRISTINA; TAVOLARO, 2007)

de 70, a última cisão: RR Soares e Macedo divergiam sobre a gestão da igreja, após uma votação, o segundo ganha, tornando-se o líder da IURD onde permanece até hoje<sup>28</sup>.

A inserção no mundo político marcou o novo olhar dos religiosos. Antes o lema era de que “crente não se mete em política”<sup>29</sup>, a IURD ultrapassa esse lema e lança seus clérigos a cargos legislativos e pretendia as eleições majoritárias. No início dos anos 90, os problemas judiciários deixaram a igreja com uma má fama. Ao fim, o bispo preso despertava a compaixão de seus fiéis que fizeram manifestação na porta da cadeia. E não só, o caso da IURD deixava medo noutros evangélicos que temiam uma repressão a suas atividades religiosas. (MARIANO, 2014)

A rede Globo considerada a principal inimiga da IURD, foi responsável pelo maior ataque televisionado. A minissérie “Decadência” descrevia um bispo corrupto com falas de Macedo. A série exibida em 1995 pela Rede Globo, mostrava um líder religioso corrupto com membros “idiotizados”. A IURD em resposta ao ataque sofrido, responde com críticas a Rede Globo e a Igreja Católica, ameaçava entrar na justiça contra a Rede Globo. E exibiu em sete de setembro o filme “Os meninos de São Vicente” que mostrava a pederastia de padres baseado em fatos reais. Ao fim de tantas perseguições e trocas de acusações a IURD aconselhava aos seus fiéis a não assistirem a Rede Globo, como faz ainda hoje<sup>30</sup>. (MARIANO, 2014)

Devido às críticas, durante um bom tempo a IURD isolou-se. Manteve fechada às outras igrejas, muitas das quais a rotulavam pejorativamente como seita. Outras denominações evangélicas criticaram as práticas iurdianas e a mesma se afastou e não era associada a nenhuma organização cristã. Com a prisão de Macedo, a IURD aproxima-se de Manoel Ferreira, líder da Convenção Nacional das Assembleias de Deus (Conamad), com intuito de preservar a liberdade religiosa.

---

<sup>28</sup>Em biografia feita por Douglas Tavolaro (2007), Edir afirma que devido a divergências entre a liderança da igreja que já possuía 15 pastores, fizeram uma votação no dia 07 de junho de 1980, dia do casamento de Paulo Roberto Guimarães que casou e logo foi para assembleia extraordinária. A contagem de votos feita por Renato Maduro, deu 12 votos para Macedo e 3 para RR Soares. Este não quis ficar na igreja após derrota. Segundo Tavolaro, RR não quis se pronunciar para o livro. (LEMONS, CHRISTINA; TAVOLARO, 2007, p. 109–115)

<sup>29</sup> Ver a reportagem “Pentecostais e política no Brasil” (MARIANO, 2005)

<sup>30</sup> Em vários cultos que assisti, era comum o pastor ou bispo comentar sobre algum programa televisionado na Rede Record, incentivando-os a assistir suas programações.

A IURD tem sua estrutura divididas em cargos, a menor instância é o membro “firme”<sup>31</sup> e a maior instância, a liderança mundial – Bispo Edir Macedo. Os grupos da IURD são diversificados e de grande importância para a manutenção de serviços e atividades. Este trabalho acompanhou o grupo social<sup>32</sup>, que atua no assistencialismo da igreja. Buscando melhorias – por meio de doações e serviços de ação social setoriais – em comunidades selecionadas pelo grupo. O grupo já existe a mais de cinco anos e tem desempenhado trabalhos que antes eram feitos por meio da Associação Beneficente Cristã (ABC)<sup>33</sup>.

**Figura 02. Estrutura Hierárquica da IURD por Cargos no Brasil<sup>34</sup>**

---

<sup>31</sup> Membro firme é aquele assíduo aos cultos, doa dízimos e ofertas à igreja e também já é batizado.

<sup>32</sup> Este é um dos grupos da IURD, seu nome foi ocultado para preservar a identidade das pessoas.

<sup>33</sup> Segundo informações do campo, a ABC não está mais atuando e o grupo social assume seu papel.

<sup>34</sup> A liderança principal da IURD é o bispo Edir Macedo, criador da instituição. Abaixo dele, tem-se outro bispo. Esses dois são responsáveis pela gestão mundial da IURD. O Brasil e outros países possuem um bispo como gestor, mas no exterior a IURD pode também ser gerida apenas por um pastor, como na IURD de Suriname. As capitais sedes de cada estado também possuem um bispo responsável (com exceção de Natal, Recife, Aracaju, São Luis e Maceió), assim em cada município estadualizado. Município estadualizado é aquele município que possui uma catedral estadual, com independência em relação às igrejas comuns; a catedral pode realizar reuniões semanais com os pastores, não necessitando que os mesmos se desloquem para as capitais do estado. É na catedral que são feitos os cursos para formação de pastor através do Instituto Bíblico Universal do Reino de Deus – IBURD, e IBURD também são as nomenclaturas para os homens que além da participarem do curso de formação, possuem funções na catedral. Abaixo desses bispos, têm-se os pastores regionais; que gerenciam as igrejas comuns. Uma igreja regional pode ter dois pastores, um principal e seu auxiliar. Na ausência do pastor regional, o pastor auxiliar gerencia todas as demandas da igreja regional. Abaixo do pastor regional, tem-se o pastor de igreja comum. Todos os cargos acima descritos são compostos por homens. Quando casado, o pastor ou bispo, sua esposa será a “esposa”, ela não participa ativamente das reuniões, mas atua gerenciando grupos como a Escola Bíblica Infantil – EBI – destinado as crianças. Em todas as igrejas haverá obreiros, composto por homens e mulheres, que são responsáveis por auxiliar o pastor ou bispo. Abaixo dos obreiros, têm-se os grupos: EBI, Evangelismo, Calebe, TFFteen, Força Jovem Universal – FJU, Godllywood e entre outros. Esses grupos também são compostos por homens e mulheres. Os membros comuns podem ser firmes – como já descrito na nota 26 ou pessoas que vão a IURD ocasionalmente.



Fonte: Estrutura construída pelo autor.

### 3.1.3. Considerações Finais

Mariano (2014) define a IURD como um dos maiores fenômenos do neopentecostalismo<sup>35</sup>, conta hoje com templos em 129 países. A igreja foi inovadora ao usar rádios e posteriormente a TV como meio de evangelização e divulgação de seus cultos. Possui uma TV online, onde de qualquer lugar do mundo pode-se assistir a um culto do Templo de Salomão ou buscar auxílios com pastores. Possui também, um jornal semanal próprio e evangelização pessoal.

As características do Neopentecostalismo são visíveis na IURD: uma igreja que incentiva seus fiéis a enriquecerem e está em constante luta com as forças do mal. A reunião pela busca da prosperidade que ocorre as segundas-feiras ensina fiéis a melhorarem suas condições financeiras, testemunhos retratam a mudança de vida de outros membros. Enriquecer não é visto como negativo, ao contrário, seria uma das bênçãos de Deus para com os membros no mundo terreno.

A luta contra o mal é presente no cotidiano, qualquer problema é associado a alguma intervenção maligna. E benefícios são vistos como obra de Deus, milagre de divino. Em vários momentos que conversei com os cabos eleitorais, os mesmos me confidenciavam bênçãos e

<sup>35</sup> Em momento algum ouvi os membros ou pastores intitulando-se “Neopentecostais” ou “pentecostais”, a classificação acadêmica não é absorvida no campo.

livramentos, desde curas, empregos a bons casamentos para si e para seus filhos. Em tudo eram gratos a Deus pelas bênçãos alcançadas.

IURD tem seus clérigos como Ministros, Secretários, Vereadores, Deputados e prefeitos, a vida política não é algo ruim. O que faz com que seja importante a discussão do conceito de Neopentecostalismo – mesmo que breve – para se conhecer a realidade do campo frequentado. Um cabo eleitoral neopentecostal vê a política como parte da sua vida cristã. No campo político ele é também o membro da IURD, mesmo que tente ser neutro, em diversas situações transparecerá seu lado religioso.

### **3.2. Seleção de Candidatos**

#### **3.2.1. Introdução**

Pensar o modo como os partidos buscam possíveis candidatos e seleciona nomes para composição da lista, importa para que se conheça a articulação partidária. Saber se o partido busca um perfil ideal, ou se observa apenas as chances de eleição, orienta-nos acerca do próprio partido. Nessa seção dialogo com Carneiro (2009) para pensar o conceito de seleção de candidatos, suas características e métodos. Embora a autora tenha observado a câmara de deputados federal, sabe-se que as regras partidárias são gerais às candidaturas.

Ao fim da seção apliquei o conceito de seleção ao PRB. O partido foi acompanhado por quase um ano, desde o período pré-eleitoral até as eleições. Estive presente em reuniões com pré-candidatos, na organização de documentos, convenção partidária e no período de campanha, acompanhei reuniões de orientação.

#### **3.2.2. A Seleção**

A seleção de candidatos diz respeito a criação da lista a pleitear um cargo político nas eleições brasileiras. Carneiro (2009) estudou a formação das listas de candidatos ao cargo de deputado federal no estado do Rio Janeiro em 2006. A autora iniciou a discussão fazendo uma revisão bibliográfica, que compreendia os modos formais e informais de seleção gerais e especificamente em seis partidos brasileiros – Democratas (DEM), Partido Comunista do Brasil (PC do B), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Social Cristão (PSC), Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Partido Trabalhista (PT); entrevistou trinta e uma lideranças com a finalidade de construir o perfil de candidatos a deputado federal eleitos nos pleitos de 1994, 1998, 2002 e 2006.

O modo da seleção demonstra a participação ou não dos cidadãos na democracia. Carneiro (2009) apresentou os modos de seleção existentes, observou a ocorrência de maior ou menor inclusão na participação de cidadãos na composição da lista. A participação e restrição nas candidaturas implica a participação cidadã: de que modo poderá um cidadão candidatar-se? Pode ser qualquer cidadão, ou filiado a um partido, que cumpre uma série de requisitos. (CARNEIRO, 2009, P.36)

A conclusão foi de que, apesar da tendência de adoção de métodos mais inclusivos, a maioria dos casos estudados mantém o uso de métodos tradicionais e centralizados, como a convenção partidária ou a assembleia nacional, o que demonstra que ainda é muito importante o papel que os órgãos colegiados dos partidos desempenham dentro deles, ainda mais em se tratando de eleições presidenciais. Há, também, uma grande heterogeneidade de métodos adotados pelos partidos da região, inclusive em um mesmo país. Isso ocorre, principalmente, quando as regras eleitorais permitem que os partidos definam seus próprios métodos (caso do Brasil, lei 9096/95). (CARNEIRO, 2009, P.36-37)

Embora os métodos sejam inclusivos, no Brasil existe uma centralização no partido e este pode ser ainda mais centralizado, dependendo das orientações do diretório nacional.

A candidatura do político está diretamente relacionada a quem este atenderá: a população ou ao partido. Se sofrerá mais controle partidário ou se buscará meios de trocas com seus eleitores. Carneiro (2009) utiliza de Siavelis e Morgenster (2003) a classificação dos legisladores em quatro tipos ideais: com lealdade ao partido; servidor dos eleitores; delegado de grupo e “independente”.

O primeiro é mais fiel ao partido e centraliza os procedimentos partidários com regras mais rigorosas. O segundo caso – mais fiel aos eleitores – é encontrado nos procedimentos mais descentralizados, onde se tem diluída a importância da legenda. O terceiro já estaria vinculado a uma associação ou grupo particular – como igrejas, sindicatos – capazes de exercer algum controle na lista ou financiamento partidário. Esse tipo é misto, pode estar presente em uma lista aberta ou fechada. O quarto e último tipo ideal, é transitoriamente fiel a partidos ou candidatos. Encontrado em listas com barreiras menores e os sistemas de listas são abertos. (CARNEIRO, 2009, P.37-38)

Os “portões” são as fases em que a seleção é feita e os “porteiros” são os responsáveis pela seleção. A cada fase, um “portão” é ultrapassado, o mecanismo vai se afunilando e menos pessoas ficam aptas a compor a lista. (CARNEIRO, 2009, P.38)

O modelo de análise é elaborado, ainda, com base em quatro níveis de análise: “oferta” (candidatos), “demanda” (desejos do selecionador), “ambiente de recrutamento” (regras formais da competição) e “estrutura do recrutamento” (regras informais da competição). O resultado é que a seleção de candidatos pode ser analisada em virtude do grau de formalidade/ informalidade e do grau de



centralização/ descentralização do processo, resultando, por fim, em quatro “maneiras de selecionar” (informal-centralizada; formal-centralizada; informal-descentralizada e formal-descentralizada). Ou seja, a seleção é avaliada em virtude de uma escala de maior ou menor controle partidário e de maior ou menor inclusão no processo decisório.(CARNEIRO, 2009, P.38-39)

A partir da análise bibliográfica, Carneiro concluiu que a descentralização inclui candidatos enquanto a centralização exclui. Haverá sempre um grupo nos diretórios partidários centralizando a seleção. Quanto maior for a participação, maior será a democracia partidária. Todavia a centralização garante a coesão e disciplina – aplicada ao grupo de candidatos pelos partidos. O controle dos partidos aos candidatos está relacionado a atribuição da nomeação: aos eleitores, partidos ou ambos. Partidos grandes tendem a ser mais centralizados do que os pequenos. E por fim, existe um viés na seleção – classe, idade e gênero no qual as mulheres são encontradas em sistemas multipartidários:

A seleção é um processo estabelecido por um conjunto de interações informais entre diversos atores internos e externos aos partidos nos níveis nacional, regional e local, e a divulgação da decisão é apenas uma formalidade. Além disso, a decisão sofre influência do sistema político, do sistema eleitoral, da cultura política de um país, da ideologia do partido e dos valores individuais dos selecionadores e dos candidatos. No entanto, nenhuma dessas variáveis explica totalmente o resultado da seleção, pois métodos centralizados e exclusivos são encontrados nos partidos independentemente de sua posição ideológica ou, ainda, diferentes métodos de escolha de candidatos são aplicados sob um mesmo arranjo institucional. (CARNEIRO, 2009, P.41)

É propagada a ideia de que o sistema de lista aberta no Brasil é propenso a competições intrapartidárias. A lista é ordenada a partir dos votos dos eleitores a candidatos dentro do partido. Entretanto, o candidato depende dos votos do partido para se eleger. Ou seja, sozinho, nenhum candidato alcança o pleito. As cadeiras são divididas entre partidos pelo cociente eleitoral, o mais votado da lista alcança a primeira cadeira – destinada aquele partido – e se distribuem o restante até que termine o número de cadeiras. O candidato deve buscar votos para garantir uma cadeira dentre as dadas ao partido, mas sem o cociente do partido/coligação, ele não se elege. Embora possa ocorrer a competição entre candidatos, o partido consegue controlá-los, sem partido não é possível candidaturas no Brasil. (CARNEIRO, 2009, P.43)

A câmara federal possui alta rotatividade de seus políticos, não existindo carreira. Diferente de outros cargos, a reeleição não é comum. Carneiro utiliza de Samuels (2003) a ideia de que os políticos deixam o cargo de deputado federal para se candidatarem a prefeituras, governos estaduais e até mesmo nacionais, pois estes cargos executivos seriam mais atraentes do que o legislativo federal. Outro motivo seria a própria regra eleitoral que permite que o candidato dispute outro cargo político, sem perder o seu mandato. Um deputado pode se candidatar a alguma prefeitura e só deixa seu cargo se vencer a eleição, caso não vença, retorna

ao seu posto. Assim, a Câmara é vista como um “trampolim” de acesso a outras cadeiras políticas e não um cargo para construção de toda uma carreira. (CARNEIRO, 2009, P.47-48)

A seleção dos candidatos é centralizada por um grupo específico no partido político, sendo muitas vezes controlada a nível nacional. Não são todos ou qualquer pessoa que consegue um lugar na lista dos partidos. E nem sempre um partido completa sua lista. Para uma vaga na nominata, a legenda do partido, suas ideologias e o capital pessoal importam. Carneiro percebeu que dentro do grupo de candidatos, alguns são mais queridos que outros. (CARNEIRO, 2009, P.62-63)

Para Carneiro, a seleção acontece em dois momentos: um momento caracterizado por regras formais – partidárias e do sistema eleitoral brasileiro e regras informais – que variam conforme o partido, diretório. Esses momentos não se encontram separados, ocorrem simultaneamente. Além destas, o quadro é composto também por outros fatores de interferência no processo: fatores internos e externos à seleção de candidatos, os selecionadores e outras questões que se relacionam com o lançamento ou não de um político como os acordos entre grupos, as indicações (internos) e o contexto sócio-político e eleitores (externo). As regras formais são a elegibilidade<sup>36</sup> (capacidade de poder ser elegível), incompatibilidade<sup>37</sup> (ter que abrir mão de um cargo político por se candidatar a outro) e inelegibilidade<sup>38</sup> (não poder ser eleger). (CARNEIRO, 2009, P.67-75)

---

<sup>36</sup> As condições de elegibilidade são, além do alistamento eleitoral: possuir nacionalidade brasileira, ser alfabetizado; estar em pleno exercício dos direitos políticos; possuir a idade mínima para candidatar-se (no caso de deputado federal é de 21 anos); possuir domicílio eleitoral na respectiva circunscrição eleitoral pelo prazo de, pelo menos, um ano antes do pleito<sup>20</sup>; cumprir com o prazo mínimo de filiação partidária (pelo menos, um ano antes das eleições, desde que o estatuto do partido não estabeleça prazo superior. Na prática, os estatutos não fixam prazo maior que o já estabelecido pela legislação eleitoral). A referida filiação partidária, nas eleições realizadas pelo sistema proporcional, deverá ter sido feita na circunscrição em que deseja concorrer. O militar alistável é elegível, desde que atenda algumas condições: se contar com menos de dez anos de serviço, deverá afastar-se da atividade e se contar com mais de dez anos de serviço será agregado pela autoridade superior e, se eleito, passará automaticamente, no ato da diplomação, para a inatividade. Por fim, o presidente da República, os governadores de Estado e do Distrito Federal, os prefeitos e quem os houver sucedido no curso dos mandatos poderão ser reeleitos para um único período subsequente. (CARNEIRO, 2009, , P. 74-75)

<sup>37</sup> Para poder ser candidato devem ser respeitadas também as condições de incompatibilidade: como, por exemplo, renunciar ao mandato de prefeito ou governador, no mínimo, seis meses antes do pleito, para concorrer a outro cargo eletivo, ou, ainda, os magistrados, os membros dos Tribunais de Contas e os do Ministério Público devem filiar-se ao partido político e afastar-se definitivamente de suas funções até seis meses antes das eleições. Os servidores públicos federais candidatos a cargo eletivo na localidade onde desempenham suas funções e que exerçam cargos de chefia, assessoramento, arrecadação ou fiscalização devem ser afastados a partir do dia do registro de sua candidatura na Justiça Eleitoral até o 10º dia seguinte ao pleito.(CARNEIRO, 2009, P.75)

<sup>38</sup> Além disso, diversas condições tornam o aspirante inelegível. São inelegíveis, por exemplo, no território de jurisdição do titular, o cônjuge e os parentes consanguíneos ou afins, até segundo grau ou

Este capítulo seguirá a linha de Gallagher e Marsh (1988), Norris e Lovenduski (1995) e Norris (1996 e 1997) de que a seleção de candidatos pode ser analisada como composta por três espécies de “filtros” (ilustrados na figura a seguir): (1) as regras e as leis eleitorais, o sistema eleitoral e as regras partidárias; (2) os selecionadores e (3) os eleitores, sendo que aqui a análise se concentrará nos dois primeiros. (CARNEIRO, 2009, P.68)

Ainda assim, poucas são as regras colocadas aos partidos para a confecção das listas. A legislação - Lei 9504/1997 apenas obriga que os partidos façam a convenção partidária estadual entre os dias 20 de julho a 5 de agosto do ano eleitoral<sup>39</sup>, onde é apresentada a lista oficial e a coligação afirmada; respeitar o limite de candidatos por partido e/ou coligação; reservar ao menos 30% das vagas e ao máximo 70% para cada sexo<sup>40</sup> e os partidos devem possuir diretório registrado no local onde lançará candidaturas. (CARNEIRO, 2009, P.76-77) As regras formais são poucas e sozinhas não explicam a seleção de deputados federais, deste modo, Carneiro direcionou sua análise aos “selecionadores”, são estes agentes que filtram toda a seleção e sem passar por eles, candidato nenhum compõem a lista. (CARNEIRO, 2009, P.92).

Visto que as regras formais dadas pela legislação, pouco explicava o modo como é feito a seleção, Carneiro (2009) buscou conhecer as regras informais do processo. Para tal, a autora realizou trinta e uma entrevistas semiestruturadas e abertas com lideranças partidárias<sup>41</sup> consideradas importantes no processo decisório da lista de diretórios estaduais do Rio de Janeiro. A saber: presidentes, vice-presidentes, secretários-gerais, delegados e outros. Carneiro (2009) buscava encontrar “pontos-chave” durante a conversa que explicassem o processo informal da seleção. (CARNEIRO, 2009, P.92)

São quatro importantes selecionadores para candidatos a deputado federal: 1. O próprio candidato pode decidir sobre sua candidatura e este será avaliado e avaliará suas chances e

---

por adoção, do presidente da República, de governador de Estado, de Território, ou do Distrito Federal, de prefeito ou de quem os haja substituído dentro dos seis meses anteriores ao pleito, salvo se já titular de mandato eletivo e candidato à reeleição. Também estão proibidos de exercer atividade político-partidária os magistrados e os membros do Ministério Público. (CARNEIRO, 2009, P.75)

<sup>39</sup> Essa data está de acordo com a reforma eleitoral - Lei nº 13.165/2015, antes o prazo estabelecido era de 10 a 30 de junho do ano da eleição. Fonte: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2016/Julho/eleicoes-2016-partidos-podem-realizar-convencoes-para-escolher-candidatos-a-partir-de-hoje-20>

<sup>40</sup> Essa regra existe para que mulheres consigam a inserção na política. A reserva de vagas obriga partidos a lançarem candidaturas femininas, visto que antes, pouco se tinha presença de candidaturas femininas.

<sup>41</sup> As entrevistas foram realizadas entre janeiro de 2006 a fevereiro de 2009, o questionário continha trinta perguntas e serviu de guia para que a entrevista pudesse ser conduzida.

custos para tal decisão. 2. O partido pode convidar alguém que tenha possíveis chances eleição ou capaz de agregar votos. 3. Eleitores depositam seus votos em determinado candidato para que ele possa conquistar uma cadeira dentro da câmara federal. 4. Ser eleito – como já explicado anteriormente, a eleição não depende de votos individuais, embora “puxadores de voto”<sup>42</sup> sejam de grande importância – o candidato eleito é aquele pertencente ao partido/coligação que alcançou o cociente eleitoral e que também dentro do seu partido/coligação alcançou o maior número de votos.(CARNEIRO, 2009, P.94)

Carneiro (2009) percebeu que são três grandes marcos temporais seguidos em obediência à legislação eleitoral. O primeiro grande marco temporal destacado pelos selecionadores entrevistados é o prazo final para filiação dentro do partido; um ano antes os selecionadores buscam nomes para a lista, pois é necessário ter um ano de filiação partidária para disputar o pleito. Assim é construída uma “pré-lista” com contatos e informações de possíveis candidatos. O segundo momento corresponde ao prazo de desincompatibilização; momento este em que se verifica dentro da lista de possibilidades, aqueles que realmente poderão disputar o pleito que possuem todos os pré-requisitos necessários. Depois de feitos esses processos, o partido poderá formar uma coligação e então é realizada a Convenção – dentro do prazo estabelecido pela lei<sup>43</sup> – que torna público a lista e a formação de coligação. Segundo Carneiro, a informalidade é posta após conhecer as regras eleitorais, usada para que a lista formada alcance seu objetivo: a eleição de deputados federais:

Uma vez conhecidas essas regras gerais, os partidos se movimentam informalmente, entre estas datas importantes, para não só cumpri-las como também utilizá-las em seu proveito: trazer nomes que lhes interessam dentro do prazo e traçar estratégias que lhes permitam mais adiante, quando os votos forem convertidos em cadeiras, o melhor resultado possível. (CARNEIRO, 2009, P.127)

Por fim, a autora analisou o perfil da câmara dos deputados federais do estado do Rio de Janeiro e percebeu que possuem um padrão “elitista” menos inclusivo. Dessa maneira, os partidos possuem um perfil de candidatos a serem escolhidos para comporem as suas listas: mais homens do que mulheres, mais empresários e homens bem instruídos, com destaque para a formação em direito. Segundo Carneiro: “mais de 50% dos candidatos têm nível superior

---

<sup>42</sup> Puxador de votos é aquele candidato com potencial de captação de votos, que com sua pontuação pessoal, consegue eleger-se a si e outros demais.

<sup>43</sup> Em 2016, as convenções ocorreram entre 20 de julho a 5 de agosto. Fonte: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2016/Julho/eleicoes-2016-partidos-podem-realizar-convencoes-para-escolher-candidatos-a-partir-de-hoje-20>

completo, com destaque para o diploma do curso de Direito”. O bloco ideológico influencia a entrada na lista: um aspirante a candidato com curso superior terá mais chances de entrar em um partido de centro ou direita; se é professor ou funcionário público, terá chances de entrar num partido de esquerda.

### 3.2.3. O caso do PRB

O PRB não difere de outros partidos na busca por candidatos. Um ano antes, o presidente vai em busca de possíveis nomes para compor a legenda e se disponibiliza para a recepção de pessoas que desejam se candidatar. Durante os meses que antecederam a convenção partidária – realizada em 02 de agosto de 2016<sup>44</sup> – observei a movimentação dos voluntários no atendimento aos pré-candidatos. Foi criado um banco de dados e também os voluntários que organizaram as documentações. O número de voluntários aumentava a medida que a campanha se aproximava e eram selecionados conforme a necessidade do partido, concomitantemente à seleção dos candidatos.

Carneiro (2009) apontou portões que se afunilam ao longo de todo o processo seletivo. Segundo a autora, existiam aqueles que eram convidados e os que se candidatavam por vontade própria. Pude observar esses dois casos: candidatos que foram convidados a compor a lista como a Creuza presente na pré-lista para o cargo de vereador na composição feminina do partido. E o Marcelo, um dos mais animados com a campanha, que se candidatou por vontade própria. Este estava sempre acompanhado de sua esposa e eram assíduos nas reuniões. Os dois apenas exemplificam o que ocorreu dentro do partido em concordância com Carneiro.

O partido tutelou os seus pré-candidatos e a tutela permaneceu pós convenção partidária. Os cabos eleitorais<sup>45</sup> em conjunto com o presidente do partido gerenciaram toda a candidatura. Os documentos eram conferidos pelos voluntários, as fotos foram tiradas no próprio partido, que também se dispôs a buscar as declarações necessárias no Rio de Janeiro. O presidente falava com empolgação desta característica do partido, usando como exemplo que em outros partidos os candidatos “se viram” para organizarem toda a documentação. E no PRB havia toda uma

---

<sup>44</sup> O prazo final para a realização das convenções no ano de 2016, foi de até 05 de agosto.

<sup>45</sup> Cabos eleitorais aqui correspondem tanto aqueles que já possuem funções no partido – secretaria, tesouraria, entre outros – quanto aqueles que são selecionados somente no período de pré-campanha e campanha como os da limpeza e serviço de panfletagem.

estrutura – voluntária – para atender aos candidatos. Durante essas falas, candidatos que já haviam estado em outros partidos concordavam.

Para além destas atividades, o partido também educou seus cabos eleitorais e pré-candidatos. Reuniões foram feitas para ensinar aos cabos eleitorais e pré-candidatos o que seria “ser republicano”. Assim a ideologia do partido era ensinada aos que a ele chegavam e era mostrado o diferencial do partido em relação aos outros. Outras palestras foram dadas ao longo do ano: foram educados a usar as redes sociais em benefício publicitário e como fazer campanha barata dentro das leis. A minirreforma também foi apresentada ao grupo, o partido atentava-se às leis e mantinham contato com advogados parceiros para não ter nenhum processo.

Carneiro afirmou uma centralização partidária onde as decisões ficam restritas a um grupo específico. No partido, observei a centralização durante o período de decisão de uma candidatura. Heitor viria como candidato a prefeito, todos estavam animados; as pesquisas apontavam como possibilidade de vitória e o partido iria então ter o controle de uma cidade, vitória em uma eleição majoritária. Próximo à convenção partidária fomos chamados para uma reunião de urgência, rumores anunciavam a não candidatura de Heitor, o mesmo havia se pronunciado em redes sociais.

Um clima de tensão permeava a reunião, Heitor não viria mais como candidato a prefeito, mesmo com possibilidade de vitória. O discurso dado foi o de “cortes de gastos”, a decisão vinha da diretoria estadual que afirmava a necessidade de conter despesas e concentrá-las na campanha majoritária da capital, pois essa exigiria mais gastos para divulgação, tempo em televisão e outros. Segundo o líder, o diretório estadual convocou as direções municipais e regionais e cortou candidaturas em várias cidades para investir no candidato a prefeito do Rio de Janeiro, acreditavam ser o melhor momento com possibilidade de vitória. A centralização é vista quando o diretório corta a possibilidade de uma eleição majoritária, com a afirmação de que se tenha fundos direcionados a um candidato que já havia tentado outras duas vezes para o mesmo cargo sem sucesso<sup>46</sup>.

Outro ponto apontado por Carneiro compreende a rotatividade na câmara. O partido traz em seu histórico nenhuma reeleição, de quatro em quatro anos, um novo nome é eleito e esse nome não compõem a lista seguinte. Nem mesmo um dos candidatos mais votados em 2012 –

---

<sup>46</sup> O referido candidato havia disputado 2 vezes para o cargo de governador (2006 e 2014) e também duas vezes para o cargo de prefeito (2004 e 2008), tendo obtido vitória no município em 2016. O mesmo já havia sido eleito duas vezes para o senado (2002 e 2010). Fonte: TSE.

o Heitor<sup>47</sup> – conseguiu se reeleger em 2016. O caso dos candidatos iurdianos é ainda mais curioso: toda eleição os iurdianos apoiam um nome diferente, o que impede a criação de uma carreira a se estabelecer dentro da câmara. Carneiro percebeu que a rotatividade se dava pelo custo da eleição e o uso do cargo legislativo como trampolim, em campo, a explicação da rotatividade se dá pela “traição” e ausência de “lealdade”<sup>48</sup>.

#### **3.2.4. Considerações finais**

Carneiro define a seleção de candidatos como portões onde os porteiros seriam os selecionadores. Não é qualquer pessoa que pode se candidatar, é necessário ter os requisitos necessários e um número menor ainda é eleito, por isso Carneiro apresenta as os portões como funis. Os portões ficam mais restritos ao longo do processo e menos pessoas conseguem passar. Para além das regras formais, existem informalidades que influenciam fortemente aos candidatos, como a centralização do partido.

A autora mostra o quanto é importante saber o modo de seleção para compreender o partido. A partir da seleção a centralização ou descentralização partidária e o possível tipo ideal de buscado. O PRB demonstrou-se centralizado na composição de sua lista de candidatos, a direção estadual cortou a candidatura majoritária. A mesma centralização ocorre com os cabos eleitorais: o grupo é fechado e quinze deles afirmaram durante a entrevista que entraram por meio do convite do líder ou por algum integrante do grupo<sup>49</sup>. O líder afirmou que na campanha de 2012 convidou amigos e integrantes do grupo de ação social. O partido não tinha fundos, precisava de voluntários.

Percebi similaridades da teoria de Carneiro com o PRB. Busca candidatos um ano antes para estarem de acordo com a regra de filiação partidária, possui regras informais que interferem na composição das listas e é centralizado. A seleção de cabos eleitorais ocorre concomitantemente com os candidatos e segue os moldes observados por Carneiro. Enquanto

---

<sup>47</sup> O caso de Heitor não pode ser explicado pela lealdade, pois este não era apoiado pela denominação religiosa. Este, elegeu-se com seu carisma de apresentador que fazia festas populares, com a queda de seu carisma, não consegue a reeleição.

<sup>48</sup> Um candidato político religioso que se corrompe em exercício político não é apoiado em próximo pleito. Em reunião foram citados cinco nomes de candidatos apoiados que não foram leais e assim no ano seguinte não tiveram apoio. Dois deles, tentaram a candidatura no ano seguinte, mas ambas sem sucesso.

<sup>49</sup> Até mesmo o líder entrou na política por meio de um convite.

ocorria os processos de construção da lista partidária, o grupo de cabos também era selecionado naqueles já haviam trabalhado em eleições anteriores e também novas pessoas.

#### **4. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE OS CABOS ELEITORAIS**

##### **4.1. Introdução**

A importância do trabalho de cabos eleitorais gerou recente discussão e mudanças na legislação eleitoral do Brasil. Conhecido como minirreforma eleitoral, o projeto de lei número 441/2012 tinha como justificativa reduzir os altos custos das campanhas eleitorais brasileiras. Dentre as alterações, têm-se a diminuição do tempo de campanha eleitoral de três meses para dois meses. O artigo 100- estabelece um limite de contratações pagas, deixa livre a contratação de voluntários. Este capítulo discute a temática de cabos eleitorais, como foi e tem sido levantada no campo jurídico, jornalístico e acadêmico.

Para dar conta da discussão, trabalhei o material coletado e as informações deles emergidas em dois momentos: No primeiro momento aglutinei os turnos e os movimentos da discussão sobre a Minirreforma Eleitoral no Senado, bem como estão, ao seu fim, algumas notícias relacionadas ao trabalho dos envolvidos nas campanhas eleitorais. A primeira seção determina quais os principais pontos legais de discussão durante a conformação da lei. Analisa a alteração da legislação e a criação do Artigo 100, bem como os projetos de lei que o constroem e atores envolvidos. Ao final desta, apresento algumas notícias divulgadas durante e após a legislação em vigor (2012-2014) e a presença do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) como um caminho para que cabos eleitorais tenham seus direitos amparados.

O segundo momento é uma tentativa de reportar os tratamentos dados ao tema em trabalhos acadêmicos. A presença dos cabos eleitorais é um dos atributos centrais nas campanhas eleitorais desde o princípio da democracia brasileira, embora exista uma ótica pejorativa sobre a questão. Almeida (2005) já apresenta o trabalho de cabos eleitorais em cadastramento de eleitores no ano de 1930 em Cataguases – MG. Já Kuschnir (2000) e Ribeiro (2009) citam a presença de cabos eleitorais ao acompanhar campanhas municipais no Rio de Janeiro e numa cidade do Maranhão respectivamente. Machado (2004) entrevistou vereadores e deputados do município e estado do Rio de Janeiro, percebeu em suas falas que eles tinham um grupo organizado e organizando suas campanhas, mas o trabalho não explicita o modo. Apenas Schwarzkopf (2006) analisa cabos eleitorais nas campanhas municipais de Santa Maria em 2004. Desse modo, cabe debruçar melhor sobre esses cinco autores, afim de perceber a importância dos mesmos para a análise de cabos eleitorais. Por fim, apresento apontamentos



considerados importantes nesse trabalho: o TAC como um meio para direitos de cabos eleitorais e a escassa presença de cabos eleitorais em discussões acadêmicas demonstra a necessidade de observar a dinâmica destes atores.

#### **4.2. Debate no senado**

Para a legislação, cabos eleitorais são pessoas contratadas de modo direto ou terceirizado para prestação de serviços de militância e mobilização de rua em período de campanhas eleitorais. (BRASIL, 2013) A menção aos cabos eleitorais encontra-se no artigo 100 da lei 12.891/2013. Recente lei que tem por objetivo alterar outras legislações eleitorais, a saber: Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965, 9.096, de 19 de setembro de 1995, e 9.504, de 30 de setembro de 1997; com intuito de reduzir gastos com campanhas eleitorais e revoga dispositivos das Leis nºs 4.737, de 15 de julho de 1965, e 9.504, de 30 de setembro de 1997<sup>50</sup>. Anteriormente a descrição que conceitua cabos eleitorais não existia, apenas aparecia dentro dos gastos eleitorais como pessoal que presta serviço a candidaturas e comitês. (BRASIL, 1997, P.08)

A discussão em torno destas pessoas que prestam serviço no período eleitoral foi incluída na pauta dos gastos em campanhas. Após as eleições municipais do ano de 2012, o senado discutia a tentativa de se reduzir os custos gerados pelos pleitos. Antes do trabalho dos cabos eleitorais, outras medidas foram debatidas: teto de gasto a ser reduzido; tempo de propaganda em rádio, televisão e outras mídias; materiais de divulgação e também o período a ser feito a campanha eleitoral. O trabalho de cabos eleitorais entra no debate quando essas alterações já estavam sancionadas.

A discussão iniciou-se através de uma proposta de emenda que alteraria o artigo (Art.) 26 da Lei 9.504/1997. A proposta enviada ao senado pelo Senador Humberto Costado do Partido dos Trabalhadores (PT) de Pernambuco (PE) em setembro de 2013 buscava alteração da redação, apresentava gastos que são considerados nas prestações de contas. No inciso VII afirmava: “ remuneração ou gratificação de qualquer espécie a pessoal que preste serviços às candidaturas ou aos comitês eleitorais” (BRASIL, 1997).

A possibilidade de pagamento de cabos eleitorais garantida por lei, estaria contribuindo para a “profissionalização” em campanhas eleitorais. Segundo o Senador Humberto Costa isso se dava ao fato de receberem salários pelo período que antecede a campanhas. Afirmava ainda

---

<sup>50</sup> Texto adaptado da Lei 12.891/2013.

que tal contratação estaria sendo “deturpada em muitas campanhas”, além de contribuir para “legalizar” a “compra de votos”.(SENADO FEDERAL, 2013, P.01-02) O Senador Humberto Costa justificava a sua proposta de emenda ao Senado apontado alterações no Art. 26 da Lei 9.504/1997.

A proposta era a de que todo o trabalho dos cabos eleitorais fosse voluntário. Na emenda de número 02, o senador Humberto Costa propunha que todo o trabalho de cabos eleitorais fosse regulamentado pela Lei 9.608/98 que se refere ao trabalho voluntário com a possibilidade de custeio das despesas – mas não seria uma obrigação – bem como repete a declaração contida na Lei 9.504/1997 no Art. 100 (único que abordava a questão de cabos eleitorais) que o trabalho não estabelecerá vínculo empregatício. A proposta estabelecia um teto de até um salário mínimo mensal para custear despesas mediante comprovação<sup>51</sup>.

Na proposta de emenda número 02 havia a separação do trabalho dos cabos eleitorais com demais serviços. O parágrafo primeiro afirma:

Excetuam-se do disposto no *caput*, os trabalhos de natureza técnica ou os de natureza intelectual, assim considerados estudos, planejamentos e projetos de *marketing* político e publicidade, pareceres e avaliações, assessorias e consultorias financeiras e contábeis, patrocínio ou defesa de causas judiciais ou administrativas e treinamento de pessoal. (SENADO FEDERAL, 2013, P.01)

O texto deixa evidente a separação entre os tipos de trabalho: de um lado o trabalho dos cabos eleitorais que estaria sendo usado como compra de votos e caro às campanhas; de outro os trabalhos técnicos e intelectuais que não se enquadrariam como cabo eleitoral e teria sua remuneração preservada, além de não estar associado a compra de votos e ou corrupção. De um lado, o trabalho braçal sem necessidade de instrução a ser voluntário e de outro, o trabalho “técnico e intelectual” remunerado.

A proposta foi vetada e estabelecido em lei um teto de contratações pagas de acordo com o número de habitantes<sup>52</sup>. Vetada pela Presidente na época, Dilma Rousseff<sup>53</sup>, o pagamento de cabos eleitorais deveria obedecer aos tetos sancionados por lei. Já a contratação de militância voluntária, apoio operacional, administrativo, fiscais, delegados e advogados de candidatos,

---

<sup>51</sup> Apresentação de notas fiscais ou recibos e necessidade de assinatura de um “termo de adesão”, podendo ser feito entre o comitê, coligação, partido ou próprio candidato para com o cabo eleitoral.

<sup>52</sup>Ver artigo 100-A da Lei número 12.891 de 11 de dezembro de 2013.

<sup>53</sup> Ver a notícia divulgada pela imprensa do Tribunal Superior Eleitoral (TSE): “Presidente Dilma Rousseff sanciona lei da Minirreforma Eleitoral. ”

partidos e ou coligações ficam livres da limitação imposta. O voluntariado poderá receber uma ajuda de custo de até um salário mínimo por mês para custear suas despesas quando comprovada com respectivo número de inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas (CPF). (BRASIL, 2013, P.08). A discussão mostra importância que se tem no trabalho de cabos eleitorais capaz de entrar na agenda de discussão do financiamento de campanhas no senado.

#### **4.2.1. Notícias**

O fim do processo de tramitação da lei foi divulgado no canal de notícias da justiça eleitoral. A divulgação do veto da então presidente Dilma sobre o tema ainda divide opiniões. Para além da divulgação da lei, as notícias sobre cabos eleitorais aparecem em dois tipos: 1. Associando o trabalho à compra de votos, abuso de poder econômico e outros crimes eleitorais; 2. Sobre os direitos dos trabalhadores na ausência de vínculos empregatícios e possíveis “calotes” que trabalhadores sofrem de seus empregadores. Nessa seção apresento algumas notícias dentro dessas duas grandes categorias.

Os noticiários apontam uma relação entre o trabalho dos cabos eleitorais e a “compra de votos”. Em 2012, o MPE de Santa Catarina decidiu por prisão preventiva do vereador Elisandro Guimarães de Oliveira (candidato à reeleição) e cinco cabos eleitorais. Eles foram acusados de compra de votos, pois o vereador e seus cabos estariam distribuindo recursos financeiros como: o fornecimento de cestas básicas; fardamento para times de futebol; materiais de construção; regularização de veículos com débitos; vale gasolina; quitação do IPTU; agilização, obtenção de exames médicos, consultas na rede pública de saúde e o pagamento das taxas para a obtenção de Carteiras Nacionais de Habilitação e de Identidade, segundo informações da promotoria. Outros sete cabos eleitorais e onze pessoas também estariam envolvidas. (MINISTÉRIO PÚBLICO DE SANTA CATARINA, 2012) Nessas distribuições, era o cabo eleitoral quem mediava a relação.

Políticos são cassados por “abuso de poder econômico”. Em 2012, o prefeito Rodrigo Rossoni e vice-prefeito João Vitório Nhoatto de Bituruna-PR, foram cassados por “abuso de poder econômico”. Numa campanha suplementar, a chapa contratou 528 cabos eleitorais numa cidade com 12 mil eleitores em 15 mil habitantes. O ministro Arnaldo Versiani, relator do caso, afirmou que seria abuso de poder econômico por que: “A contratação maciça de cabos eleitorais implica a quebra de igualdade entre os candidatos que estão na disputa, além do que gera indubitável reflexo no âmbito do eleitorado a afetar, portanto, o equilíbrio e a normalidade do

pleito.” O prefeito e seu vice foram condenados a inelegibilidade por oito anos. (NOTA DEZ, 2012)

Cabos eleitorais estampam denúncias no Ministério Público do Trabalho (MPT) e Ministério Público Eleitoral (MPE) no Amazonas. Em 2014, o MPT do Amazonas (11ª Região) em conjunto com o MPE iniciou investigações em duas coligações: “Fazendo Mais Por Nossa Gente” e “Renovação e Experiência”. As mesmas foram denunciadas por não pagamento e atraso de salários de cabos eleitorais, além de cabos voluntários que estavam recebendo salários e outros que não receberam a cópia de seus contratos de serviço. A denúncia foi feita diretamente ao MPT e as coligações deveriam fornecer o contrato e pagamento até antes do primeiro dia de pleito; abster-se do contrato com voluntários que estavam sendo remunerados. O MPE afirmou a importância da investigação conjunta, pois a contratação voluntária poderia estar mascarando a presença de “caixa 2”. (PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO AMAZONAS, 2014)

O trabalho de cabos eleitorais não gera vínculo empregatício. Um cabo eleitoral recebeu indenização por ter sido atingido por uma bandeira durante uma briga de partidários e ter ficado cego. O juiz reconheceu que embora ele não fosse “empregado” e deste modo não gera vínculo empregatício por ser uma relação de trabalho “eventual”, o cabo merecia seus direitos. Como tentativa de recurso, o ex-governador afirmou ser o cabo voluntário, recebendo 1 mil reais de ajuda de custo. O recurso foi negado pelo juiz, a lei estabelece que o voluntário deve receber ajuda de custo de até um salário mínimo<sup>54</sup>. O trabalho de cabos eleitorais enquadra-se em serviços “eventuais”<sup>55</sup> (ACADEMIA BRASILEIRA DE DIREITO, 2013)

A falta de leis que regulam o trabalho de cabos eleitorais abre brecha para o serviço ser mal remunerado e não oferecer boas condições de trabalho. No Rio de Janeiro, às vésperas das eleições de 2014, o G1 fez uma reportagem com cabos eleitorais. Os cabos afirmaram dificuldades no ofício, não possuíam boas condições e remuneração. Além do fato de o subemprego ser temporário e estariam novamente sem trabalho pós eleição. Dentre as falas, uma senhora identificada como Maria de Fátima afirmava que os políticos deveriam ajudar os cabos eleitorais “a ter um emprego decente”. (BARREIRA, 2014) Na época, os entrevistados

---

<sup>54</sup> Em 2013, o salário mínimo era de R\$ 678,00. Fonte: <http://www.fenatracoop.com.br/site/salario-minimo-2013-2014-e-2015-vigente-e-tabela/>

<sup>55</sup> Palavras do Tribunal Regional do Trabalho do Rio Grande Do Sul.

trabalhavam vigiando placas na via pública.<sup>56</sup> A legislação controla o número de contratados, bem como o tipo – voluntário ou remunerado – não se atentando as condições do trabalho.

No Amazonas e Roraima, o Termo de Ajuste de Conduta (TAC) garante qualidade aos cabos eleitorais. O TAC assinado e acordado com partidos políticos e o MPT tem por proposta dar melhores condições de trabalho a cabos eleitorais e fiscalizar. No documento, os partidos:

... comprometeram a contratar os cabos eleitorais, por meio de contrato individual escrito, assegurando um salário mínimo proporcional, respeitado o salário mínimo/hora, e uma jornada de trabalho de até 8 horas diárias e 44 horas semanais com uma folga semanal. Os partidos ainda deverão conceder gratuitamente água potável em recipiente higiênico e adequado, durante toda a jornada de trabalho; vale alimentação, no valor mínimo de R\$ 7 por dia, ou fornecimento in natura de alimentação; dois vales transporte por dia de trabalho ou o valor correspondente, salvo se houver fornecimento de transporte; e ainda, protetor solar.

O pagamento do salário, vale transporte e/ou vale alimentação deverá ser feito mediante cheque ou depósito bancário em nome do contratado.(PORTAL NACIONAL DO DIREITO DO TRABALHO, 2014, P.1)

O documento foi assinado por dezoito partidos<sup>57</sup> e demonstra avanços na qualidade das condições de trabalho e dos direitos dos cabos eleitorais.(PORTAL NACIONAL DO DIREITO DO TRABALHO, 2014)

O TAC é um documento que firma compromisso entre duas partes, dá garantias de que o compromisso ali firmado será executado sem a necessidade de uma ação judicial. O TAC abrevia o processo judicial, a ação só ocorre em descumprimento do documento. (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL - PROCURADORIA DA REPÚBLICA NA BAHIA, 2016) A criação do termo data do início da década de 1990, sendo o artigo 211 homologado sem vetos na primeira edição do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei Nº 8.069, De 13 De Julho De 1990) em defesa de interesse individuais e coletivos da criança e do adolescente. Em mesma época, o Código de Defesa do Consumidor (CDC - Lei Nº 8.078, De 11 De Setembro De 1990) encontrou dificuldades ao tentar aprovar o § 3 do artigo 82 que

<sup>56</sup> As alterações na legislação proíbem tal prática atualmente. Lei 12.891 de 11 de dezembro de 2013.

<sup>57</sup> Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Dos Trabalhadores (PT), Partido Comunista Do Brasil (PC do B), Partido Trabalhista Cristão (PTC), Partido Social Cristão (PSC), Partido Da Mobilização Nacional (PMN), Partido Republicano Progressista (PRP), Partido Verde (PV), Partido Trabalhista Do Brasil (PT do B), Partido Progressista (PP), Partido Socialista Dos Trabalhadores Unificado (PSTU), Partido Trabalhista Nacional (PTN), Partido Da República (PR), Partido Social Democrático (PSD), Partido Pátria Livre (PPL), Partido Republicano Da Ordem Social (PROS) e Solidariedade (SD).

buscava instituir o mesmo termo de ajuste para interesses transindividuais de consumidores. O termo de ajustamento ao CDC foi sancionado e promulgado com os §§ 5 e 6 do Art.113, passando a fazer parte da lei. (MAZZILLI, 2006, P. 7-9)

O TAC só pode ser tomado por órgãos públicos legitimados: Ministérios Públicos, União, Estados, Municípios, Distrito Federal e outros órgãos governamentais legítimos. Desse modo, associações civis não podem tomar o termo. (MAZZILLI, 2006, P.11) Embora comumente utilizado em questões ambientais – firmando por exemplo, o compromisso de que determinada empresa compense à população – o TAC pode ser utilizado em qualquer tipo de compromisso e nos últimos anos tem sido usado para garantir qualidade ao trabalho de cabos eleitorais. Os MPT em parceria com os MPE têm firmado compromissos entre partidos e coligações com cabos eleitorais nos estados do Amazonas (AM), Alagoas (AL) e Roraima (RO)<sup>58</sup>. A medida é inovadora e tem garantido direitos e qualidades a categoria que não é assistida pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT - Decreto-Lei N.º 5.452, de 1º de Maio de 1943) por não se enquadrarem nas categorias trabalhistas e nem configurarem vínculo empregatício.

Ao fim da primeira eleição com a minirreforma eleitoral em vigor, a relação de cabos eleitorais é vista como “profissionalização” da compra de votos. Após as eleições de 2016, um artigo divulgado no Jornal Online O Globo trazia uma pesquisa realizada em São Paulo, Rio de Janeiro e Tocantins e mostrava que neste último, segundo o promotor Paulo Almeida:

“A contratação de pessoas para trabalhar nas campanhas é uma forma disfarçada de corrupção eleitoral aqui na região. Às vezes os valores são até desproporcionais e utilizados como forma de vincular uma pessoa com a campanha, para demonstrar força política.” (SANCHES *et al.*, 2016)

---

<sup>58</sup> Ver notícias:

“Partidos políticos assinam TAC para garantir direitos trabalhistas de cabos eleitorais” - disponível em: <http://www.prt11.mpt.gov.br/procuradorias/prt-manaus/725-partidos-politicos-assinam-tac-para-garantir-direitos-trabalhistas-de-cabos-eleitorais>

“Coruripe: coligações assinam TAC que ordena campanha nas ruas” – disponível em: <http://www.tre-al.jus.br/imprensa/noticias-tre-al/2016/Setembro/coruripe-coligacoes-assinam-tac-que-ordena-campanha-nas-ruas>>

“TRE define data para assinatura de TAC sobre direitos trabalhistas a cabos eleitorais” – disponível: < <http://www.emtempo.com.br/tre-define-data-para-assinatura-de-tac-sobre-direitos-trabalhistas-cabos-eleitorais/>>

A contratação seria uma camuflagem para a compra de votos. Esse discurso já havia sido levantado pelo senado para decretar o não-pagamento de cabos eleitorais e retorna após ocorrer a primeira eleição na vigência da minirreforma eleitoral.

O noticiário envolvendo cabos eleitorais é sempre os vendo de modo negativo: associado a algum crime eleitoral ou denunciado a um candidato, partido ou coligação. A crença de ser o trabalho de cabos “uma compra de votos disfarçada” não é algo novo como vemos a partir de algumas notícias selecionadas<sup>59</sup>. A discussão chega ao senado em 2012 como projeto de lei e mesmo vetada prossegue. Após a primeira eleição em que a minirreforma eleitoral é posta em vigor, as notícias apontam que os gastos são altos e irregular<sup>60</sup> em algumas cidades. Entretanto, cabe ressaltar que a presença do TAC como segurança aos direitos de cabos eleitorais.

#### **4.3. Discussão em etnografias políticas**

A discussão pessoas contratadas de modo direto ou terceirizado para mobilização de rua ou militância na literatura das ciências humanas é recente, ainda não existem trabalhos que se debruçam na temática. O livro de Kuschnir (2000) apresentou a trajetória de uma vereadora e esta fez sua campanha com uma equipe de voluntários no Rio de Janeiro. Almeida (2005) em seu artigo trouxe a presença de cabos eleitorais ao analisar fações políticas em Cataguases. Machado (2006) em seu livro mostrou que políticos religiosos na cidade e estado do Rio de Janeiro tem sua estrutura política orientada pelas denominações que pertencem. Ribeiro (2006) em sua dissertação analisou a trajetória de uma vereadora em campanha nas comunidades indígenas no Maranhão, nesta, cabos eleitorais aparecem de modo negativo – pois confundiriam eleitores indígenas em boca de urna. Por fim, Schwarzkopf (2006) ao analisar as três faces da eleição (eleitores, políticos, cabos eleitorais), destinou uma seção aos cabos eleitorais e além daqueles que trabalham pelo pagamento, apresentou cabos que tem por motivação a amizade e relação de parentesco com o candidato. Utilizei esses cinco trabalhos detalhadamente a fim de demonstrar a relevância para este trabalho.

O livro de Kuschnir (2000) abordou a trajetória e cotidiano de campanha da vereadora Marta Silveira no município do Rio de Janeiro no período de 1986 (retorno de Fernando Silveira a câmara dos deputados) à 1996 (segundo mandato de Marta Silveira na câmara municipal) por

---

<sup>59</sup> O site “Jusbrasil” apresenta 50.446 documentos sobre cabos eleitorais, sendo alguns deles repetidos.

<sup>60</sup> Ver “O eleitor profissional”.

meio da etnografia da política. Filha de um conhecido deputado (Fernando Silveira), Marta iniciou trabalhando na campanha do pai, após este sofrer uma derrota em 1982, coordenou e geriu toda a campanha. Na falta de recursos, recebeu ajuda de 06 voluntários. Os “amadores da política”<sup>61</sup>, trabalhavam para o retorno de Fernando Silveira. Três meses antes das eleições de 1986, Marta fazia entrevistas de porta em porta, buscava compreender a “qualidade de vida nos bairros e problemas urbanos”; ao fim, para pôr a propaganda de seu pai. Tal estratégia rendeu uma vitória histórica para Fernando Silveira, eleito ao cargo de deputado estadual do Rio de Janeiro. (KUSCHNIR, 2000, P 37-40).

A partir do trabalho de coordenação de campanha, Marta obteve visibilidade política. Seu pai, Fernando Silveira, foi eleito ao cargo de deputado, mas devia alguns trabalhos a comunidade que o elegeu desde o seu último pleito. Na busca por apoio a prefeitura do município para que tais projetos fossem realizados, o prefeito pede-lhe um nome para a candidatura ao cargo de vereador. O Paulo, também político e filho de Fernando Silveira era considerado “fraco”. Desse modo, o nome pedido foi o de Marta. O prefeito Marcelo Alencar desejava-a como candidata no seu partido com apoio do deputado Fernando Silveira, pai de Marta. De coordenadora de campanha do pai, Marta torna-se a “herdeira política”, candidata a vereadora. (KUSCHNIR, 2000, P.42-53).

“O cotidiano da política<sup>62</sup>” vai apresentar toda a estratégia e trabalho de Marta Silveira após sua posse ao cargo de vereadora em 1993. A equipe de Marta se divide em três ambientes: atuação no gabinete da câmara e o trabalho da clínica e escritório. Na câmara, o número de assessores era menor e faziam atendimentos a comunidade e organização da agenda da vereadora. Na clínica, diversas especialidades de médicos faziam atendimentos. Já no escritório, a equipe era diversa com cozinheiro e faxineiro. Onze assessores trabalham na rua na mediação entre os bairros e Marta. Parte da equipe foi aproveitada dos voluntários da própria comunidade eleitora de Marta. A equipe de assessores de Marta “vestia a camisa” e resolviam problemas da comunidade com recursos próprios. É possível perceber desse modo, a presença de uma relação de fidelidade entre Marta e sua equipe (KUSCHNIR, 2000, P. 76-87).

O trabalho de Kuschnir (2000) por abordar a trajetória de Marta, analisa a campanha do seu pai e sua atuação na câmara dos vereadores. O livro foca na construção de uma vereadora:

---

<sup>61</sup> Nomenclatura dada pelos próprios indivíduos. (KUSCHNIR, 2000, P.39)

<sup>62</sup> A segunda parte do livro de (KUSCHNIR, 2000, P. 63-134)



Marta sai da condição de filha de deputado para se tornar a “herdeira política” de seu pai. Elegendo-se ao cargo de vereadora em sua primeira candidatura. O livro também traz, o trabalho pós campanha, mostrando o desempenho de Marta na câmara dos vereadores. Ela trabalhava com uma equipe de assessores e outros funcionários, mas sem grandes técnicos. O livro não usa o termo “cabos eleitorais”, até mesmo no período que a Marta auxilia seu pai como coordenadora de campanha, seus ajudantes são chamados de “amadores da política”. “Amadores da política” cumprem a mesma função que os cabos eleitorais, porém não se classificam assim. A classificação de cabo ou não-cabo eleitoral é da legislação<sup>63</sup> e da academia. Os trabalhadores podem não se considerar assim, embora desempenhem as atividades.

Almeida (2005) analisou a disputa política entre duas facções rivais em Cataguases (MG) ao longo da construção da democracia brasileira. A autora fez uma análise a partir de documentos da época: jornais, ofícios, cartas, leis e processos, no período de 1930 a 1960. Observou a campanha com o contexto vivido, as mudanças que se dão com a criação da Justiça Eleitoral e o Código Eleitoral de 1932. Extensão do voto às mulheres e redução da idade para 18 anos; eleição direta para prefeitos e vice-prefeitos (novembro de 1947); entre outros eventos. Desse modo, percebe-se o quanto a campanha eleitoral se transformou a partir das leis que iam sendo feitas, iniciando com o alistamento de eleitores até se tornarem eleições diretas para prefeitos<sup>64</sup>. A leitura deste artigo importa a este objeto, por já apresentar cabos eleitorais – nomeados assim – quando os prefeitos não eram diretamente eleitos e deste modo as campanhas focavam o governo do estado, pois este era quem nomeava os chefes de municípios.

Por ser um trabalho que tem como objeto as campanhas eleitorais, os cabos são citados. O trabalho abordou a disputa das facções iniciada na década de 1930 com o trabalho de cabos eleitorais já presente. Como não haviam eleições diretas para prefeitos –eram indicados pelo

---

<sup>63</sup> Que define o trabalho como “militância e mobilização de rua em período de campanhas eleitorais.” (BRASIL, 2013)

<sup>64</sup> Antes das eleições diretas para prefeitos e vice-prefeitos, era por meio do “prestígio” que os chefes de municípios recebiam a administração. Almeida afirmou:

Cabe lembrar aqui que o cargo de prefeito era nomeado pelo presidente do estado, portanto, para obter a direção do município era necessária sua indicação. Segundo consta num Boletim Eleitoral de 12 de abril de 1933, numa reunião do Partido Progressista em Juiz de Fora foi firmado um acordo com Olegário Maciel, segundo o qual a oposição ficaria com a direção do município se ela conseguisse levar às urnas, nas eleições do dia 03 de maio, os 4.300 eleitores que ela diz ter alistado. Ou seja, quem conseguisse provar seu prestígio, obtendo a maioria dos votos, ser-lhe-ia entregue a administração e a política local. (ALMEIDA, 2005, P.240-241)

governador do estado – a corrida dava-se em cadastrar pessoas para votar e distribuir cédulas de votação – que eram de responsabilidade dos partidos. O trabalho dos cabos eleitorais é descrito na troca de cédulas<sup>65</sup> e assim favorecer ao candidato oposto. Como no trabalho de Ribeiro (2009), os cabos eleitorais são vistos de modo negativo, pois enganavam os eleitores, trocando os números dos candidatos (RIBEIRO, 2009) ou as cédulas (ALMEIDA, 2005).

A estratégia do uso do operariado<sup>66</sup> se assemelha ao visto no trabalho de Kuschnir (2000) e Ribeiro (2009) na busca por pessoas que tinham proximidades com eleitores para o trabalho em campanhas. Ao final do texto, Almeida (2015) analisou o clientelismo que observou nas relações entre chefes, eleitores e autoridades estaduais:

[...] todos se encontram presos a essa rede: o eleitor porque precisa do “favor”, o chefe porque precisa de seu voto e as autoridades estaduais porque precisam do apoio político do chefe e dos votos que ele carrega consigo. Tudo isso acaba prendendo os envolvidos numa rede de fidelidades mútuas, em que todos se beneficiam de alguma forma. (ALMEIDA, 2015, P.253)

Almeida não associou o clientelismo ao trabalho dos cabos eleitorais. A autora apontou que os operários foram empregados durante as campanhas como cabos eleitorais. E eram coagidos a trocar cédulas e caso não obedecessem, poderiam ser demitidos. (ALMEIDA, 2005, p. 246-249). Segundo a autora, existia relações de troca explicitamente encontradas nos documentos analisados, entretanto os cabos não apareceram nos trechos de cartas analisadas pela autora pedindo favores (ALMEIDA, 2005, P.251-252).

Machado (2006) estudou políticos evangélicos e estes afirmavam receber auxílios das igrejas que pertenciam em suas campanhas. A autora observou a configuração religiosa das câmaras – municipal da cidade do Rio de Janeiro e Estadual e Federal do Rio de Janeiro – bem como conhecer o perfil dos mesmos<sup>67</sup>. Machado (2006) percebeu a partir de entrevistas feitas

---

<sup>65</sup> No dia da votação, os cabos eleitorais levavam as cédulas (confeccionadas pelos próprios partidos e candidatos) dos candidatos do seu patrão e entregavam aos eleitores da oposição, assim faziam campanha contrária. E se fossem simpatizantes da oposição, poderiam fazer campanha contrária ao candidato do patrão. Nesse caso, ocorria mediante a algum descuido da fiscalização. (ALMEIDA, 2005, P.248-249)

<sup>66</sup> Os patrões utilizavam seus operários nas campanhas, coagindo-os a votar em seus candidatos e os obrigando a fazer campanha política, sob ameaça de demissão. (ALMEIDA, 2005, P.248)

<sup>67</sup> O trabalho de Machado (2006) une o resultado de dois projetos de pesquisa: “Pentecostais e neopentecostais na disputa política de Rio de Janeiro: interesses materiais e ideais em jogo” e “Religião e cultura política: a participação dos evangélicos nas eleições de 2002 e o clientelismo político no Rio de Janeiro”. Analisando as eleições municipais do Rio de Janeiro em 2000 e pensando as relações das campanhas para presidente da República e governo do estado do Rio de Janeiro, no legislativo estadual e federal.

com políticos evangélicos que em alguns casos, era a igreja quem coordenava toda a campanha dos políticos.(MACHADO, 2006). As lideranças de igrejas Pentecostais e Neopentecostais eram lançadas em candidaturas políticas, com disponibilização de aparato técnico e as próprias igrejas para a campanha. Os políticos afirmavam suas candidaturas advindas da igreja. (MACHADO, 2006, P.34)

Os deputados eleitos demonstravam como suas respectivas igrejas trabalharam para a sua campanha. Paulo Mello vereador pelo Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) no ano de 2000, afirmou que teve sua candidatura dirigida com orientação do Conselho de Bispos da IURD e uma equipe dirigida por Carlos Rodrigues – deputado federal e bispo pela IURD na época. Entretanto, não descreve o modo como o trabalho foi feito.

Candidatos pertencentes a IURD afirmaram ter sua eleição devido aos votos dos membros da igreja. Monteiro de Castro afirmou ter conseguido sua eleição devido ao trabalho da IURD. Este foi eleito ao cargo de vereador pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB) no ano de 2000 quando era pastor e foi consagrado a bispo após eleição. Mas não concluiu o mandato, foi assassinado em 7 de junho de 2004 (MACHADO, 2006, P.39). Aloísio Freitas, vereador no mesmo pleito e também Iurdiano, afirmou que alguns pastores pediram votos para ele, embora não fosse “privilegiado” na candidatura pela direção da IURD. (MACHADO, 2006, P.43)

Machado (2006) apresentou o perfil de vereadores e deputados evangélicos do Rio de Janeiro. O trabalho de Machado (2006) se propôs em mostrar o perfil desses parlamentares pentecostais e neopentecostais e observar atuação dos mesmos nas câmaras, bem como as relações existentes entre as diferentes esferas que disputavam pleito em 2002. Pensando o Rio de Janeiro e sua relação com as candidaturas a presidência da República, Governo do estado e Senado. Não era o foco da autora falar sobre o trabalho em campanhas eleitorais, entretanto as falas dos políticos já demonstravam existir um trabalho organizado pela IURD e dentro dela como o objetivo de eleger seus clérigos. Cabe então atentar a este trabalho, a fim de conhecer a dinâmica dos cabos eleitorais nas campanhas.

Assim como Kuschnir (2006), Ribeiro (2009) acompanhou uma candidata ao cargo de vereador em sua campanha política destinada à tribo Tenetehara na região central do Maranhão nas eleições municipais de 2008. Com a etnografia da política, Ribeiro (2009) observou desde a entrada na corrida política até a eleição. Os Tenetehara vivenciaram a campanha eleitoral, onde a entrada na comunidade dava-se por laços entre a Funai e o líderes indígenas. A própria

candidata Fátima, não-indígena, era esposa de uma liderança indígena<sup>68</sup>. Em algumas comunidades o cacique conseguia unificar os votos e apoiar um candidato específico, noutras ocorria a divisão e competição.

No trabalho descrito por Ribeiro (2009), a candidatura de Fátima veio por iniciativa de um cacique Tenetehara. O cacique queria um representante dos Tenehara dentro da Câmara para que projetos beneficiassem a população, Tadeu recusou o pedido e indicou sua esposa Fátima. Em Jenipapo dos Vieiras, o voto indígena era algo expressivo e Fátima havia sido escolhida por eles. Fátima e sua equipe percorriam quilômetros para chegar a comunidade. A fidelidade dos indígenas era cobrada como referência a auxílios prestados pela Funai. Os eventos sempre festivos faziam parte da Cultura indígena, sempre contendo alimentos e músicas.

Apesar de descrever todo o trabalho da vereadora, Ribeiro (2009) apenas menciona os "cabos eleitorais". O trabalho de Ribeiro se assemelha ao de Kuschnir, sendo também de cotidiano da política. Embora a dissertação apresente a movimentação da eleição, os cabos eleitorais só aparecem como menção. A primeira aparição se dá como crítica: Fátima e sua equipe ensinavam e treinavam os índios Tenetehara a votarem simulando urnas, pois temia que algum cabo eleitoral os confundisse com algum santinho de outro candidato. (RIBEIRO, 2009, P.12) No segundo momento, a autora cita a estratégia de Fátima: esta, selecionava cabos eleitorais próximos da comunidade para mediar e facilitar a relação. (RIBEIRO, 2009, P.20) Assim ,percebe-se que ainda falta discussão sobre o trabalho dos cabos eleitorais.

Alejandro Schwarzkopf (2006) analisou as relações entre candidatos, cabos eleitorais e eleitores apolíticos. Tendo como método a etnografia da política, o autor fez um estudo de caso do tempo de política na vila Urlândia em Santa Maria - Rio Grande do Sul nas eleições municipais de 2004. O foco de Schwarzkopf (2006) estava na dinâmica política que se tinha na vila Urlândia, por meio dos três candidatos ao cargo de vereador: Alexandre, Getúlio e Adelar<sup>69</sup>, os cabos eleitorais que o autor classificou como "Laranjeiras" e aqueles que estabeleciam uma relação mercantil, por fim, os eleitores vistos como céticos à campanhas e candidatos. A análise

---

<sup>68</sup> Fátima era esposa de Tadeu Mendes, chefe de um dos núcleos da Fundação Nacional do índio (FUNAI) e também sobrinho do cacique Tenetehara Paulo Mendes. (RIBEIRO, 2009, P.61)

<sup>69</sup> Ambos pertenciam a Vila de Urlândia e ocupavam cargos que os davam destaque: Alexandre tinha sido presidente da associação da Vila de Urlândia, Getúlio era Presbítero da Assembleia de Deus e Adelar era vice-presidente do sindicato dos rodoviários.

de Schwarzkopf (2006) focou esses três tipos de atores, pensando a suas relações com a política local.

A seção destinada aos cabos eleitorais explicitou o modo de atuação dessas pessoas no período eleitoral. Segundo Schwarzkopf (2006), os cabos eleitorais tinham suas relações estabelecidas de dois modos: aqueles que decidiam trabalhar pelo candidato devido as relações de amizade, parentesco sem a exigência da troca (muito embora essa poderia surgir) conhecidos por “Laranjeiras” e aqueles que trabalhavam por perceber que o período eleitoral era o único momento em que se poderia “tirar algo” do político, já que depois de eleito ficava difícil dialogar, nestes o autor denomina a relação como uma troca “mercantil” e cita o caso de Liziane<sup>70</sup>. O autor focou na relação dos cabos eleitorais como os políticos, mas não se debruça no trabalho dos mesmos.

Embora este trabalho não seja específico para falar sobre os cabos eleitorais, eles aparecem como elemento importante de análise. Schwarzkopf (2006) dá um novo olhar aos cabos eleitorais, mostrando a possibilidade de se pensar as relações de amizade e fidelidade que nem sempre são mediadas por dinheiro. Mesmo que ainda nestas relações “desinteressadas”, o benefício pós campanha pode ocorrer. Como bem demonstrou um Laranjeiras que afirmava fidelidade ao candidato “Dr. Farret” e que na eleição deste, tornou-se funcionário da prefeitura, trabalhando ao lado de Farret. (SCHWARZKOPF, 2006, P.27) Este trabalho não especificou o modo de atuação dos cabos eleitorais, apenas leu as relações estabelecidas por eles.

Percebo que existem três tipos de cabos eleitorais, tipos ideais que podem ser encontrados mistos na sociedade: cabo eleitoral trabalhador; cabo eleitoral “fã” e cabo eleitoral amigo. Na literatura estudada, foi comum encontrar apenas o primeiro tipo. O segundo aparece em Schwarzkopf (2006), todavia, nenhum trabalho encontrado até o momento se dedica a pensar as relações de trabalho dos cabos com partidos e até mesmo com políticos. Eles continuam sendo manchete de jornais que suscitam a emergência de legislação de seguridade trabalhista – como

---

<sup>70</sup> Liziane faz um trabalho eficiente, entretanto, não tem sua ação motivada por relações de amizade ou fidelidade, segundo ela: “Em época de eleições é a oportunidade que o pessoal tem de conseguir alguma coisa porque depois até o dia três cada um faz o que ganha, já é mais difícil tu chegar, ter contato com o vereador. Depois a porca torce o rabo, vão ajudar? Vão mesmo cumprir aquilo que prometeram? Agora é a época. (...) eles vêm mesmo, na época do voto que eles vêm né? São bem bonzinhos, mais depois já ... claro até podem fazer alguma coisa, não dá pra dizer que não fazem nada.” (SCHWARZKOPF, 2006)

ocorreu no Amazonas e Roraima com o TAC. A discussão não é vista dentro da academia, continuam sendo apenas mencionados dentro da discussão sobre eleições.

#### **4.4. Considerações finais**

A discussão do legislativo encerrou-se na minirreforma eleitoral, que teve sua primeira eleição em 2016 - eleições municipais. Entretanto, os noticiários continuam a dividir opinião: vendo a necessidade de se extinguir o pagamento por ser uma atividade associada à compra de votos – crime eleitoral previsto em lei. Por outro lado, O TAC apresenta-se como uma novidade aos noticiários, o termo propõe a qualidade e garantia de direitos dos trabalhadores terceirizados em militância e serviço de rua. Trabalho este que não recebia amparo nas legislações trabalhistas, porém é possuidor de direitos.

Percebo que a discussão de cabos eleitorais é escassa nos trabalhos acadêmicos. Em nenhum trabalho a temática foi colocada como problema de pesquisa, sendo somente analisada em conjunto a partir da análise de figura políticas ou campanhas eleitorais, como nos trabalhos de Kuschnir (2000), Ribeiro (2004), Almeida (2005) e Schwarzkopf (2006). Este ultimo dá a possibilidade de ver cabos eleitorais além de relações puramente mercantis. Muito embora, essas relações estejam presentes, todavia não são somente elas que guiam e orientam as vontades dos indivíduos. Havendo aqueles que se orientam por parentesco ou amizade – os larangeiras.

Ao fim, vejo a necessidade de observar o trabalho destas pessoas, bem como suas orientações e interesses. Pensar os atores e permitir que os mesmos sejam sujeitos da análise e não somente objetos. Dessa maneira, este trabalho, fez uso da etnografia da política, procurou responder a questões de: 1.organização do trabalho: Como é o trabalho de cabos eleitorais? 2.a seleção dessas pessoas: Existe um perfil escolhido? Como ele é? 3.orientação para o trabalho: O que faz com que essas pessoas trabalhem em campanhas eleitorais? E por fim, 4.as esperanças futuras, se existirem.

## **5. ANÁLISES**

### **5.1. Introdução**

A observação participante permitiu-me o conhecimento do campo, dentro do campo e pelo próprio campo. Diversas falas que resgatei nesta pesquisa, surgiram de conversas com os cabos eleitorais. Como pessoas iurdianas, em intervalos de seus trabalhos, contavam-me suas

experiências com Deus e de como eram gratos a Deus e a IURD por milagres recebidos. Tudo de bom era advindo de Deus, assim como toda a “luta” enfrentada era obra do mal. Como já dito, neopentecostais compreendem a vida como uma constante luta contra o diabo.

Com a minha presença cada vez mais constante no partido, eu me tornava “de confiança” para eles. Sempre demonstrei que havia uma diferença e que eu não era um deles – eu não era cabo eleitoral e nem membro da IURD – esforçava-me para afirmar a identidade de pesquisadora, auxiliava apenas em algumas tarefas como forma de proximidade. Era comum o convite para cultos e atividades religiosas e sempre que havia tempo, eu aceitava. Fui testemunha de algumas consagrações<sup>71</sup> e percebi a felicidade que tinham pela minha presença ali. Algumas vezes eu assistia o culto pela manhã e ficava para as atividades de comício, ou seja, ficava o dia todo entre a igreja e partido.

Essa seção analisa todo o período em que a pesquisa foi realizada, compreende três seções que buscarão responder as questões propostas por esse trabalho. No primeiro momento, exponho a minha impressão sobre os cabos eleitorais; na segunda parte, os campos são analisados: a igreja e o partido, com análise também os momentos de lazer e de ação do grupo em festas; por fim, as entrevistas foram analisadas e compreendem a autoanálise dos próprios cabos, momento em que eles têm voz e definem a si e suas práticas, bem como afirmam às suas esperanças.

## **5.2. Cabos eleitorais: definição a partir da observação do campo**

Cabos eleitorais são pessoas trabalhando em serviço de rua e militância durante o processo eleitoral. Sua presença fica mais evidente nos dias que antecedem às eleições. Para Schwarzkopf (2006) a ação de pessoas para o trabalho eleitoral se dá de dois modos: os cabos eleitorais que trabalham pelo dinheiro e aqueles que trabalham por alguma relação de parentesco ou amizade, a saber, os mercantis e laranjeiras respectivamente (SCHWARZKOPF, 2006, P.23). Em Campos dos Goytacazes, um grupo de pessoas dedica mais que seu tempo num trabalho voluntário político; dedica suas vidas.

O grupo de cabos já constituía um grupo assistencialista. O programa de assistencialismo antecede a política e permanece após ela. O líder do grupo cooptou pessoas que já trabalhavam com ele no grupo social da igreja e assim foi montando seu grupo de voluntários e rede de

---

<sup>71</sup> Consagração é uma atividade constante em que determinados grupos recebem uma oração e de certo modo, uma homenagem.

colaboradores. Maria, uma figura importante que desempenha o papel de secretária e liderança importante na ausência do líder, já trabalhava com o líder João em trabalhos religiosos e foi convidada para o auxiliar no trabalho político. Ele precisava de alguém seu, alguém de confiança. Assim como ela, outros foram sendo convidados.

Esses cabos eleitorais configuram um grupo seletivo. Não é qualquer pessoa que entra para o grupo. A pessoa que deseja fazer parte deste grupo, deve ter determinadas características. A primeira delas é o convite ou indicação. Não se oferece ao serviço, ao contrário, espera-se um convite ou indicação de um membro. Durante o período que acompanhei, uma advogada foi indicada por um cabo eleitoral, ela também era membro da igreja, recém-formada em direito. Auxiliava nas questões legais com o cartório e TRE, mas como a mesma afirmou, atuava como administrativo, pois sem a carteira da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), não poderia advogar.

A relação entre os componentes perpassa o partido. Embora não seja obrigatório, outras duas características são vistas no grupo: em sua maioria pertencem a mesma denominação religiosa – IURD – e possuem laços de parentesco e amizade. Levando em consideração que os mesmos trabalharam de graça nos pleitos anteriores, a rede de parentesco e amizade explica esse voluntariado bem como o porquê da indicação. Somando essas três características temos a quarta: a coesão do grupo<sup>72</sup>. O grupo é coeso e se mantém por esses laços de amizade e parentesco, além de um extremo respeito e dedicação ao líder, que carismático consegue “guiar<sup>73</sup>” o grupo.

Toda e qualquer ação é feita após divisão do líder. Ele demanda todas atividades, desde o que será feito no trabalho de rua, até se será servido cachorro quente ou pipoca nas festividades. O líder é a cabeça do grupo, quem articula toda a negociação política, busca colaboradores e organiza os eventos. Esse é um dos motivos pelo qual ele é admirado. Como me disseram no campo, “a cabeça dele não para”. Numa das reuniões de organização da festa, ao decidirem sobre o que seria servido e na ausência do líder<sup>74</sup>, decidiram ligar para ele e assim

---

<sup>72</sup> Coesão grupal partindo da ideia de organização de indivíduos por um bem coletivo. (OLSON, 1999) Que aqui seria a eleição do candidato e a obediência ordem extramundana.

<sup>73</sup> Em sentido bíblico, o sacerdote é comparado a um pastor de ovelhas. João 10:1-18 (JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA - TRADUTOR, 2001)

<sup>74</sup> Na ocasião, o líder estava em outro município que também é responsável, em reunião com pré-candidatos.



confirmar. O líder apenas perguntou o que haviam decidido e aceitou a decisão dos mesmos, perguntou apenas se seu vice se encontrava presente.

O grupo trabalha por horas e só saem mediante a liberação. Durante o mês de agosto e setembro de 2016 quando intensificaram os trabalhos, havia sempre reuniões ao final do expediente para direcionar o serviço do outro dia. As mesmas aconteciam depois das 17h, horário final do serviço e ainda assim todos esperavam. Por vezes o pessoal do administrativo permaneceu no seu setor organizando a vida dos pré-candidatos. Somente após o líder liberar, é que todos iam para a sua casa ou se arrumavam para o culto das 19h. Só que antes organizavam e limpavam o partido.

A divisão do trabalho leva em consideração a formação e gênero. Durante os meses que convivi, assisti os cabos em atividade rotineiras, percebi que a maioria das atividades de limpeza ficavam a cargo das mulheres e toda atividade da cozinha era feito por elas. Aos homens ficava o trabalho de “peso”, carregar coisas e atividades de rua. Mas ao mesmo tempo, eram elas que ficavam em maioria na sede do partido, fazendo também a vigilância do mesmo, impedindo a entrada de pessoas não autorizadas na secretaria. Os homens em sua maioria ficavam na casa que funcionava como depósito e cozinha, onde todos – inclusive eu – almoçavam.

Regras de conduta eram ditas e reforçadas aos trabalhadores. As regras definiam os espaços de cada trabalhador: os de serviço de rua – recepção e distribuição de material, panfletagem, bandeiras ou colagem de adesivos – deveriam estar nas ruas trabalhando. O grupo composto por seis homens que em dias especiais recebia ajuda de jovens de outras localidades<sup>75</sup>. As duas senhoras da cozinha deveriam ficar na casa, responsáveis pelos cafés e pelo almoço. Diariamente eram servidas três refeições: café da manhã na sede e na casa, almoço na casa e café da tarde na sede e na casa. Os seis responsáveis pela secretaria deveriam estar nela, dois deles faziam outros serviços externos e muitas vezes ficavam o dia todo fora. A advogada tinha sua sala e monitorava diariamente o TRE e cartório. A secretária continuava na sua mesa, sendo uma figura importante na ausência do líder. Este possuía sua sala e devido às responsabilidades, nem sempre estava presente. Por fim, o pessoal do apoio – vigilância e segurança – constituíam mais três pessoas e deveria estar sempre na sede<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> Os jovens constituíam um apoio na campanha política, o grupo era mobilizado e cumpria seu papel de motivação, nos comícios entoavam músicas de campanhas e faziam a verdadeira festa.

<sup>76</sup> Como já dito, em dias de eventos – comícios e caminhadas – o número se multiplica, pois, outras pessoas são chamadas, outros grupos da igreja são mobilizados, para além dos jovens.

Desse modo, todo serviço era dividido em três espaços: a sede, a casa e a rua. Cada qual como seu pessoal e funções bem definidas. A sede era o centro de todo o trabalho de onde partiam e retornavam as demandas e assim todos se reuniam ali para fazer os apontamentos sobre o trabalho feito e o que deveria fazer no dia seguinte. A casa foi alugada para abrigar os materiais de campanha e por ficar caro comer na rua, com muitos deixando de almoçar ou acabavam comendo salgados, foi montada uma cozinha e semanalmente faziam compras e todos comiam, até mesmo o apoio nos dias especiais. A comida era simples mais farta, sempre composta de cereais, saladas e um tipo de carne. A rua era espaço de mobilização, divulgação de trabalho, era bem escolhida e demarcada<sup>77</sup>.

O grupo estabelece uma intersecção entre dois campos: político e religioso. Em uma entrevista, o líder afirmou que não existe problema num político religioso. A relação política e religião não seria problemática se houvessem limites para liberdade de todos e também do evangélico. O grupo composto por pessoas que professam uma religião e que trabalham na política constitui uma inserção de dois campos, dois espaços: de um lado a religião com a igreja, de outro, a política com o partido.

### **5.3. Eventos religiosos**

#### **5.3.1. Cultos**

A IURD é estritamente setorizada, cada pastor é responsável por uma determinada área. Nos primeiros cultos assistidos na IURD, busquei conhecer a realidade das igrejas<sup>78</sup>, numa delas - em Diadema IURD regional - fui conversar com o pastor, ao final do culto. Segundo ele, não existia grupo que trabalhava com política e ele não era autorizado a dar entrevista. Orientou-me a procurar o pastor João da Catedral. A partir da conversa com esse pastor, decidi não mais conversar com os pastores e só falar mesmo com o João. A IURD é bem dividida, cada um é responsável por seu grupo, não se “atropela líderes”.

Não se falou de política na maioria dos cultos. Os cultos seguiram sua liturgia rotineira. Dentre o período anterior e durante a campanha eleitoral, não se falou em política. Em Campos dos Goytacazes, a Justiça Eleitoral fazia “vista grossa” afim de impedir qualquer desrespeito à

---

<sup>77</sup> Pessoas eram distribuídas em toda a Campos de modo a ter pontos de apoio, um verdadeiro trabalho de gestão.

<sup>78</sup> Observava a estrutura física e de pessoal.

legislação. Em um culto foi falado o nome do pastor Elias que viria a ser candidato<sup>79</sup>. No meio do culto, o bispo pergunta pelo pastor Elias “Cadê o Elias? ” Ele ainda não era candidato pois não havia ocorrido a Convenção Partidária, logo depois desse ocorrido, soube que ele seria o nome apoiado pela IURD.

Além deste, soube por meio de relato, que foram apresentadas as lideranças do partido. Mas o depoimento deixa falhas em sua fala, não posso afirmar se ocorre dentro das liturgias rotineiras do culto ou se tal apresentação ocorre depois para um grupo seletivo de pessoas<sup>80</sup>. Num culto da igreja regional de Santinho, pela primeira vez ouvi durante a reunião um pedido de oração pelo pastor Elias. E mais ainda, o pastor o colocou como “Nosso representante”. E o que seria o político senão o “representante do povo”. Embora não tenha dito diretamente, o pastor já inseria a temática política dentro do culto. E ainda, inseriu como “um desejo do povo”, quando ele usa o pronome “nosso”, coloca o Elias como aquele preferido de todo o corpo iurdiano.

Outras falas do pastor devem ser consideradas e destacadas: ele afirmou que a “luta é grande, mas com fé venceremos”; perguntou se já conheciam o pastor Elias e afirma que “ele fez reuniões aqui! Domingo, quarta-feira...”. E num culto da igreja comum no interior de Quatro Ondas, foi pedido que se orasse pelo mesmo pastor Elias, sem mencionar qualquer fato sobre a política. Apenas esses quatro eventos fugiram a liturgia rotineira, com estes dois últimos já no período eleitoral<sup>81</sup>.

A legislação proíbe o discurso político em cultos religiosos, a IURD obedeceu fielmente a legislação<sup>82</sup>, pois temiam a possibilidade de um processo. Noutros dias, tinha-se foco em

---

<sup>79</sup> Embora tenham dito o nome de Elias no culto, ele não foi anunciado como pré-candidato e nada de política foi dito no culto.

<sup>80</sup> Numa tarde em que estava no partido, presenciei a conversa entre duas pessoas que relatavam tal apresentação, onde se apresentou o líder, vice-líder, candidato a prefeito e vice e o candidato a vereador (apoiado pela IURD), mas em nenhum momento afirmaram que foi feito dentro do culto. O que me faz pensar que ocorre dentro de uma reunião privada. Apenas observei a conversa, não interfi com medo de que eles não falassem mais na minha presença, com medo de que perdessem a confiança.

<sup>81</sup> O culto na igreja Santinho ocorre logo após a Convenção Partidária, quando a lista de candidatos é lançada.

<sup>82</sup> A Lei Nº 13.165, de 29 de setembro de 2015 proíbe a propaganda eleitoral de qualquer tipo em bens de uso comum sem cessão ou permissão do poder público (BRASIL, 2015, Art.37). As igrejas, portanto, entrariam nessa classificação ficando proibida qualquer tipo de propaganda. E na Resolução Nº 23.457 proíbe a instalação de amplificador ou alto-falantes em distância inferior a 200 metros de igrejas. (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2016, Art.10, § 1º, III)

algumas palavras-chave: *servir, obedecer, dádiva, temor e troca*. Baseado no conceito de servidão bíblica<sup>83</sup>, a doutrinação para a obediência é comum. Bem como pedido de se “dar a sua vida no altar”, “sacrificar sua vida no altar”, são fraseologias comuns tanto nos cultos como em reuniões específicas do grupo de trabalho, que me fizeram perceber o quanto existe uma conexão entre o campo religioso e o campo político religioso.

Ficar longe do campo é ruim, impede de conhecer de perto a realidade e também diminui a tentativa de inserção. Foi necessário estar presente, principalmente num campo que exige a confiança. Assim, eu tinha que estar em contato com eles ao menos uma vez na semana. No mês de setembro, eu estava quase todos os dias no partido. Por fim já almoçava com eles e lá passava a tarde, quando eu não podia estar lá a tarde toda, passava ao fim do expediente, no horário da reunião de trabalho.

No fim, eu era “amiga” e o campo me acolheu. Percebi a afeição dos cabos, preocupavam-se com meu almoço, com minha saúde e mais ainda com o meu trabalho<sup>84</sup>. Sempre que eu chegava, mandavam-me almoçar. Ofereciam alguma outra iguaria e nos cafés da tarde, sempre guardavam a minha parte do lanche. Além desse cuidado com minha alimentação – que aumentou quando me tornei vegetariana, eles começaram a compartilhar suas experiências comigo. Contavam seus testemunhos, de como chegaram a IURD e da gratidão que tinha dela. Tentando de certa forma também, converter-me.

Um convite levava a outro, aceitar convites te aproxima do campo e dos indivíduos. No término de um culto que fui na IURD Santinho, o pastor (auxiliar Josué)<sup>85</sup> convidou-me para sua consagração, muito feliz, afirmou que seria algo único e não é sempre que um pastor é consagrado. Não é algo rotineiro como se ocorre como os outros grupos. No caso do pastor, é algo mais sério e que denota responsabilidades, neste caso, o mesmo ficaria responsável pelo

---

<sup>83</sup> Diversas passagens bíblicas falam a respeito das atribuições do servo, dentre elas, destaque para: Isaías 42:1-4, Isaías 52:13, Mateus 20:25-28 Mateus 24: 45-51, Marcos 10:45, João 12:26, Gálatas 5:13 e Filipenses 2:5-7.(JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA - TRADUTOR, 2001)

<sup>84</sup> Durante as entrevistas, eles incentivavam uns aos outros a me responder “responde o trabalho dela”, “ajuda ela”. Assim aqueles que estavam em dúvidas sobre o questionário, acabavam respondendo também.

<sup>85</sup> Eu já conhecia o pastor, mas ele não estava no círculo de indivíduos que eu pesquisava e nem conhecia o tema do meu trabalho, embora foi muito importante para confirmar algumas dúvidas que eu tinha com relação a políticos iurdianos.

culto da “Terapia do Amor”<sup>86</sup>. Ao ir à consagração, numa quinta-feira, encontrei-me com a secretária Maria que me convidou para a festa da Páscoa na comunidade de Vivendas. Percebe-se que um evento leva a outro, abrindo possibilidades e inserções.

As IURD seguem uma mesma direção central como espécie de franquia. É característica da denominação, a similaridade entre os cultos de diferentes igrejas. Uma mesma passagem bíblica foi pregada no Templo de Salomão, na IURD Quatro Ondas e na IURD Casinhas. Falam a mesma língua tanto em pregações quanto em “correntes”, que são em sua maioria as mesmas, sem esquecer da ordem litúrgica do culto que segue o mesmo padrão. É possível reconhecer o começo, meio e fim de um culto independentemente do local ou tipo de IURD.

Santinhos eram distribuídos antes e após os cultos de domingo. Ao final do culto da manhã ou antes do culto da noite, nas calçadas à frente da igreja<sup>87</sup>, os cabos distribuíam santinhos, falavam sobre o Elias, pastor e candidato ao cargo de vereador. Não ficavam dentro da igreja e nem guardavam os santinhos nela, pois sabiam que não era permitido. Soube por eles que houve um conflito na igreja Central entre os cabos eleitorais e a senhora pipoqueira que também era candidata<sup>88</sup>. Conflito por espaço, ela também queria dar os seus santinhos e se achava no direito de fazer ali por ser membro. Mas “o espaço era do pastor candidato” e os cabos colocavam isso de modo explícito. Não discutindo, “invadindo o espaço” que a pipoqueira sentia e afirmava ser dela.

Quando a mesma dava um santinho, eles davam também a mesma pessoa um santinho do pastor e afirmam ser o candidato do bispo. A própria liderança recomendava que se desse o santinho do pastor, independente da pessoa já ter pegado de outro. A senhora pipoqueira havia ameaçado denunciar no Tribunal Regional Eleitoral (TRE), um dos cabos respondeu que faria uma contra denúncia, pois ela estaria trabalhando de modo irregular. Observei o trabalho dos

---

<sup>86</sup> Terapia do Amor é um culto que ocorre nas quintas-feiras a noite, destinado aos problemas na vida amorosa. Segundo o site:

A Terapia do Amor é uma palestra focada no sucesso da vida amorosa. Nela, os palestrantes conversam, aconselham e dão dicas sobre como você pode se comportar no relacionamento ou enquanto espera pela pessoa amada. O objetivo é levá-lo (a) a ser bem-sucedido (a) nessa área da vida. Fonte: <http://sites.universal.org/terapiadoamor/o-que-e-a-terapia-do-amor/>

<sup>87</sup> Em igrejas que não possuíam calçadas, era recomendado que ficassem em uma esquina a frente.

<sup>88</sup> Essa senhora é membro da igreja e vende pipocas na calçada em frente à igreja, mas segundo os cabos, ela “não é firme”, ou seja, não seria uma pessoa compromissada como os demais membros, apenas frequentava.

cabos, mas não presenciei o conflito – já havia terminado, eles entregavam tanto aos membros que saíam da IURD, quanto a outros transeuntes. Em geral as pessoas pegavam, alguns já diziam que já tinham o santinho ou candidato. Os homens estavam no outro lado do quarteirão adesivando carros no estacionamento. A equipe estava diariamente no TRE verificando a existência de alguma notificação.

### 5.3.2. Caravana Templo de Salomão

Cheguei a IURD bem cedo, por volta das 16h15min e fiquei sentada no salão, ainda estava ocorrendo o culto das 15h. Fiquei pouco tempo ali, desci e fui para o estacionamento buscar uma tomada para recarregar meu celular. Eu estava de mochila e percebi que alguns me olhavam, mas ninguém veio falar nada. É comum pessoas fazerem uso dos banheiros e bebedouros da IURD, principalmente estudantes, ambulantes e rodoviários.

A saída estava marcada para 17h, próximo dessa hora, eu não via ninguém pelo estacionamento. Cheguei a pensar que os cabos não iriam. Ana, veio então até a mim e conversamos um pouco, ela disse que não sabia que eu iria, ela foi ao encontro do esposo e me disse que estavam todos nas escadarias em frente à igreja.

As primeiras famílias chegaram e me cumprimentavam devido a reunião que havia sido feita antes da caravana em que eu estava presente. Alguns rostos eram-me familiares, mas a maioria não. Fomos direcionados para o interior da IURD, onde seria feito a “chamada” para conferir os documentos. Dividiu-se os presentes em dois grupos para os dois ônibus. Estavam presentes o líder e sua família, assim como o pré-candidato Elias e sua esposa. Após conferir documentos, fomos para os ônibus que estavam estacionados no cais da Lapa<sup>89</sup>.

Com todos dentro do ônibus, a viagem só seguiu após ser feito uma oração, saímos às 18h15min. O ônibus em que eu estava saiu primeiro, seguido do outro ônibus, em comboio conforme o combinado. Foram feitas três paradas até chegarmos ao destino final: primeiro em Macaé, onde alguns pastores subiram; a segunda no Oasis de Casimiro de Abreu, para que as

---

<sup>89</sup> Os ônibus foram fretados da empresa da 1001, com leite. Escolhi me sentar nas poltronas da frente, pois sabia que estas possuíam tomadas e precisaria do celular para tomar notas durante a viagem. A empresa disponibilizou cobertor, almofada e lanchinho (um bolinho, um pacote pequeno de biscoito de chocolate e um pacote pequeno de biscoito água e sal).

pessoas se alimentassem<sup>90</sup> e o motorista descansasse e a terceira no Graal em Queluz, onde ocorreu a troca de motoristas<sup>91</sup>.

**Figura 3– O senhor lê a bíblia durante a viagem**



Fonte: Fotografada pela autora em 23/04/2016

**Figura 4– Parada no Oasis de Casemiro**

---

<sup>90</sup> Durante a parada no Oasis jantei com o José. Foi a primeira vez que nos aproximamos. José é uma figura importante, ele é o segundo na liderança religiosa do grupo e está sempre presente nas decisões importantes. Eu estava jantando sozinha, quando ele – que estava sozinho na viagem – viu-me e foi ao meu encontro, enquanto eu observava toda aquela agitação.

<sup>91</sup> Com exceção de Macaé, todas as paradas já são definidas pela empresa.



Fonte: Fotografada pela autora em 24/04/2016

Chegamos ao estacionamento do Templo às 9h, devido a um trânsito que pegamos na avenida Brasil que atrasou toda a viagem e como a reunião se iniciaria às 10h, foi uma correria. O estacionamento é de chão de terra, estava quente com bastante poeira. Sem cobertura, uma estrutura simples com um “prédio” com banheiros e uma sala do vigilante. Havia mais alguns ônibus, o estacionamento não estava cheio. Nos arrumamos (as mulheres) primeiro no ônibus e quando fomos para o banheiro, depois os homens entraram no ônibus para se arrumarem.

Estava sol, fresco e ventando pouco. Eu estava de um vestido longo com um lenço para cobrir as costas, como me foi pedido, tirei meus piercing<sup>92</sup>. O grupo em que eu me encontrava optou por não levar nenhum eletrônico, segui com eles e também não levei nada. O uso de celulares e qualquer outro eletrônico é permitido somente na esplanada do Templo, aonde tem réplicas de Israel, arborização e pedras também exportadas de Israel. Antes de entrar no Templo, todos passam pelos detectores de metal.

Na porta do Templo, homens e mulheres de túnicas nos recepcionavam com “Shalon”, um silêncio absoluto se fazia. Uma jovem que estava no nosso grupo emocionou-se ao chegar a esplanada, chorava bastante. Sentamos do lado direito, dois senhores conversavam, outro

---

<sup>92</sup> Na reunião onde foi feito o convite e explicação de como se comportar no Templo, pediram-me para não usar os piercing no dia. O Templo é visto como sagrado, é o local mais sagrado da IURD, construído seguindo o que foi o Templo construído por Salomão. 1.Reis 6 e 1 Crônicas 22. (JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA - TRADUTOR, 2001)



dormia. No vídeo, imagens de Israel de águas e plantas, bucolismo apreciado pelo Macedo<sup>93</sup>. Sempre uma voz feminina repetia as regras: sobre a necessidade de se fazer silêncio, as roupas adequadas, não comer no Templo<sup>94</sup> e ficar em “espírito de oração”. Em outros momentos também passavam versículos bíblicos.

De repente abrem-se as cortinas e para minha surpresa: era o Bispo Macedo quem faria a reunião. Surpresa porque o bispo não faz reuniões em dias de sábado e sim no domingo. O mesmo rito encontrado em todos os cultos iurdianos: Imediatamente todos se levantaram, um silêncio absoluto, o bispo olha para aquela multidão, dá “bom dia” e inicia a oração que marca o início do culto.

Segundo a programação de cultos da IURD, este seria o culto do “jejum das causas impossíveis”<sup>95</sup>, entretanto a reunião focou na leitura e interpretação da bíblia. O bispo falou bastante sobre “obediência” e “que não se tivesse inveja do “ímpio”, mesmo que este fosse próspero e estar na condição de “servo” seria o melhor lugar se estar. Pediu ofertas e fez a busca do Espírito Santo. No fim, orou pedindo que dali saíssem “príncipes, reis, governantes e líderes” e que governassem o país de modo correto.

O culto terminou por volta de 12h30, saímos e ficamos na esplanada esperando o restante do grupo. Fomos para o ônibus, trocamos de roupa, mas não fomos embora, porque uma senhora não havia retornado. Começou então uma tentativa de acioná-la pelo celular da mesma, algo não conseguido. No nosso ônibus, Mário – vice do líder – já parecia nervoso e reclamava “a gente explica e a pessoa ainda assim desobedece!” Saímos de lá mais de 14h e nossa primeira parada seria no Graal, pois a empresa 1001 não permite paradas fora da rota pré-estabelecida. Todos sem almoço, comiam salgadinhos e biscoitos.

---

<sup>93</sup> O bispo possui um DVD com imagens bucólicas de Israel: “Elas falam por si”, disponível para compras em diversos sites na internet (como Amazon, Mercado Livre e entre outros).

<sup>94</sup> Durante a passagem pelos detectores de metal, as bolsas também são revistadas, nenhum alimento entra no Templo.

<sup>95</sup> No site da IURD tem-se a seguinte descrição:

“Se para Deus nada é impossível, então não está certo que essa dificuldade continue a afligir o seu ânimo. É por isso que, todos os sábados, ocorre na Universal o Jejum das Causas Impossíveis. Porque só por meio de um jejum especial, focado em situações impossíveis de serem resolvidas aos olhos humanos, é que a solução surgirá em sua vida. ” Fonte: <http://www.universal.org/reunioes/causas-impossiveis>

Durante a volta, conversei com três famílias de denominações diferentes: um pastor, uma diaconisa e uma missionária. Ambos foram convidados para a caravana a estavam felizes por tal oportunidade, pois ouviam falar da obra do Templo. A diaconisa, uma senhora de 70 anos, emocionava-se ao dizer que tinha realizado seu sonho em ir ao Templo de Salomão. O retorno foi mais tranquilo, chegamos em Campos por volta das 01h30 min.

Embora o culto do templo não tenha sido do cunho político, é perceptível a inserção do tema no culto. O bispo ora pedindo lideranças que governem “de modo correto”, diretamente ele não orou por nenhum político, mas demonstra que a IURD não está de fora das questões, ao contrário incentiva, a criação do PRB é prova disto<sup>96</sup>.

Outra questão interessante nesse culto, reside no fato de que o tema foi a “obediência “e “servidão”. Biblicamente o servo não tem de “querer” ou escolha. Ele simplesmente e somente obedece ao seu senhor. “Ser servo”, “servir”, são fraseologias comuns no cotidiano iurdiano, que sempre vem ressaltada de alguma passagem bíblica como “servidão de Abraão”, “mulheres que serviam a Jesus”. Por fim, a presença de outras denominações, mostra que a IURD tem buscado uma expansão, aproximar-se novamente de igrejas menores.

#### **5.4. Eventos Políticos**

##### **5.4.1. A entrevista com o líder João**

A entrevista ocorreu no início do campo para conhecer a história de vida política do líder João. Cheguei cedo na entrevista, encontrei apenas a secretária. Ela logo o avisou que eu já me encontrava, pediu que me sentasse e conversamos. Muito simpática, demonstrava admiração e respeito pelo líder, este, chegou logo depois, bastante sério e então começamos.

Novamente expliquei um pouco da minha pesquisa, mostrei o documento de sigilo e perguntei se podíamos gravar, ele não quis gravar. Afirmou que falaria como liderança política e não do seu lado religioso. Embora a sua fala em vários momentos resgatou elementos religiosos e como o mesmo afirma, religião e política poderiam sim estar juntos. A política é

---

<sup>96</sup>Em 16 de dezembro de 2003 foi realizada a primeira Convenção Nacional da nova agremiação do Partido Municipalista Renovador – PMR, a criação contou com mais de 450 mil eleitores que assinaram para a criação do mesmo. Em Convenção Nacional realizada no dia 25 de outubro de 2005, alterou sua denominação para Partido Republicano Brasileiro e sua sigla para PRB. O nome atual foi sugerido por José de Alencar – Líder de Honra – que em 2006 atuava como Vice-líder da República pelo PRB (Fonte: <http://www.prb10.org.br/historia-do-prb/>). No campo, fui informada que os membros da IURD colaboraram com assinaturas para a criação do partido.

vista como "planejamento de Deus". Desse modo seria válido a presença de religiosos no espaço da política, com um trabalho social e não partidário.

Em sua trajetória de vida, nem sempre gostou de política. A experiência com o mundo político (caso do passe solicitado para sua filha) não havia sido uma das melhores. Segundo ele, existe uma “estigmatização do político” e as pessoas acreditariam no grupo devido a sua ideologia e trabalho. “Mas hoje as pessoas querem status”, o trabalho é dificultado. A política é uma “batalha de egos”, “poderia haver discussões mais proveitosas”, afirmou.

Todo político que se envolve em algum crime de corrupção ou outro escândalo é expulso. Uma das imagens que o partido se esforça em passar, é a de ser um partido “ficha limpa<sup>97</sup>”. Segundo ele mesmo, os políticos do partido não estão envolvidos em nenhuma acusação de corrupção ou outrem. Caso se envolvam, saem do partido. Pois a direção não permite tal comportamento.

Trabalho voluntário ocorreu devido à falta de verba. Na campanha de 2012 todo o trabalho foi voluntário pois não havia recursos. O fundo do partido só foi conseguido agora em 2014. Com essa afirmação o líder demonstra que não vê problema em remuneração dos seus cabos, afinal eles trabalharam. O que é interessante também de se pensar, que o trabalho voluntário é pedido, sem nenhuma certeza de algo em troca. As pessoas se dispõem por admiração – e veneração – a liderança que os solicita e os escolhe<sup>98</sup>.

Para ele não dá para separar a organização do grupo da questão social. E nas políticas teriam vários grupos buscando seu espaço. Os evangélicos seriam um desses grupos, buscando também seus direitos e espaço enquanto cidadão. Delimitar o espaço de cada um, com respeito mútuo, resolveria o conflito, pois para ele, o direito de um começaria quando terminasse o do outro. O líder demonstra discordância do antigo bordão “crente não se mete em política<sup>99</sup>”.

---

<sup>97</sup> O Movimento Ficha Limpa foi pensado por um grupo de pessoas para mostrar aos brasileiros quem são os políticos que estão envolvidos em escândalos, acusações e todo o tipo de falcatruas dentro do meio político e fora dele. Nosso objetivo é mostrar para todos quem são os candidatos e no que eles estão envolvidos, ajudando a todos os brasileiros no grande ato contra a corrupção nas eleições de 2014. Fonte:<  
<http://www.movimentofichalimpa.com.br/oquee/>>

<sup>98</sup> Para o trabalho, o líder João aproveitou aqueles que ele já conhecia e outros amigos que possuía fora do meio religioso. Por seu carisma, consegue manter contatos dentro e fora da igreja.

<sup>99</sup> Ver MACHADO, 2006.

Uma reeleição sempre traz "desgaste", pois já conhecem se já conhece o candidato, pode ele ser querido ou odiado. Em se tratando de Campos, o líder afirma ter eleições "atípicas" e um público não "politizado", mas ao contrário "viciado em politiqueros", com a política do dinheiro, compra de votos e suborno. Realmente a política de Campos no partido é atípica, não havendo reeleição, a cada quatro anos, um novo nome é indicado para receber apoio da comunidade religiosa. Uma alta rotatividade de candidatos que não fazem carreira parlamentar e também não se elegem sozinhos.

A entrevista foi finalizada em clima amistoso, onde fui convidada para retornar e conhecer o projeto de Africanidades do partido, ao qual demonstrei curiosidade ao ver uma grande faixa que representava as três cores que formaram o Brasil. A secretária já tinha meu contato e deixamos marcado para a semana seguinte<sup>100</sup>. Antes da entrevista terminar já chegavam pessoas para serem atendidas por ele.

#### **5.4.2. Reuniões Políticas**

A rotatividade de candidatos iurdianos eleitos está diretamente relacionado com uma espécie de “quebra de contrato”, quando o eleito se deixa, por exemplo, de recompensar ao cabo eleitoral que trabalhou voluntariamente para ele. Se ele não cumpre com suas obrigações com o grupo e com a IURD, ele perde os recursos desta e pode não mais se eleger, como foi o caso dos candidatos anteriores. A política não é dissociada da vida religiosa, assim serão políticos evangélicos. A identidade religiosa não é anulada ao se adentrar na política e “obedecer” permite continuidade, já a desobediência é considerada como negativa e pode contribuir para a saída do grupo.

O partido tinha esperança na candidatura majoritária. Heitor era bastante querido, era visível o modo como ele era tratado. Uma “estrela”, “o melhor para Campos”, uma campanha que “ameaça” o governo. Outros pré-candidatos não tinham tratamento diferenciado, exceto o pastor Elias, este, nem participou de todas as reuniões, mas tinha sua imagem sempre presente.

O vereador Jolilson não pertence mais ao partido e nem a IURD. É visto como traidor, pois segundo a secretária Maria, ele tentava dar “golpes” no líder quando era secretário. Além disso, segundo o líder, ele “não obedeceu”, “não foi grato”, “não ajudou” aqueles que trabalharam de modo gratuito para ele. É perceptível o sentimento sobre o vereador e a

---

<sup>100</sup> Na semana seguinte recebi um telefonema desmarcando o encontro e recebendo o convite para a visita do Senador do partido, onde teria um café e uma reunião.

facilidade do descarte dele. Em 2016 ele não estava mais vinculado ao partido e nem a igreja, não teve nenhum apoio ou benefício.

A secretária é uma mulher religiosa. E em tudo compreende a parte da batalha espiritual. A vida é vista como uma constante batalha entre os céus e o inferno. Devendo estar vigilante pela salvação. Na leitura que tem do mundo tudo sempre será por Deus ou pelo diabo. A fala da secretária expressa no seu medo em permitir a pré-candidatura, demonstra que independente do personagem, a IURD consegue mobilizar eleitores. “O povo vota em quem a igreja apoiar”, é pela igreja e não pelo indivíduo. Algo comentado pelo líder em diversos momentos.

O trabalho voluntário é visto como dádiva. E assim, o trabalho político é também um trabalho divino, é preferível “perder dinheiro” do que deixar de fazer “a vontade de Deus”. Deste modo, o grupo da IURD migra para o PRB. O que demonstra uma interseção entre os dois campos, por meio de seus atores. Com suas identidades confundidas, embora eles se esforcem para separá-las.

O PRB é visto como uma escada para melhorias financeiras e sociais. Entretanto, é necessário a instrução, a todo momento o líder cobra que seus cabos estudem. O trabalho voluntário é também um meio de ascensão: social e financeira, visto que os coloca em contatos e permite a inserção no mercado de trabalho. As relações de amizade, familiaridade e confiança são presentes. A palavra confiança é mobilizada a todo momento e estão para além da vida religiosa, são vistas na vida política.

O espaço político torna-se religioso quando elementos religiosos estão presentes. A reunião religiosa é iniciada e concluída por uma oração. Elementos bíblicos surgem durante as falas, bem como "testemunhos". Na reunião religiosa, eles não são "funcionários", são "servos" e o servo é uma extensão de duas vidas e para além, algo fazem melhor do que nas suas vidas privadas, abrindo mão delas, por outras vidas, por outras pessoas. Um mesmo espaço pode se transformar de acordo com seu uso, com seus atores e sujeitos que significam e dão significado.

Existe uma preocupação com a coesão do grupo, o líder falava em suas reuniões na existência de um grupo que deveria ser preservado. O grupo trabalhando junto de modo eficiente, teria alcance de seus objetivos, que neste caso seria a candidatura de vereadores. Um grupo se organiza visando um fim, um bem comum, que não é de todos, não é público. O partido buscou informar o grupo sobre a ideologia partidária. Durante o período pré-eleitoral, participei de um seminário político. Neste, foi contada a história do PRB e das suas demandas iniciais. O seminário explicou a ideologia do grupo de suas ações.

Os grupos mantêm-se coesos por algum benefício ou correção (OLSON, 1999); aqui, o benefício é extramundano “agradar a Deus”, compartilhado pelos cabos evangélicos e também mundano: a eleição dos candidatos do partido, compartilhado pelos cabos e demais candidatos. Para os cabos evangélicos, a eleição de um candidato também evangélico é benéfica, pois este governaria de modo “justo”. E caso ele se corrompesse, seria excluído do grupo e do partido.

“Faço política, mas não sou político”. Como eles têm uma visão negativa do político – aquele que trabalha por dinheiro ou status – não se consideram “políticos”. O trabalho desenvolvido por eles é “diferente” da política atual. Trabalham por questões sociais e pensando no outro. O trabalho voluntário reforça essa ideia de desinteresse. Nas falas do líder João, o trabalho do PRB e do grupo social, sempre era visto como “diferente”, melhor e mais correto.

A dedicação era percebida no compromisso com as atividades políticas. Muitos voluntários trabalhavam, ainda assim continuavam a prestar serviços nas atividades políticas e estavam presentes nas reuniões. Muitos vinham direto do seu trabalho como Joana, Marina e Mário. Estes, pouco atuaram no partido na campanha por trabalharem, mas estavam presentes em reuniões, comícios e atividades nos fins de semana.

O grupo de voluntários – com exceção de Joana – pertence a grupos da IURD. Possuem funções e atuam diretamente na igreja, a política soma mais uma atividade a desempenharem. No período eleitoral, as atividades eram direcionadas para a política, os líderes dos grupos da IURD cientes da atuação do grupo, liberava-os das funções religiosas, para focarem na política. Ficavam “livres” de reuniões, cultos ou atividades de evangelização.

A reunião que precedeu a Convenção partidária, foi totalmente diferente das demais. Sombreada de tristeza e decepção. Havia uma crença na vitória na campanha majoritária e pensavam em como seria feito o governo. Teriam todas as secretárias em mãos e governariam a moldes próprios. A reunião confirmava o fim do sonho: por decisões da liderança estadual, não iriam mais concorrer nas eleições majoritárias.

O líder pediu aos candidatos que não ficassem tristes, pois teriam outras eleições e também, caso tivessem oportunidades de trabalho<sup>101</sup>, pensariam neles. O líder parecia preocupado, afirmou que mal dormiu, pois duas vezes naquela semana havia ido ao Rio. Explicou o motivo do seu atraso: tinha tentado dormir à tarde. Demonstrava pela primeira vez cansaço, falava devagar, dizia estar envergonhado, mas “política é assim, se faz com estômago”.

---

<sup>101</sup> Secretarias ou outro setor que fosse oferecido.

Heitor também comentou a situação. Todos já sabiam da notícia do seu recuo. Ele mesmo havia dito em sua rede social por meio de um vídeo e os jornais locais já haviam noticiado o caso. Heitor estava bastante calmo. Foi o primeiro a chegar na reunião e demonstrava aceitação. Brincou e tentou acalmar os candidatos, dizendo que eles estariam melhores; pois nas reuniões particulares ele pedia votos para os vereadores e agora nas portas da corrida eleitoral, ele começaria do zero.

Interessante pensar o quanto o partido tende para o grupo “interno”<sup>102</sup>. A campanha de Heitor estava tendo grandes chances de eleição, desde o início, ele era o primeiro nas intenções de votos. Foi muito bem votado como vereador em 2012. Ao contrário, do candidato do Rio, que só conseguiu o senado. Perdendo em todas as majoritárias que disputou. Mas o candidato do Rio de Janeiro era do grupo interno, Heitor não. E como eles mesmos dizem “primeiro o altar”.

Essa situação fez-me lembrar uma conversa que tive com o senhor José (cabo eleitoral), ele afirmava que os governos deveriam ser dados às pessoas “de Deus”, essas saberiam governar. Assim, se é necessário “sacrificar”, externos para lançar um interno, seria válido dentro dessa ótica. Com essa situação, vejo o quanto é político, mas também é religioso tal partido. O partido alegou que vários municípios do estado do Rio de Janeiro recuaram nas campanhas majoritárias para economizar gastos e concentrar na majoritária do município do Rio de Janeiro.

Na Convenção partidária o líder demonstrava-se mais animado. A convenção foi muito rápida, sendo somente repasses. O salão estava lotado, os vereadores levaram seus convidados. Ao meu lado os convidados de um dos candidatos externos<sup>103</sup> faziam alvoroço. Zombavam de outros candidatos e reclamavam a todo momento da fala do líder. O líder falou rapidamente do caso de Heitor sem explicar o motivo dele não vir como prefeito. O secretário do partido (Miguel) ao tentar explicar, utilizou argumentos do governo federal, mas nenhum explicou realmente, como não falaram do fato que embora o partido se declarasse “oposição” ao governo, eles voltaram apoiando a um candidato do governo. A convenção terminou com a leitura da lista de candidatos a disputa do pleito de 2016.

### **Figura 5 – Candidatos da lista partidária de 2016**

---

<sup>102</sup> Políticos religiosos evangélicos.

<sup>103</sup> Externos são os candidatos gerais, não sendo da IURD.



Fonte: Fotografada pela autora em 02/08/2016

A reunião realizada no primeiro dia oficial de campanha política do pleito de 2016 foi um marco. Percebi a ausência de alguns pré-candidatos a vereador. Estes que não estavam presentes na lista definida na convenção. Com o recuo de Heitor nas majoritárias, seus assessores também recuaram em suas campanhas, desistindo de vir como vereador e permanecendo como assessores. Ao fim desta reunião, uma mesa com bolo e salgadinhos foi feita em comemoração ao aniversário do líder João.

No aniversário do líder decidi dar um presente ao líder, embora eu esteja frequentemente lá, não sou íntima, desse modo, não sabia o que presentear. Achei que um livro seria interessante, pois o mesmo reafirma sua formação acadêmica e Durkheim por ser seu autor favorito, ele sempre cita Durkheim. Ele demonstrou ter gostado bastante: “arrebentou”, ele me disse ao abrir o presente. A festa demonstrou a união, festejo, reforçando a fala que já tiveram em reuniões anteriores: “somos para o trabalho e para o lazer”. No final da festa, o líder relembrou que o TRE poderia passar lá a qualquer momento e as pessoas presentes no partido deveriam afirmar que são voluntárias e que tinham contrato, caso o juiz pedisse, avisassem que “estava guardado”, uma das funcionárias do administrativo ressaltou que deveriam fazer o contrato de voluntariado.

Os cabos eram recomendados a não entrar na igreja com santinhos – devido à Justiça Eleitoral estar em constante vigilância. Eles eram os Responsáveis pela distribuição e organização do trabalho político para outros grupos de outras IURD. Deveriam ir a outras denominações, na busca do voto dos evangélicos. Os cabos trabalham para o partido e na busca de votos trabalhavam diretamente para o pastor vereador.

Numa determinada reunião de trabalho – em pré-campanha – o pastor candidato teve a palavra e afirmou que sua eleição seria uma dupla benção, pois aqueles que o abençoassem,



também seriam abençoados. Sendo eleito, ele traria benefícios, pessoas teriam empregos e ele poderia “ajudar mais” às outras pessoas, já que vinha fazendo sem mandato. Também “Deus abençoaria”, citando o versículo “aos que me abençoarem, eu abençoarei”<sup>104</sup>. Fez a oração final, explicou que o motivo pelo líder não poder estar presente e em seguida, liberou a todos<sup>105</sup>.

Uma conversa minha com o líder, merece ser resgatada; ela precedeu as entrevistas com os cabos. Nessa conversa, três pontos merecem destaque: primeiro, o líder logo me afirmou: “Não somos igreja.” Nesse ponto ele tentou mostrar-me que eles são capazes de perceber os limites dos dois campos (religioso e político) e mais além, que percebem que os campos não podem se misturar. Embora sejam a interseção dos campos. Segundo, “fazemos uma política limpa, somos diferentes”. Fraseologia comum e repetida diversas vezes na intenção de se separarem dos corruptos e demonstrar sua pureza. Terceiro, “faz-se gratuitamente por ideologia.” Essa é última questão é interessante e central deste trabalho.

Tomando ideologia como ideia de grupo, percebe-se que o que a guia são as crenças comuns que se tem. Parafraseando o líder “a consciência coletiva”, aquele que “pensa diferente” que não está junto, não permanece. O líder afirmou-me que o trabalho é feito mesmo não havendo dinheiro, mas caso se tivesse dinheiro, seria dividido. “É o certo né?” Ao fim, ele demonstrou concordar com as entrevistas e disse que pediria aos cabos para responderem e caso eu quisesse, poderia usar a sala dele para realizar as entrevistas.

O trabalho tem uma organização centralizada que demanda as funções para as periferias. O trabalho é eficiente e a todo o momento, eles se autoanalisam, buscando suprir as falhas.

A comunidade de Mimosa já assistida pelo grupo social a quatro anos, recebeu o pastor candidato numa reunião. Ele afirmou que se eleito, poderia fazer mais por aquelas pessoas. Na ocasião foram distribuídos santinhos e pedido votos para o pastor Elias. O trabalho social acaba por ser também um caminho para divulgação de candidatos e busca de votos.

A obediência as ordens do líder eram visíveis na rotina do trabalho. A saída do local de trabalho dependia que alguém que dissesse que havia terminado o expediente, o líder João liberava, na ausência dele, o secretário Miguel e por último Maria. Qualquer atividade realizada fora do local de trabalho era previamente solicitada: “vou em casa trocar de roupa para fazer a

<sup>104</sup> “ Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra. ” Gênesis 12:03 (JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA - TRADUTOR, 2001)

<sup>105</sup> Essa reunião ocorreu dentro do partido, gerida pelo pastor candidato. Na ausência do líder, ele liderou a reunião, dando indicações de como gerenciarem o trabalho de captação de votos.

panfletagem”. O expediente era encerrado às 17h, com uma análise do que foi feito e direções para o dia seguinte e após uma “oração” todos seguiam, alguns para casa, outros ainda continuavam a atividade de panfletagem e colagem de adesivos próximos as IURDs.

“Em política não existem inimigos eternos”. A participação do partido no comício do candidato do governo prova a fala do líder, meses antes. O partido era oposição ao governo e no comício demonstrava total apoio. Mesmo que pessoalmente não houvesse apoio para com aquele candidato, o trabalho era feito. A ideia do grupo dominava as vontades individuais.

E possível perceber que a obediência é sempre vista. O grupo vai, mesmo que estranhe ou não entenda, eles vão. Não existindo fim de semana ou feriado. A IURD possui membros que discorda e não acreditam. Mas os que acreditam tem elegido candidatos. O grupo coeso não diverge, segue fielmente as ordens. Estiveram presentes em todos os comícios, mesmo cansados e sabendo que o comício não começa na hora, continuavam indo no horário marcado. Mas a linha é tênue, contaram que nem sempre ficavam até o final, ficavam cerca de 40 min e depois saíam.

**Figura 6 – Comício: Bandeiras erguidas**



Fonte: Fotografada pela autora em 05/09/2016

**Figura 7 – Multidão presente no comício**



Fonte: Fotografada pela autora em 05/09/2016

Com as eleições às portas, percebi um sentimento de “já fizemos nossa parte” e assim deveriam cuidar de “si mesmos”, de seus corações. Essas foram as recomendações do líder na sexta-feira que antecedeu as eleições. Dividiram-se para funções de fiscal e delegados, bem como outros ficaram responsáveis pelo almoço. Domingo seria dedicação exclusiva. Havia uma preocupação disfarçada de calma no olhar do líder, o trabalho estava feito, era só aguardar os resultados.

**Figura 8 – Reunião política com a presença do senador do Rio de Janeiro no PRB**



Fonte: Fotografada pela autora em 27/02/2016

**Figura 9 – Detalhe da mesa de café**



Fonte: Fotografada pela autora em 27/02/2016

#### **5.4.3. A Eleição (02/10/2016)**

Neste ano optei por trabalhar nas eleições e ficar mais próxima de todo o processo. Assim sendo, trabalhei na zona eleitoral de número 129, onde está localizada a IURD de Quatro Ondas, uma das zonas em que o vereador Jolilson obteve maior número de votos em 2012. Carmem, obreira e pertencente ao grupo social da IURD de Quatro Ondas, atua em todos os pleitos como fiscal de partido, chegou após a mim e ficou o dia todo no colégio eleitoral. A eleição foi tranquila se encerrando por volta das 17h15. Ao final, moradores da localidade e cabos de outros candidatos estavam à frente aguardando aos boletins de urna. Nesta zona, o candidato pastor iurdiano Elias, obteve pouco mais de 30<sup>106</sup> votos, Heitor e outro candidato do PRB, tiveram ainda menos votos.

Com o fim da eleição, fui direto para a sede do partido, os cabos e alguns candidatos estavam reunidos; todos aguardavam a apuração. Na sede, comidas e bebidas estavam servidas na mesa, a apuração é também um festejo. Quase todos os cabos estavam presentes, apenas alguns estavam assistindo o culto de domingo na IURD. O pastor Elias e a sua esposa também estavam ali. A ansiedade era percebida no ar. Um telão e um rádio transmitiam as apurações ao vivo. Fiquei conversando com as pessoas, transitando entre os grupos; todos animados, como se não houvesse dúvida da vitória.

---

<sup>106</sup> A IURD de 4 ondas tem cerca de 80 membros assíduos, 30 votos não constituem nem metade, o que mostra que nem todo membro iurdiano vota em candidato iurdiano, contudo, a IURD consegue um número de votos suficientes para a conquista do pleito.

O pastor Elias subiu de 4º para 2º mais votado e cada sessão apurada era uma vibração. Esperavam passar o primeiro, a diferença era pequena. Ao fim do festejo a alegria era evidente, muito embora o governo houvesse perdido. Pastor Elias, em segundo lugar com 5,257 votos, 295 votos a menos que o primeiro lugar. Havia motivo suficiente para comemorar. Mas havia decepção: os candidatos do partido não compreendiam o porquê de tão pouca votação, sendo surpreendente a derrota de Heitor, que era indicado para as majoritárias municipais.

O grupo entrou no jogo político e buscou compreender as regras. Embora tenham estado coligado com o governo, a derrota deste os fez pensar em novas “conversações” com o candidato eleito. O grupo estava presente no dia da eleição, como esteve durante todo o período de campanha: trabalhando. A meta foi atingida, Elias obteve mais de 5 mil votos, o segundo candidato mais bem votado.

Nos últimos dias, ouvia-se lamento de alguns que afirmavam que “sentiriam falta” da convivência. Era unânime esse discurso dentro da sede. Na quinta dividiram-se entre fiscais e delegados, no sábado se reuniram para repasses e informações e no sábado, no domingo, estavam todos lá, sem sinal de cansaço; alegres e confiantes da vitória. O abraço coletivo, fogos de artifícios, cantoria e fotos eram a prova de que todo esforço havia sido válido: cumpriram sua missão.

**Figura 10 – O vereador Elias recebido pelo público iurdiano**



Fonte: Fotografada pela autora em 02/10/2016

## 5.5. Festas

### 5.5.1. A Páscoa na comunidade de Vivendas (27/03/2016)

A festa na comunidade ocorreu ao longo da tarde, cheguei por volta das 15h e já haviam pessoas no local montando a estrutura. Demorei chegar, pois tive dificuldades com acesso ao local, era numa comunidade de casas populares construídas pela prefeitura, numa área afastada do centro. Como tinha o contato da Maria, liguei várias vezes para ela, para que esta me auxiliasse a encontrar o destino, depois de ficar perdida, consegui chegar. A festa foi realizada num terreno que ficava na última rua da comunidade.

Quando cheguei, cumprimentei Maria e as demais pessoas. E busquei um lugar à sombra para me livrar daquele Sol forte<sup>107</sup>. Aos poucos, os homens tiravam coisas do caminhão e começavam a arrumar. Os homens faziam o trabalho de montagem e arrumação da estrutura<sup>108</sup>. Quando as tendas já estavam montadas, um grupo saiu com os jornais para convidar os moradores para a festa. “Não entra na casa de ninguém”, “Convida para a Pascoa na comunidade” afirmava o líder aos presentes. Após os informes, saíram todos pelas ruas do conjunto habitacional.

Nas tendas, os serviços oferecidos eram feitos por componentes de grupos da igreja, todos voluntários. Em cada tenda, duas pessoas atendiam a população. Recebiam orientações sobre como as mulheres agiriam frente algum tipo de violência; corte de cabelo; aferição de pressão e desenho no rosto das crianças. As crianças formavam longas filas e se embolavam ao redor do pula-pula.

#### Figura 11 – Corte de cabelo

---

<sup>107</sup> Na semana passada em na IURD de Diadema eu soube que não existia o trabalho políticos. Na minha chegada, reparei que haviam quatro jovens de Diadema que estavam ali ajudando na festa.

<sup>108</sup> Neste evento, foram montadas tendas para realização dos serviços, pula-pula e um palco localizado na carroceria do caminhão.





Fonte: Fotografada pela autora em 27/03/2016

As crianças alegravam-se com as brincadeiras, desenhos e o pula-pula. Entreguei bexigas às crianças, fui cercada por elas que diziam em coro “tia quero 4”, “me dá 3”. Em instantes acabaram-se todas. Ainda assim me cercavam pedindo bexigas, afirmando que o irmão não havia recebido. Eu lamentava e dizia que tinha acabado, então eles iam para a fila do pula-pula. Eles foram e eu fui ao encontro dos adultos. Peguei a câmera e fui fotografar a festa. Voltando eu escuto: “Está tirando foto?”; “Você vai chegar para aqueles teóricos com a prática! Eles têm a teoria! Você tem a teoria e a prática!” Afirmou-me o líder, sorri e concordei. A princípio pensei que ele fosse me impedir de fotografar, ao contrário, animou-me a fazer.

**Figura 12 – Crianças na fila do pula-pula**



Fonte: Fotografada pela autora em 27/03/2016

Além dos serviços, ocorriam sorteios durante a festa. Eram sorteios de brinquedos, utensílios de cozinha e de caixas de leite que sobraram das canjicas. De cima da carroceria do caminhão o líder chamava a atenção dos presentes – maioria de mulheres e crianças – e fazia o espetáculo. Ele estava animado, fazia brincadeiras com crianças e com as mães, os vencedores ganhavam brindes. A festa ocorria com diversão, música e alegria.

**Figura 13 – Momento da brincadeira com as crianças: “dança das cadeiras”**



Fonte: Fotografada pela autora em 27/03/2016

Uma cruz de madeira pintada de vermelho ao lado do caminhão dava um toque religioso ao evento. No mesmo “palco caminhão” um cantor evangélico fez seu show. Dois pastores chegaram e oraram “aos pés da cruz” por milagres. Passado esse momento – único – religioso, a festa e o sorteio continuaram até o fim dos brindes.

**Figura 14 – “Oração aos pés da cruz”**



Fonte: Fotografada pela autora em 27/03/2016

**Figura 15 – Sorteios**





Fonte: Fotografada pela autora em 27/03/2016

Já estava escuro quando a festa caminhava para o fim. Mesmo de noite, ainda estavam lá aquelas mulheres e suas crianças. A canjica foi servida e já eram 18h; houve um pouco de tumulto no início, as pessoas pediam dois ou mais copos de canjica, entretanto, foi-nos<sup>109</sup> avisado para dar apenas um. Tinha muita canjica! Pelo microfone o pastor que havia feito a oração, dizia para dar dois, três, quantos copos as pessoas quisessem, assim a fila que parecia não ter fim, ficava mais tranquilizada.

#### Figura 16– Distribuição das canjicas



Fonte: Fotografada pela autora em 27/03/2016

O secretário Miguel pedia para que as pessoas trouxessem panelas para pôr canjica e ensinava que se congelassem, não estragaria. Como já dito, apesar do número de pessoas

<sup>109</sup> Ajudei na distribuição das canjicas, já havia anotado os números do sorteio também.

presentes chegar perto de cem, era muita canjica, além dos copos já servidos, ainda tinham panelas e potes. Enquanto a canjica ainda era servida, o local foi sendo desmontado rapidamente pelos homens que colocavam tudo novamente no caminhão.

Ao fim de tudo foi feita uma oração com os voluntários, agradecendo pela festa e pelo trabalho realizado. Os grupos então se organizaram para ir embora e o líder pediu para irem em grupo e não sozinhos. Já se passavam das 18h30 e o local era distante do ponto de ônibus, com um caminho deserto. Despedi-me dos conhecidos e fui de carona com o secretário e com Joana<sup>110</sup>. Saí de lá quase 19 h, não consegui ir a IURD que constava no meu cronograma de visitas.

As festas são o carro chefe do grupo, é nelas que o grupo mostra sua força. Demonstra a sua organização para a igreja, para os demais grupos e para a comunidade. O assistencialismo, um dos motivos para a criação do grupo, não se mantém sem a espiritualidade. Dessa maneira, embora não se faça um culto, a presença da oração – determinação da cura e palavra bíblica – é sempre feita. Um pastor é convidado para tomar a direção e por aquele momento, a festa é religiosa, voltando a ser diversão e alegria para o povo da comunidade.

#### **5.5.2. Festa Julina na comunidade de Mimosa (02/07/2016)**

A festa Julina ocorreu no dia dois de julho de 2016. Cheguei a IURD por volta das 7h21, a saída do grupo estava marcada para 7h30 do estacionamento da IURD Central. Ao chegar fui bem recepcionada pelo segurança do estacionamento, que com um sorriso falou-me "pode ficar à vontade, tem outra vaga ali na frente, tem essa..." provavelmente ele achou que eu era alguma visitante, pois estava ocorrendo a reunião "jejum das causas impossíveis". Estacionei o carro, liguei para a secretária Maria e ela me informou que o senhor Mário estava na frente da IURD.

Ainda no estacionamento, enquanto caminhava, encontrei com a Juliana que havia acabado de chegar, fomos então juntas ao encontro de Mário. Ela carregava uma mochila e uma forma com bolo<sup>111</sup>. Mário estava dentro de uma Kombi emprestada para a festa. Dentro dela,

---

<sup>110</sup> Joana não faz parte da IURD e não compõem nenhum grupo, entretanto está sempre presente no evento e ajuda ativamente, é uma pessoa do apoio.

<sup>111</sup> Em todas as festas Juliana faz o bolo. Recentemente ela concluiu seu curso de confeitaria e padaria.

alguns itens, inclusive a TV<sup>112</sup>. Não demorou muito e Creuza chegou, conversamos enquanto aguardávamos os outros chegarem.

As horas passavam, 8h e o grupo ainda não estava completo. Só havia chegado apenas o líder e a sua família. Fomos então para uma outra IURD e lá estavam mais algumas pessoas. Ainda faltavam pessoas e coisas, inclusive o pula-pula. Mário demonstrava irritação: "Já são 9h! Se não pode fazer, avisa para a gente ver antes". Fui de carro com a família do senhor José buscar Joana e de lá esperamos o restante.

Saímos e fomos então para uma terceira IURD<sup>113</sup>, lá permanecemos um bom tempo. A IURD estava com obras, fomos recomendados a sentar. Depois de um bom tempo, o líder nos chamou, fez uma oração e disse que iríamos em comboio. Foram três carros: uma caminhote com o líder e sua família, um carro com Manoel (cabo) e sua família, o pastor daquela IURD e quatro homens e o carro de José com mais quatro pessoas. O restante foi na Kombi, inclusive eu e dois jovens daquela IURD<sup>114</sup>. Eram 10h50 quando seguimos para a comunidade Mimosa, paramos apenas num posto de gasolina para abastecer a Kombi e a caminhote.

O líder seguia na frente com a caminhonete, a Kombi e os outros dois carros iam logo atrás. Um dos cabos não conhecia o caminho e num determinado momento, ficou para trás. Maria ligou para ele para verificar onde estava e explicar onde deveria entrar. Eu também não conhecia o caminho, mas percebi que a estrada não era difícil. Durante o percurso, passamos por um acidente. Um carro havia batido na via, não havia feridos ou mortos no local, o socorro estava presente. Próximo ao acidente, um carro vinha em alta velocidade na contramão, quase batendo na caminhonete do líder. "Olha só, o cara louco, quase bate no 'líder'! Está amarrado esse diabo!" Afirmou Mário nervoso.

No caminho, Joana cumprimentava às pessoas, que sorriam e nos cumprimentavam de volta, era uma alegria só. "Vão dizer: 'está chegando uma vereadora'!", alguém fala e todos riem. De repente o líder começa a buzinar e Mário também buzina e assim foi durante toda a

---

<sup>112</sup> A proposta era passar um filme para as crianças enquanto as mulheres estivessem sendo arrumadas.

<sup>113</sup> Confesso que essa parte foi meio complicada. Pois além de José estar dirigindo vagorosamente o meu carro, ele tentava me convencer a ser iurdiana. Acho que ele não entendeu que sou apenas pesquisadora. Deixei ele falar. Apenas sorria em algumas situações. Alguns o acham chato, eu diria que inconveniente. Ele sempre me comparou com sua filha e sempre me convidava para a IURD.

<sup>114</sup>Deixei meu carro no estacionamento da IURD.

parte da comunidade que possuía casas<sup>115</sup>. A maior parte da estrada é de chão de terra, íngreme e com alguns morros. Havia algumas poças de água, mas o caminho não estava de todo ruim. O grupo havia ido no domingo anterior conhecer o terreno para festa e levar as cestas básicas para as famílias<sup>116</sup>, disseram que tinha muita lama e tiveram dificuldades para chegarem até o local.

Chegamos no local por volta as 11h, era um morro com cinco casas e algumas pessoas vieram nos recepcionar. Muitas crianças, todas abaixo dos doze anos. Ficamos numa casa de quatro cômodos e um banheiro, tudo muito escasso: o chão era de terra batida, móveis quebrados, duas geladeiras velhas, um fogão sem botijão de gás - cozinhavam num fogão a lenha localizado dentro de casa – as camas estavam calçadas com tijolos, havia um sofá velho na sala e na cozinha não havia mesa. Sem água encanada, o banho era com balde, bem como a limpeza na cozinha. Não vi o esgoto, provavelmente eles tinham uma fossa. Essa casa é da filha de dona Mariana, com quem o grupo mantém contato. A comunidade recebeu luz elétrica a cerca de um ano, não havia lâmpadas nos quartos.

**Figura 17 – Chegada à comunidade**



Fonte: Fotografada pela autora em 02/07/2016

---

<sup>115</sup> As festas são realizadas no quintal de uma senhora, no fim da comunidade. No caminho não haviam casas, somente de plantações de eucalipto e pasto para gado.

<sup>116</sup> O grupo faz constantes doações para as famílias, estas cestas foram produto de doações de membros da IURD e amigos.

Começamos a descer as coisas dos carros, os homens começaram a montar o pula-pula e as crianças ficaram todas em volta. Ouvi uma mãe dizer que seu filho nunca havia visto um pula-pula. Eles ficam isolados, é longe para irem para as casas "de baixo" e mais longe ainda para se aventurarem ao centro da cidade. E sofrem com a precariedade de transporte público que só passa na BR 101, que fica a uns 10 minutos de carro.

As mulheres e as crianças pareciam entusiasmadas: desciam roupas, calçados e brinquedos, tudo já usado. Algumas começavam a organizar as comidas. Outros focavam na decoração feita com bandeirinhas de festa junina. Ajudei a cortar os pães, depois o molho foi sendo cozido no precário fogão a lenha, feito com tijolos empilhados; a cozinha cheirava à fumaça.

Juliana confeitou o bolo que já estava recheado, as pipocas já colocadas em saquinhos foram feitas por Marina, que também levou os sucos em garrafas que estavam em um isopor com gelo. A esposa do líder levou um café e pediu açúcar numa casa e todos tomamos café no quintal mesmo; já passava das 11h30 e ninguém havia comido nada além daquele café. Maria levou arroz e feijão com carnes e distribuiu a todos, almoçamos em rodízios para que o trabalho não parasse. Na festa, foi servido cachorro-quente, bolo, canjica, pipoca e suco.<sup>117</sup>

A Kombi buscou pessoas da parte de baixo da comunidade, retornou por volta das 12h30. Enquanto as crianças comiam pipocas e brincavam no pula-pula, inclusive a filha do líder e os filhos de outros cabos. O pessoal da comunidade de baixo chegou com roupa de quadrilha. A festa acontecia e o trabalho continuava: a esposa do líder com outras mulheres arrumava as roupas e calçados doados na cerca de arame, como em varal e as pessoas poderiam pegar aquilo que desejassem. Um velotrol usado foi dado a uma menina de dois anos que o vigiava desde que ele foi tirado da caminhonete.

Maria chamou as meninas para fazerem os cabelos e se arrumarem, na ausência da cabelereira e cabo eleitoral, ela pediu a mim e a sua filha para fazermos o trabalho. As meninas ganharam um kit com produtos de higiene pessoal e beleza, dei meu kit a uma moça de 12 anos. Ela estava no 5º ano do ensino fundamental numa escola da comunidade. Seria seu último ano e ela teria que ir para uma estadual. A escola mais próxima fica em 30-40 minutos de carro. Para os homens, houve corte de cabelo.

---

<sup>117</sup> Todas as festas são feitas por meio de doações do próprio grupo, membros da IURD e amigos do grupo.

A festa era levada ao som de músicas de festa junina e danças de quadrilha. As pessoas pegavam roupas e calçados, foi um grande tumulto. Esforçavam-se para pegar o máximo que podiam. Os brindes novos foram sorteados (brinquedos e utensílios de plástico). Num dado momento foi feita uma evangelização para o culto de domingo, seguido de uma oração pela cura. Depois o microfone foi aberto e as pessoas cantavam músicas gospel. Eu continuava fotografando, o líder perguntou se eu estava "anotando", concordei e disse que estava "anotando, fotografando e trabalhando", sorrimos.

**Figura 18 – Momento do sorteio**



Fonte: Fotografada pela autora em 02/07/2016

Por volta das 14h, o líder pegou novamente o microfone e anunciou que a festa já estava no fim; que comeriam o bolo e ele encerraria. Logo, fez mais uma oração, sorteou um DVD, óculos e outros brindes. Um morador foi homenageado e ganhou um chapéu de couro (usado). Ainda com a festa sendo concluída, os homens começaram a desmontar o pula-pula e as mulheres serviam o bolo. As pessoas não estavam muito preocupadas com o bolo, atentavam-se aos brindes que ainda estavam na caminhonete.

Com a festa terminada, começou a mobilização para levar as pessoas para suas casas. O líder de caminhonete colocou pessoas dentro e na caçamba dos carros, elas carregavam seus sacos com roupas e calçados. A Kombi levou mais algumas pessoas, enquanto outras iam embora em suas motos e carros. Os cabos que estavam de carro, seguiram seus caminhos, eu e o restante, aguardávamos ao lado das nossas coisas, com mais algumas pessoas da comunidade.

Quando a Kombi retornou, mais dois sacos com brinquedos e roupas foram distribuídos, novamente, uma agitação. Ao final, na Kombi, foram três mulheres e duas crianças. No caminho, encontramos com uma família que seguia a pé. Chegamos na IURD por volta das 17h, desci e fui pegar o meu carro, Joana foi comigo. Despedi-me de todos e Maria agradeceu-me "Jheniffer, muito obrigada e que Deus te abençoe!". Deixei Joana em casa e fui embora.

A festa foi bem menor do que a páscoa da comunidade de Vivendas. Não teve estandes de atendimento. Por ser distante, a mobilização foi menor, também não havia espaço para montar barracas. Contudo, foram feitas mais doações, sendo que em boa parte de brinquedos e roupas usadas. Interessante perceber que eles não estavam preocupados com os alimentos, tanto que sobrou canjica e foi levado apenas uma panela de cinco litros, para uma festa que mobilizou cerca de setenta pessoas (entre crianças e adultos). As roupas e brinquedos foram pegos rapidamente, gerando um grande tumulto. Um carinho foi disputado por mais de dez crianças que se reviravam na grama. Em nenhum momento foi falado de política e nem citado o nome do pastor Elias que também não estava presente.

### **5.5.3. Churrasco da Independência (07/07/2016)**

O churrasco ocorreu no feriado de sete de setembro, cheguei por volta das 12h30 e fui direto para a casa. Lá haviam apenas três senhoras que ainda cozinhavam o arroz, faltava picar os legumes para o vinagrete e a farofa não estava pronta. Fui ao partido encontrar Maria que aguardava o conserto o ar condicionado<sup>118</sup> da sala do líder com sua filha. Ela questionava tal feito: "Porque não fazer na quinta?" Visto que aquele dia – quarta-feira - seria mais corrido, devido ao churrasco. Ao término, voltamos a casa e no caminho a Maria reclamava da lerdiza das mulheres. Segundo ela, era para os legumes já estarem picados.

Maria e a filha já chegaram na casa procurando afazeres. Primeiro ela falou, questionou, organizou e com a filha começou a picar coisas, fui ajudar. Depois um cabo veio buscar o arroz, afirmava que com a carne estava tudo certo. Com as comidas prontas, fomos para o churrasco, que seria no pátio de uma outra igreja. Dirigi o carro do cabo, pois somente nós dois sabíamos dirigir e ele ficou para trás para ir a pé.

---

<sup>118</sup> O conserto estava sendo feito pelo seu filho que sempre presta serviços ao partido.

Além do grupo, a FJU estava presente, somavam cerca de cem pessoas no churrasco<sup>119</sup>. O pastor Elias (candidato a vereador) fez um pronunciamento; anunciou que estava trabalhando, que tinha feito uma panfletagem na comunidade de Quatro ondas, pediu ajuda a FJU e orou pelo alimento. O líder doou dois vales de R\$ 100,00 em compras numa loja campista aos meninos da FJU. Eles vinham da participação do desfile cívico na cidade<sup>120</sup>. Com o fim da oração, filas foram feitas, a pedido do líder, primeiro as mulheres deveriam ser servidas.

Aos poucos os jovens foram embora, ficou somente os cabos, que conversavam junto a família do líder, enquanto as coisas eram retiradas. O churrasco mostra como o grupo existe além de um trabalho. O que explica a união pós eleições, são coesos, estabelecem relações de amizade e até mesmo familiares. Todos se conhecem, conhecem familiares, visitam casas e saem juntos. São realmente amigos.

#### **5.5.4. Natal na comunidade Mimosa (22/01/2017)**

O natal na comunidade Mimosa ocorreu após a eleição e também após a posse do pastor Elias. Cheguei por volta das 7h30min ao partido que estava fechado, fui então para a IURD. Lá vi os cabos com o uniforme do grupo social assistindo ao culto de, sentei-me na fila do meio, perto da saída. Ao fim da oração pelo espírito santo, Marina (cabo) foi chamada e então me aproximei também. Foi-nos avisado que deveríamos chamar a todos para descer assim que o pastor iniciasse uma outra oração, pois estava na leitura da bíblia.

No estacionamento, todos reunidos revisavam o que seria levado de brinde e doações. Havia um problema: a Kombi estava com defeito, deveríamos ir de carro, porém faltavam carros e sobravam pessoas. O pastor pediu que aguardássemos enquanto ele “arrumava” outros carros. Fomos para o partido esperar.

Já quase 10h, seguimos em quatro carros e um caminhão. Chegamos na comunidade e as pessoas não estavam em casa, estavam na igreja. Dessa vez não levaram o pula-pula. Foram descendo as coisas e vendo a instalação elétrica e já ligando o som. As mulheres, muito mais ágeis, mobilizavam as coisas a fazer: Cortamos os pães do cachorro-quente, outras faziam a torta, o bolo e o molho. Almoçamos e o povo ainda não havia chegado.

---

<sup>119</sup> Como ocorre nas festas, o churrasco ocorreu também com doações. A maior parte da doação dos alimentos, foi feita pelo líder. Por ser um churrasco religioso bebiam refrigerante.

<sup>120</sup> Anualmente, os jovens da Força Jovem Universal (FJU) participam anualmente do desfile cívico municipal.



**Figura 19 – Molho sendo feito no fogão a lenha**



Fonte: Fotografada pela autora em 22/01/2017

**Figura 20 – Caminhão com as doações**



Fonte: Fotografada pela autora em 22/01/2017

As pessoas chegaram pós 13h da tarde e a festa então começou. Nesse mesmo tempo, o pastor de uma IURD chegou com mais três homens. A festa deu-se início com sorteios e brincadeiras: Sortearam cestas básicas (05) e diversos brindes (potes, utensílios de cozinha e brinquedos). Foi feita a brincadeira da dança das cadeiras para a doação de uma bicicleta infantil. Uma senhora, mãe de duas meninas (uma com três e outra com um ano) ganhou a

brincadeira e a bicicleta. Na última festa ela havia ganhado o velotrol. Ao mesmo tempo dois agentes cortavam cabelos das crianças.

**Figura 21 – Pessoas da comunidade**



Fonte: Fotografada pela autora em 22/01/2017

**Figura 22 – Momento do sorteio**



Fonte: Fotografada pela autora em 22/01/2017

**Figura 23 – Entrega da cesta básica sorteada**



Fonte: Fotografada pela autora em 22/01/2017

**Figura 24 – Corte de cabelo**



Fonte: Fotografada pela autora em 22/01/2017



No meio da festa o pastor fez uma oração, falou do culto de domingo e orou pelos doentes que afirmavam terem melhorado pós a oração. A festa continuou com doação dos alimentos e por fim, a bombeira<sup>121</sup> fez o trabalho de higiene bucal. As crianças receberam flúor nos dentes, e ganharam um kit com escova de dentes, creme dental e fio dental.<sup>122</sup> Todos os produtos foram doados pela bombeira. Com a festa encerrada, os moradores foram para o carro pegar roupas e brinquedos usados. As “sobras” da festa – o molho do cachorro-quente, sucos e pães – foram doadas as famílias ali presentes, haviam cerca de oitenta pessoas. Os cabos desmontavam as coisas para ir embora e como de costume, os moradores receberam carona na carroceria do caminhão e do saveiro.

**Figura 25 – Material usado na educação de saúde bucal**



Fonte: Fotografada pela autora em 22/01/2017

**Figura 26 – Momento da oração**

<sup>121</sup> Essa senhora foi convidada por uma das integrantes do grupo social, ela trabalha como auxiliar de dentista no Corpo de Bombeiros e todo o material foi doado pela mesma.

<sup>122</sup> A comunidade carece de higiene: as crianças andam descalças e convivem com animais doentes. Saneamento básico não existe ali. A água de uso doméstico fica exposta e sem qualquer cobertura. O grupo pretende retornar a trabalhar a higiene com os moradores, além de dar assistência para melhorias das casas.



Fonte: Fotografada pela autora em 22/01/2017

Assim como já era costumeiro, as mulheres são quem mais se mobilizam para o trabalho. Em um determinado momento enquanto elas corriam com as comidas, os homens sentavam-se à sombra. O trabalho da “casa” continua sendo da mulher, reproduz-se a lógica da divisão sexual do trabalho. Diferente do que imaginei, não foi falado em política, embora o grupo pense em políticas públicas para serem levadas a comunidade ao longo do ano. O grupo pensa em fazer visitas rotineira de ao menos duas vezes ao mês e continuar a “obra”<sup>123</sup> nas casas e também trabalhar a higiene no local. As casas são bem precárias e carecem de higiene. Não possuem fogão a gás ou qualquer infraestrutura mínima. Bebem água não-potável e convivem com os animais. Neste dia, um cachorro com problemas na pele – quase totalmente sem pelos – circulava entre adultos e crianças.

#### **5.6. Cabos eleitorais: Autoanálise**

O principal objetivo das entrevistas era descobrir como os cabos enxergavam as suas atividades, saber se eles se consideravam cabos eleitorais, visto que suas atividades faziam-me observá-los como tal. O segundo motivo dava-se pelo interesse de conhecer a motivação dos mesmos para o desempenho das atividades – se era mercantil (SCHWARZKOPF, 2006), por amizade e/ou familiaridade com o candidato, crença numa recompensa extramundana, ou

---

<sup>123</sup> Segundo conversavam, haviam iniciado a reforma de algumas casas, agora a preocupação era com os banheiros e o saneamento básico.

clientelismo (CARVALHO, 1997). O terceiro, buscava compreender o modo como essas pessoas eram selecionadas para tal trabalho. O quarto, conhecer as suas esperanças – caso o candidato fosse eleito, se existia a esperança e quais eram. E por fim, conhecer o perfil dessas pessoas dispostas a gratuitamente doar seu tempo em trabalho político.

A entrevista mostrou que existe uma tendência a fazer um trabalho diferente. Dos dezesseis entrevistados, sete responderam que não eram cabos eleitorais e em suas justificativas, apontavam que o cabo eleitoral estaria relacionado a um trabalho em troca de dinheiro; um trabalho em que se briga por determinado candidato e algo sem muita responsabilidade. Um deles afirmou que o termo cabo eleitoral estaria ultrapassado:

Prefiro o termo 'colaborador'. O termo cabo eleitoral é ultrapassado, da época da política forçada. Usado pelos políticos coronéis. Embora utilizado ainda. Colaborador é atual, daí melhor para trazer para a política. (Homem, 37 anos).

Uma outra disse que não se interessava por política, mas já vem trabalhando a mais de 2 anos no partido:

Política assim né muito meu forte não. Ainda não. Quem sabe um dia. (Mulher, 25 anos).

Apenas uma senhora afirmou que não sabia se era cabo eleitoral e não soube explicar o porquê.

Aqueles que afirmaram que eram cabos eleitorais, apontaram como porquê, suas atividades no partido: apoio ao candidato, ajuda em campanhas e persuasão para conquistar votos. Dois cabos colocaram a atitude de votar no candidato ao qual trabalhavam como atribuição de um cabo eleitoral:

Aquele que vota. Voto nas eleições, ajudo nas campanhas dos candidatos. (Mulher, 58 anos)

Responsabilidade minha, de votar num candidato de respeito, candidato honesto, se todo mundo tivesse essa consciência, não seria roubalheira. Hoje em dia, por R\$ 50,00, vendem o voto. (Homem, 24 anos)

Apenas um senhor, apontou que era cabo por “ser cidadão”.

A explicação da motivação apareceu em quatro tipos: desejo de mudança; crença em obedecer a ordem extramundana; gosto por política e por fim, oportunidade de trabalho/aprendizado. Dentre os entrevistados, sete responderam que trabalhavam por querer mudar a atual política. A fala que o partido tem como necessidade, fazer algo diferente – mudar – apareceu nas falas. Eles são instruídos ao desejo de mudança e a necessidade de uma real mudança. Mudança essa, que traria benefícios sociais para aqueles que mais dependeriam, ou seja, a necessidade de buscar uma política para ações coletivas e sociais, onde não teriam interesses egoístas:

Desejo de mudança, aonde o governo e políticos tenham uma visão social aplicada. Proporcionando bens. Política para o bem. (Homem, 37 anos)

Ideais: política para todos, melhores condições sociais para as pessoas. Influenciar e ajudar pessoas. (Mulher, 32 anos)

A ideia de se fazer por obediência em uma ordem extramundana, “obedecer a Deus”, aparece de modo explícito em duas falas. Como característica do neopentecostalismo, a vida religiosa e suas crenças estão presentes em todas as áreas da vida do cristão neopentecostal. A atividade política não fugiria à vida religiosa. As falas refletem essa realidade: ter a sua vida religiosa perpetuando as demais áreas da vida, inclusive a atividade política – atividade de um cabo eleitoral.

Crendo na promessa, na palavra, na profecia - 'Quando o justo governa, o povo se alegra'<sup>124</sup>. Acredito ter justos com Deus. Penso no povo, na coletividade, não penso em mim. (Homem, 46 anos)

Porque eu sou servo e quando chamam, é para obedecer. (Mulher, 58 anos)

Não trabalharia lá fora não. Faço por amor para eleger. (Mulher, 48 anos)

Essa última fala é interessante, pois o amor a que se refere a essa senhora de 48 anos, é o amor a “obra de Deus”.

O gosto pela política também apareceu em duas falas, numa delas, uma senhora que era pré-candidata ao cargo de vereador e uma outra que mesmo não se considerando cabo eleitoral (porque também desempenhava um auxílio jurídico, mas também era presente em atividades de serviço de rua) afirmaram ter interesse por política antes mesmo de ingressar no grupo de trabalho.

Sempre gostei de causas sociais, sempre me envolvi, então é por esse motivo. (Mulher, 34 anos)

Eu me interessei, até ia vir como candidata para somar voto para o pastor. Eu vejo a necessidade das pessoas. Quando eu me acidentei no trabalho, fiquei 5 meses para ir a uma consulta. Minha perna travou, o povo fica a desejar. Agora todo mundo aparece e quer fazer, mas depois some. (Mulher, 55 anos)

E por último, dois cabos apresentaram como resposta a responsabilidade e crença na honestidade do candidato e oportunidade de aprendizado e trabalho.

Minha responsabilidade de votar num honesto, fazer as pessoas votarem num honesto. (Homem, 24 anos)

Oportunidade surgiu. E é uma forma de aprendizado, é bom saber um pouquinho de tudo. (Mulher, 25 anos)

A ideia de um candidato religioso honesto foi propagada durante todo período de campanha. Não que este fosse imune a corrupção, porém se corrompesse seria excluído do

<sup>124</sup> A fala deste cabo eleitoral, refere-se ao versículo: “Quando os justos governam, alegra-se o povo; mas quando o ímpio domina, o povo geme.” Provérbios 29:2.(JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA - TRADUTOR, 2001)

grupo e do partido, como explicaram a rotatividade de candidatos<sup>125</sup>. Dois cabos eleitorais não responderam essa pergunta.

A motivação acaba por se basear na ideia de uma recompensa extramundana e na necessidade de mudança. O servo fiel será recompensado na sua vida aqui e no “céu”, baseado em sua obediência e temor a palavra de Deus, ele será abençoado. E como já mencionado, repito as falas do pastor Elias, num pronunciamento a seus cabos: “os que me abençoarem, eu abençoarei”. Atuar na campanha de um pastor honesto, é para eles um ato de obediência a Deus – servidão – e também uma benção. A mudança da política vai no mesmo caminho; honesto é esse “irmão” e por sua honestidade, a política mudaria. Sairia da realidade de “roubos e desvios”, para um governo responsável e social.

A inserção no grupo se dá pelo convite, alguns aproveitam o gosto pela política, já outros encaram como uma extensão da servidão<sup>126</sup>. Quinze cabos eleitorais afirmaram que vieram para o trabalho político convidados, apenas uma, afirma que a vivência da sua família em atividades políticas a motivaram. Cinco dessas pessoas afirmam ter se aproximado da política por meio da igreja, trabalhando para candidatos evangélicos:

Política já na vida, pelo altar, pela igreja que congrego. Aprendi a fazer pela igreja onde conheci a luz. Tento levar os da luz para ser um representante nosso lá em cima. Ainda que alguns vacilam, eu não olho para trás. (Homem, 46 anos)

Veio todo mundo junto. Não vejo como um trabalho, vejo como a obra de Deus, que a gente tá dando voluntariamente. (Mulher, 47 anos)

Comecei a 6 anos, na panfletagem, sem ficar junto. Tinha prazer, por amor a Jesus. Fazia ao candidato da igreja. Sempre abracei, ia sozinha. (Mulher, 55 anos)

Na época do Vieira Reis, trabalho de rua, segurando placa, convidando pessoas para ajudar. Tomei conta de comitê, era liderança. Cuidava de pagamento, arrumava tudo. Nesse agora eu sou líder: panfleto junto e arrumo pessoas para ajudar. (Mulher, 58 anos)

Quando me foi ensinado que a condição ideal para administração segundo os moldes divinos, que são: Homens capazes, capacidade não intelectual; pessoa que faz por amor. Me apresentei diante de um tribunal como um faxineiro e o juiz no final do depoimento disse que eu tinha de ser seu secretário Estadual da pasta. Homem de verdade fala e sustenta, temente a Deus e não avarento. (Homem, 68 anos)

Sete cabos afirmam que convidaram amigos para fazer parte do grupo, uma entrevistada, por exemplo, foi convidada por sua amiga que já integrava o grupo. O grupo é fechado, onde comumente se entra por convite de algum membro.

<sup>125</sup> Há sempre um novo candidato apoiado pela igreja porque o anterior corrompeu-se a desse modo perde o vínculo religioso e partidário.

<sup>126</sup> Servidão aqui, refere-se a “servir a Deus”, ser servo em moldes bíblicos com já dito anteriormente.



As esperanças mostram-se presentes em oito entrevistados, um deles afirma ter “muita esperança”. Já um outro diz que não tem esperança, mas caso lhe ofereçam algo, aceitaria:

Não espero nada, mas caso tenha, trabalharia. (Mulher, 63 anos)

Aqueles que afirmaram ter alguma esperança pós-eleição; apontam a eleição do candidato, cumprimento de sua “missão”, trabalho e desenvolvimento social para o povo:

A 45 anos cuido de presidiários, profissionalizando. Expectativa de montar projetos profissionalizantes nos presídios. (Homem, 68 anos)

Eleição do candidato, em primeiro lugar, sem interesse. (Mulher, 48 anos)

Boa consciência, saber que não tem mancha, podem tomar decisões. (Homem, 46 anos)

Que a minha visão social se torne realidade. O bem pela população. (Homem, 37 anos)

Ser advogada do partido. (Mulher, 37 anos)

Dar continuidade ao trabalho que já faz. Aprimorar. (Mulher, 32 anos)

Cumprir a missão dada. (Homem, 30 anos)

Foi prometido um espaço, não sei qual. E caso não tenho, não tem problema não. (Homem, 30 anos)

Crescimento do partido, vida profissional. (Mulher, 22 anos)

Os cabos eleitorais possuem uma média de quarenta e oito anos de idade, onde a mais nova tem vinte e dois anos e o mais velho possui sessenta e oito anos. Foram dez mulheres e apenas seis homens, os solteiros somam cinco pessoas e os casados, onze. Os níveis de escolaridade variam entre fundamental I Incompleto e Superior Completo, o que faz com que os participantes do grupo desempenhem atividades diversificadas – a educação é algo levado em consideração na escolha das funções. Declararam-se pretos e pardos e apenas duas senhoras afirmaram ser brancas<sup>127</sup>. A renda do grupo é em maioria de mais de 2 a 5 salários mínimos. Apenas um casal recebe mais de 10 salários mínimos, três recebem até 1 salário mínimo e 2 recebem mais de 1 a 2 salários mínimos. O grupo todo reside em áreas periféricas da cidade de Campos. Não existe interesse por parte deles em se candidatar, caso o nome seja pedido, eles assumiriam, como foi o caso da senhora Creuza, que viria como candidata vereadora por meio de um pedido da liderança.

### 5.7. Considerações finais

Os cultos foram acompanhados desde o início do campo. Cinco igrejas foram selecionadas (Central, Regional de Santinho, Regional do Diadema, Igreja comum da Casinha e a igreja comum de Quatro Ondas) devido à localização se encontrar em zonas que o candidato

<sup>127</sup> Quando eu perguntava a cor dos entrevistados, eles tentavam devolver a pergunta para mim: “que cor você acha que eu tenho?” E eu logo respondia que não podia atribuir-lhe uma cor.

iurdiano do PRB em 2012 obteve maior votação. Assim, as igrejas seriam acompanhadas a fim de se perceber discursos políticos em cultos religiosos.

Foram assistidos 29 cultos, sendo 28 cultos de domingo e um culto de 5ª feira onde foi realizado a consagração de um pastor e também uma caravana realizada para o Templo de Salomão. E diferente do que imaginava, os cultos seguiam uma rotina normal: compreendendo a sua liturgia que mantinha unidade em qualquer IURD que eu visitasse. Com a convivência fui recebendo outros convites a cultos, conforme a disponibilidade, eu os aceitava, em sua maioria, convidavam a ir na Central, organizava-me para não deixar de visitar as outras quatro IURD selecionadas.

Como já afirmado, os pastores e bispos não faziam campanha nos púlpitos, mas as áreas de próxima a IURD eram constantemente panfletadas e seus membros aconselhados a votarem no candidato. É de Smiderle (2011) a afirmação de que as igrejas evangélicas são uma das principais fontes de informação política, percebi tal afirmação na atuação da igreja.

Para compreender melhor e estabelecer laços, eu visitava semanalmente a sede do partido. As visitas aumentaram no período de campanha eleitoral. Onde eu já almoçava com eles. Com as visitas conheci um pouco mais da realidade de cada um, conheci também seus “testemunhos” religiosos. Realizei 16 visitas.

As reuniões internas eram de caráter social – antes do período de campanha e política – já no período eleitoral. As reuniões sociais ocorriam em organização dos eventos festivos. Onde se dividia as obrigações e responsabilidade por doações, bem como quais locais apoiariam. Visto que os eventos são gerenciados pelo grupo da Central, entretanto podem receber auxílio de outros grupos (como FJU e evangelistas), bem como o grupo social de outras regiões. As reuniões políticas organizavam o grupo de cabos do pastor candidato a vereador. Dividiam tarefas, relatavam as atividades feitas e orientavam para que o trabalho fosse eficiente. Algumas reuniões foram feitas depois do expediente entre 16h-17h e após ela, um grupo era dividido em locais de panfletagem.

As reuniões gerais ocorreram antes e durante a campanha eleitoral. Tinham por objetivo educar os pré-candidatos e os orientar. Dentre essas reuniões, foi feito um “Seminário Político”, onde o líder e secretário, mostraram a identidade do partido. As reuniões explicavam mudanças na legislação eleitoral e ensinavam a fazerem suas campanhas dentro da lei atual. A reunião que apresentou a desistência da campanha majoritária deixou a maioria descontente. O presidente

estava sério e explicou que a decisão foi da comissão estadual que cortou recursos dos municípios para investir na campanha majoritária da capital.

A convenção partidária obrigatória, assim como observado por Carneiro (2009), serviu apenas para expor a lista de candidatos já pronta e organizada pela comissão. Neste dia também, foi inaugurado o auditório do partido que recebeu o nome de um dos componentes da comissão, o cabo eleitoral José. Outra reunião que cabe destaque, explicou a divisão da lista partidária em candidatos A, B, C e D. Informando sobre material de campanha e o quantitativo de recursos que cada um receberia, nesta, o pastor candidato e Heitor candidato a reeleição foram considerados A. Heitor por ter sido bem votado e o pastor Elias por contar como voto dos fiéis. Participei de 12 reuniões.

As confraternizações do grupo de ação social e confraternizações entre eles são momentos interessantes para perceber que além de um grupo de trabalho são também um grupo de familiares e amigos, muitos ali têm relações de parentesco. Três festas de “ação social”, foram realizadas, duas antes da campanha eleitoral e uma após a eleição; nesses encontros, eram feitas doações, sorteios, e servido comidas de acordo com o tema da festa.

Uma festa foi realizada na comunidade de Vivendas com o tema da páscoa – Páscoa na Comunidade. As outras duas festas foram realizadas na comunidade de Mimosa, com o tema de festa Junina e Natal. Ao final, o grupo religioso fazia uma oração de cura e milagres, sempre convidando para que os moradores fossem a IURD mais próxima. A oração era feita por algum outro pastor convidado para o evento, o líder João conduzia a festa, mas pedia a outro que orasse. Em nenhuma destas, o candidato – e depois já vereador – Pastor Elias, esteve presente. Uma festa foi realizada no feriado da independência. O churrasco custeado em maior parte pelo líder João, contou com a presença de FJU equipe de cabos e o candidato Elias. Nesta, o pastor Elias fez um pronunciamento e pediu ajuda aos jovens em sua candidatura, pois seriam “a força” do país.

As festas são momentos de lazer em que eles saem do ambiente de trabalho. A vida religiosa continua presente, faz parte do todo que é o cabo eleitoral neopentecostal. As festas são apreciadas pelo líder, que as vê como um momento de “apresentar sua família”. Nas falas dele: “somos um grupo para o trabalho e também para o lazer”, o que é percebido nos eventos. Outra característica é a rapidez para organizar eventos de médio porte. São organizadas com poucos dias de antecedência: em dois dias as tarefas e doação são divididas e tudo sai conforme o planejado.

Os cabos são pessoas escolhidas dentre um grupo de amigos e familiares, selecionados por serem “fieis”. A ausência de fidelidade ou desinteresse para o trabalho acarreta na saída do grupo. Um grupo coeso que se mantém por relações de amizade e parentesco, forte controle por meio do líder, obediência total e fidelidade ao líder, somados à ideologia religiosa, afinal: “servo é para servir”. Sem experiência com trabalho político, assumem a função e nela permanecem por não enxergar como um “trabalho”, no sentido de ser enfadonho e sim momentos de interação<sup>128</sup>, o que desperta interesse na sua atuação por estarem entre “amigos. No fim da campanha eles lamentavam que não se veriam mais com tanta frequência. Maria lastimava-se que ficaria sozinha no partido, era visível que a relação era além das formalidades de trabalho.

Muito embora nem todos se auto identifiquem como cabos eleitorais, eles compreendem que suas funções e atividades são políticas, afastam-se da titulação por enxergarem e atual política como algo negativo, relacionado à corrupção e “roubalheira”, como bons cristãos que primeiramente são, buscam afastar-se de tais atividades corruptas.

A esperança existe, para alguns a eleição do candidato, seja ele quem for já é suficiente; outros esperam a oportunidade de um emprego que pode não vir e não os afastará das atividades voluntárias; há ainda aqueles que nada esperam além da sensação de estar ajudando ao próximo, de estar contribuindo para a melhoria de outras vidas. Se os conceitos de assistencialismo e clientelismo cabem aqui ou não, não é a questão por mim tratada. E sim, como um líder conseguiu e consegue mobilizar um grupo de 30 pessoas, que em eventos pode quadruplicar, sem pagar ou prometer algo além de se estar “fazendo a vontade de Deus” e “cumprindo a sua missão de servo”. Essa é a questão: a coesão de um grupo baseado numa ideologia religiosa cristã.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A etnografia da política foi de grande importância para esse trabalho. Permitiu conhecer “de perto e de dentro”<sup>129</sup>, conhecer a realidade do grupo e compreendê-los a partir deles mesmo, dando voz e os pensando como atores, sujeitos de seu contexto. A Grounded Theory (Teoria Fundamentada) auxiliou-me na empreitada deixando que o campo guiasse as minhas teorias.

---

<sup>128</sup> Quando perguntados sobre o que mais gostavam no trabalho, as respostas foram: “ajudar”, estar entre “amigos e fazer amigos” e “servir”.

<sup>129</sup> Referência ao texto “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” de José Guilherme Cantor Magnani.

Ao chegar ao campo, eu já possuía algumas pré-noções sobre cabos eleitorais e candidatos evangélicos das leituras que havia fazendo, porém foi no dia-a-dia do campo com tudo que eu via e ouvia, que as teorias para explicação foram inseridas. De modo que não o dado do campo não fosse forçado às teorias, ao contrário, pensava algo que pudesse explicá-lo em sua originalidade.

A teoria fundamentada nasce a partir de Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss, sociólogos que estudaram o processo da morte em hospitais nos Estados Unidos. Até a década de 1960, pouco ou nada se falava sobre a morte em hospitais. A equipe de pesquisa buscou compreender o modo como as pessoas lidavam com a morte em diferentes espaços. Observavam como os pacientes terminais lidavam com a notícia da possibilidade de sua morte. (CHARMAZ, 2009, p.17) Conforme o andamento da pesquisa, Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss desenvolveram estratégias metodológicas sistemáticas que foram utilizadas posteriormente por outros pesquisadores. Eles defendiam o uso dos dados do campo para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, contrariavam o método dedutivo. (CHARMAZ, 2009, p.17)

Charmaz (2009), assim como os pais fundadores, chama atenção para que a teoria fundamentada seja utilizada de modo flexível. Para a autora, o método não deve ser usado de modo fixo e fechado, ao contrário, deve ser adequado ao objeto. A teoria fundamentada também pode ser combinada a outros métodos. Concordo com Charmaz que vê a teoria fundamentada como método para aprender sobre o mundo estudado e também para elaborar teorias para compreender este mundo estudado. (CHARMAZ, 2009, p.24) Para este trabalho a teoria fundamentada foi combinada à etnografia da política.

A Grounded Theory combinada a etnografia da política auxiliou a construção dos questionários que orientaram a entrevista. Os questionários utilizados para as entrevistas foram feitos quando já estava situada no campo, construí perguntas a partir da realidade que o campo havia me oferecido. Buscava saber como se enxergavam, como foram escolhidos – selecionados – porque trabalhavam e o que esperavam.

A partir das respostas e dos demais dados obtidos nas incursões, construí categorias para a análise. Agrupando as respostas que seguiam a mesma linha de raciocínio numa mesma categoria. A partir dessa categorização foi criado o conceito de cabo eleitoral para o campo estudado, bem como as suas principais características. Acrescentando assim, um dado diferente do que a bibliografia havia me mostrado.

A literatura acadêmica mostra a carência sobre o tema em trabalhos brasileiros. O tema entrou em pauta na construção da minirreforma eleitoral e dividiu opiniões: cabos eleitorais merecem pagamentos ou não? Por fim, o pagamento foi permitido, aceitando também a possibilidade da existência dos voluntários. A estes últimos não há qualquer limitação de quantidade. As notícias apontam corrupções por meio dos cabos eleitorais e uma busca pelos direitos. O TAC aparece como uma alternativa na luta por direitos mínimos dos trabalhadores em campanhas políticas. Visto que eles não se enquadram na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Os cabos eleitorais que acompanhei, são pessoas que se predispõem ao trabalho político voluntário. Como voluntários, não recebiam salários, mas ajuda de custo distribuída entre todos os componentes – quando havia dinheiro para ser distribuído. Não tinham gastos com alimentação, três refeições eram oferecidas diariamente a todos os permanentes, bem como aqueles ocasionais que eram convocados em dias de eventos maiores. Desse modo, cerca de 30 pessoas alimentavam-se diariamente no espaço da casa e em dias de eventos, o número poderia chegar na casa dos cem. Diferente da situação dos cabos eleitorais descrita nas notícias aqui apresentadas, os cabos que acompanhei possuíam total estrutura: água, banheiros e alimento. O partido disponibilizou toda estrutura para o trabalho, de modo a terem qualidade, mesmo sem a assinatura do TAC.

Os cabos despendem horas de suas vidas em atividades políticas mesmo sem gostar de política, fazem pelo grupo. A entrada no grupo se dá por meio de um convite seja do líder ou de algum membro<sup>130</sup>, o que demonstra como o grupo é fechado. E a permanência no grupo dá-se pelas relações já estabelecidas: laços de amizade, parentesco e não menos importante, a ideologia religiosa. O fato de enxergar a atividade política como também parte da sua servidão, justifica o trabalho. Justifica de modo que mesmo sem gostar, fazem por anos consecutivos e obedecendo a todas às normas.

A esperança em algum benefício pós trabalho existe e embora tenha referência ao extramundano – “Deus recompensará”<sup>131</sup> – pode vir do mundo terreno também. Quando surge alguma vaga ou oportunidade de trabalho, os cabos eleitorais são escolhidos de acordo com as

---

<sup>130</sup> Os componentes do grupo comentavam de amigos ou familiares ao líder, que pedia para levá-los na reunião.

<sup>131</sup> Fala que escutei no campo.

suas capacidades para atuar. Para receber o benefício não basta apenas ser um cabo eleitoral voluntário, tem que possuir formação. Por isso, diversas vezes, presenciei o líder incentivando-os a estudar e afirmando que não daria uma vaga ou oportunidade para aquele que não tivesse a capacidade de executá-la.

Um dos cabos que atuou na última eleição, está trabalhando como assessor do pastor Elias; já uma outra que também atuou e continua prestando serviço administrativo voluntário, não conseguiu nenhum emprego. O benefício de ser empregado pós eleição existe, mas não é o que move os cabos eleitorais. Aqueles que não estão trabalhando na prefeitura ou câmara, continuam vinculados ao grupo e participando das atividades e eventos do partido<sup>132</sup>.

O PRB é centralizado e as demandas veem dos diretórios nacionais e estaduais. O caso do ex-vereador Heitor demonstra a centralização descrita por Carneiro (2009), o ex-vereador viria como candidato a prefeito, vinha se destacando em pesquisas, entretanto, próximo à Convenção Partidária, todos foram surpreendidos com o “recuo” nas campanhas majoritárias. A notícia dada era de contenção de despesas e concentração na majoritária da capital, dessa maneira, cidades do interior e outras não iriam mais disputar o pleito majoritário. Todos estavam inquietos, irritados e triste, menos Heitor, este parecia entender a sua função e obedecia de bom grado as ordens.

A terceira via de argumentação que proponho, consiste nos dados encontrados no campo e demonstram um terceiro modo de classificar cabos eleitorais: nem por dinheiro ou clientelismo, nem por relações de amizade e parentesco com o político e sim por uma ideologia institucional que direciona o grupo. Não é o personalismo do indivíduo que disputa o pleito ou os benefícios dados ou prometidos a priori, o grupo trabalha arduamente pela ideologia que os une, que os direciona. É a instituição que motiva, une e direciona o grupo, todo trabalho é feito pela instituição – pelo partido, personificado na posição do líder – independente do candidato.

A IURD também é uma instituição centralizadora. Todas as suas demandas saem do bispo a partir dele vem a divisão dos poderes. Como uma espécie de franquia, todas as igrejas maiores ou menores, de interior ou de grandes centros urbanos, seguem uma mesma linha. Uma ligação vista nos cultos, nas liturgias sempre idênticas. Esse grupo já acostumado com a centralização religiosa, não estranharia a centralização partidária, ao contrário, adapta-se bem.

---

<sup>132</sup> O mesmo grupo que acompanhei em toda campanha de 2016, estava presente na reunião para organização do evento da semana da mulher em 2017 e no evento dedicado às mulheres no dia 10 de março de 2017.

As festas e eventos abertos cumprem duas funções: mostram o tamanho e a força do grupo e compreendem espaços de sociabilidade e lazer do grupo. Os eventos eram grandes, organizados e construídos em curto espaço de tempo. A cabeça do líder planejava, passava suas ideias aos demais e em um ou dois dias, as tarefas estavam divididas e o evento ocorria melhor do que planejado. Não existia investimento externo e nem pagamento pelo trabalho, tudo era feito no voluntariado, na dedicação do grupo. O trabalho mesmo árduo, era feito com alegria. Era prazeroso para eles estar naqueles espaços, embora fosse cansativo. Era também um momento de lazer, de ver aqueles que não estavam juntos no cotidiano do partido, abraçar aqueles amigos que se encontravam nos eventos, levar as crianças e mostra-las todo aquele mundo.

Tudo isso reflete a importância que a IURD possui enquanto instituição religiosa. Deus, encontrado nos templos iurdianos teria mudado a vida destas pessoas de modo que não é um fardo trabalhar gratuitamente para um pastor candidato. Até porque, para eles, este candidato, é alguém que governa em nome do povo, pelo povo. Não sendo egoístas ou corrupto e caso torne-se, será “retirado” – como já ocorreram tantas vezes.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Odete Valverde Oliveira. A disputa política na cidade de Cataguases. *Revista Científica Da Faminas*, v. 1, n. 2, p. 235–254, 2005.
- CARNEIRO, Andrea Rodrigues. *Processo de Seleção de Candidatos ao Cargo de Deputado Federal no Estado do Rio de Janeiro - Organizando as “Peças” do “Quebra-Cabeça”*. 2009. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2009.
- CARVALHO, José Murilo De. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. *Dados*, NULL, v. 40, n. 2, 1997.
- CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada: Guia prático para análise qualitativa, tradução de Joice Elias Costa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- EAGLETON, Terry ; tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.
- JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA - TRADUTOR. *Bíblia Sagrada Revista e Atualizada no Brasil*. 2ª. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.
- KUSCHNIR, Karina. Antropologia e Política. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 65, p. 163–167, 2007.
- KUSCHNIR, Karina. *O Cotidiano da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- LEMONS, CHRISTINA; TAVOLARO, Douglas. *O Bispo: A história revelada de Edir Macedo*. [S.l.]:



Larousse, 2007.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Política e Religião: a participação dos evangélicos nas eleições*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, v. 15, n. 32, p. 129–156, 2009.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais e política no Brasil. *ComCiência*, NULL, v. 5, p. 1, 2005.

MARIANO, Ricardo. Religião e política no Brasil: ocupação evangélica da esfera pública e laicidade. In: AVELAR, LÚCIA; CINTRA, ANTÔNIO OCTÁVIO; ORGS. (Org.). *Sistema Político Brasileiro: uma introdução*. 3.ed. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung e Editora Unesp, 2015. p. 342–355.

MAZZILLI, Hugo Nigro. Compromisso de Ajustamento de Conduta: evolução e fragilidades e atuação do Ministério Público. *Revista de Direito Ambiental*, v. 41, p. 19, 2006.

NUAP. Uma Antropologia da Política: Rituais, representações e violência. *Cadernos do NuAP*, v. 1, 1998.

OLSON, Mancur; tradução de Fábio Fernandez. *A Lógica da Ação Coletiva: Os Benefícios Públicos e uma Teoria dos Grupos Sociais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

PAIVA, Denise; BRAGA, Maria Do Socorro S.; PIMENTEL JR., Jairo Tadeu Pires. Eleitorado e partidos políticos no Brasil. *Opinião Pública*, v. 13, n. 2, p. 388–408, 2007.

PEIRANO, Mariza G.S. Três Ensaio Breves. *Série Antropologia*, v. 231, 1997.

RIBEIRO, Florbela Almeida. *Políticas Tenetehara e Tenetehara na política: Um estudo sobre as estratégias de uma campanha eleitoral direcionada a uma população indígena*. 2009. Universidade de São Paulo, 2009.

SCHWARZKOPF, Alejandro Lezcano. Eleições Municipais em Santa Maria: Um olhar Antropológico. *Revista do Centro de Sociais e Humanas.*, v. 19, n. 2, p. 23–32, 2006.

SMIDERLE, Carlos Gustavo Sarmet Moreira. Entre Babel e Pentecostes: cosmologia evangélica no Brasil contemporâneo. *Religião e Sociedade*, V.31, Nº2, v. 31, n. 2, p. 78–104, 2011.

### **Legislação**

BRASIL. *Lei Nº 12.891, de 11 de Dezembro de 2013*.

BRASIL. *Lei Nº 13.165, de 29 de setembro de 2015*.

BRASIL. *Lei Nº 9.504, de 30 de Setembro de 1997*.

SENADO FEDERAL. *Emenda Nº 2, de 2013 (De Plenário) Aditiva*  
 TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Resolução No 23.457.2016

### Notícias

ACADEMIA BRASILEIRA DE DIREITO. *Justiça condena político a indenizar cabo eleitoral que perdeu a visão*. [S.l: s.n.], 2013. Disponível em: <[http://www.tst.jus.br/materias-especiais/-/asset\\_publisher/89Dk/content/id/2871755](http://www.tst.jus.br/materias-especiais/-/asset_publisher/89Dk/content/id/2871755)> Acesso em 20/12/2016

BARREIRA, Gabriel. *Com R\$ 27 por dia, cabos eleitorais desejam fim de subemprego no Rio Alguns*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://gerry.jusbrasil.com.br/noticias/134640233/com?r?27?por?dia?cabos?eleitorais?desejam?fim?de?subemprego?no?rio>>. 20/12/2016

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SANTA CATARINA. *MPSC - Decretada prisão de vereador e cabos eleitorais em Sombrio*. [S.l: s.n.], 2012. Disponível em: <<http://nota-dez.jusbrasil.com.br/noticias/100064456/mpsc-decretada-prisao-de-vereador-e-cabos-eleitorais-em-sombrio>>. 20/12/2016

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL - PROCURADORIA DA REPÚBLICA NA BAHIA. Termos de Ajustamento de Conduta. p. 1–2, 2016. Disponível em: <<http://www.prba.mpf.mp.br/paraocidadao/pecas?juridicas/termos?de?ajustamento?de?conduta>>.

NOTA DEZ. *TSE - Contratação excessiva de cabos eleitorais configura abuso de poder econômico*. Bituruna: [s.n.], 2012. Disponível em: <<http://nota?dez.jusbrasil.com.br/noticias/100060655/tse-contratacao-excessiva-de-cabos-eleitorais-configura-abuso-de-poder-economico>>. 20/12/2016

PORTAL NACIONAL DO DIREITO DO TRABALHO. *Contratação de cabos eleitorais será fiscalizada pelo MPT*. [S.l: s.n.], 2014. Disponível em: <<http://pndt.jusbrasil.com.br/noticias/127378043/contratacao-de-cabos-eleitorais-sera-fiscalizada-pelo-mpt>>. 20/12/2016

PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO AMAZONAS. *MPT e MP Eleitoral recomendam providências às principais coligações na contratação de cabos eleitorais*. [S.l: s.n.], 2014. Disponível em: <<http://pr-am.jusbrasil.com.br/noticias/141862180/mpt-e-mp-eleitoral-recomendam-providencias-as-principais-coligacoes-na-contratacao-de-cabos-eleitorais>>. 20/12/2016

SANCHES, Mariana *et al.* *O eleitor profissional*. [S.l: s.n.], 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/o-eleitor-profissional-20209618#ixzz4Mn1RliJb>>.

TSE: divulgação de contas eleitorais de 2016. Disponível em: <<http://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/>> Acesso em 21/02/16

### Sites

Endereços da IURD. Disponível em: < <http://www.universal.org/enderecos/> > Acesso em 26/01/17

Endereços da IURD. Disponível em: <<https://iurdenderecos.wordpress.com/paises/>> Acesso em 26/01/17

Godllywood. Disponível em: <<http://www.godllywood.com/br/>> Acesso em 01/02/17

Intellimen. Disponível em: <<http://sites.universal.org/intellimen/> > Acesso em 01/02/17

IutdTV. Disponível em: < <http://sites.universal.org/tvuniversal/>> Acesso em 26/01/17

Rede Aleluia. Disponível em: < <http://www.redealeluia.com.br/sobre-a-rede-3/>> Acesso em 01/02/17

**ANEXOS****ANEXO A. MODELO DE QUESTIONÁRIO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS COM OS CABOS ELEITORAIS*****Política/ Religião***

1. O Sr/ A Sra. se considera um cabo eleitoral?
2. Por quê?
3. Como O Sr/ A Sra. começou a trabalhar na política?
4. Há quanto tempo O Sr/ A Sra. trabalha na política?
5. Qual a sua função?
6. O Sr/ A Sra. é voluntario (a)?
7. Por que O Sr/ A Sra. trabalha com política?
8. Sr/Sra. já teve algum cargo remunerado?
9. Qual cargo remunerado foi?
10. Em que ano teve este cargo?
11. Por quanto tempo foi?
12. Algum familiar do Sr/ A Sra. já teve algum cargo remunerado?
13. Qual cargo remunerado foi?
14. Em que ano teve este cargo?
15. Por quanto tempo foi?
16. O Sr/ A Sra. já trouxe algum amigo para trabalhar na política?
17. Para qual função?
18. O Sr/ A Sra. é filiado (a) ao partido?
19. Há quanto tempo?
20. O Sr/ A Sra. já se candidatou em alguma eleição?
21. Tem vontade de se candidatar?
22. O Sr/ A Sra. mais gosta no seu trabalho?
23. O Sr./a Sra. Tem alguma expectativa com seu trabalho após a eleição?
24. Qual seria essa expectativa?

***Sobre o PRB***

1. Como conheceu o PRB?
2. Já havia trabalhado para algum outro partido?
3. Qual?
4. Em qual função?
5. Por quanto tempo?
6. Por que saiu?

**Dados gerais/ Perfil**

Idade:

Data de Nascimento:

**Sexo:**

1. Homem
2. Mulher

**Cor:**

1. Preta
2. Parda
3. Branca
4. Indígena
5. Amarela

**Estado Civil:**

1. Solteiro (a)
2. Amigado (a) / Casado (a)
3. Separado (a) / Divorciado (a)
4. Viúvo (a)

**Escolaridade:**

1. Analfabeto
2. Alfabetizado
3. Fundamental I incompleto
4. Fundamental I completo
5. Fundamental II incompleto
6. Fundamental II completo
7. Ensino Médio incompleto
8. Ensino Médio completo
9. Superior Incompleto
10. Superior Completo
11. Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado.

Profissão:

Reside em qual Bairro?

**Renda Familiar:**

1. Até 1 salário mínimo
2. De 2 a 5 salários mínimos
3. 6 a 10 salários mínimos
4. Mais de 11 salários mínimos

## ANEXO B. PERFIL DOS CABOS ELEITORAIS ENTREVISTADOS

Perfil dos Cabos eleitorais em Campos dos Goytacazes, nas campanhas eleitorais de 2016								
Idade	Sexo	Cor	Estado Civil	Bairro	Escolaridade	Renda	Profissão	Exerce a Profissão
22 anos	Feminino	Preta	Solteira	Donana	Ensino Médio Completo	Mais de 1 a 2 salários mínimos	Vendedora	Não
24 anos	Masculino	Pardo	Solteiro	Donana	Ensino Médio incompleto	Mais de 1 a 2 salários mínimos	Vendedor	Sim
25 anos	Feminino	Parda	Solteira	Prque Califórnia	Ensino Médio Completo	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Administradora	Não
29 anos	Feminino	Parda	Casada	Novo Jockey	Ensino Médio Completo	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Gerente	Não
30 Anos	Masculino	Pardo	Casado	Parque Corrientes	Superior Completo	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Servidor Público	Sim
30 anos	Masculino	Pardo	Casado	Donana	Superior incompleto	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Não respondido	Não
32 anos	Feminino	Parda	Casada	Jardim Carioca	Superior incompleto	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Secretária	Não
34 anos	Feminino	Branca	Solteira	Penha	Superior Completo	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Bacharel em Direito	Não
37 anos	Masculino	Preto	Casado	São Domingos	Superior incompleto	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Autônomo	Sim
46 anos	Masculino	Pardo	Casado	Centro	Fundamental I completo	Mais de 2 a 5 salários mínimos	vendedor	Sim
47 anos	Feminino	Preta	Casada	Donana	Fundamental I incompleto	Mais de 2 a 5 salários mínimos	vendedora	Não
48 anos	Feminino	Parda	Casada	Parque vera Cruz	Ensino Médio incompleto	Até 1 salário mínimo	Padeira e cozinheira	Sim
55 anos	Feminino	Preta	Solteira	Parque Vicente Dias	Ensino Médio Completo	Até 1 salário mínimo	Auxiliar de serviços gerais e lactarista	Não
58 anos	Feminino	Branca	Casada	Parque João Maria	Fundamental II incompleto	Até 1 salário mínimo	Do lar e autônoma	Sim
63 anos	Feminino	Parda	Casada	Vera Cruz	Superior Completo	Mais de 10 salários mínimos	Professora	Não
68 anos	Masculino	Preto	Casado	Fundão	Ensino Médio Completo	Mais de 10 salários mínimos	Técnico em Mecânica e estradas e policial militar reserva	Não

Fonte: Tabela construída pelo autor.